

que o obstinado lidar com o equivalente de um rebelde e ás proporções naturaes me reduziu as avantajadas excrescencias calosas da paciencia fiquei tendo horror de morte a tudo quanto se diz ordem, nexo ou ligação; e o meu espirito, livre dos signaes cabalísticos de Francoeur, corre de vento em popa no mar dos extravagantes caprichos do meu espirito, que n'esta perigosa derrota ainda não sabe quando avistará terra.

Ainda algumas observações, desculpas, se assim quizerem, n'esta especie de galanteio, com que faço ao público as honras do meu romance.

Disse romance: não era tal a minha ideia, escrevendo as primeiras linhas d'esta pobre narrativa, mas como de tal acabo de a ver alcunhada na chronica de um jornal litterario, á falta de nome que melhor lhe convenha, acceitei a chrisma, declinando comtudo a sua responsabilidade no lisongeiro chronista.

Alguem me demonstrou o inconveniente de não querer descrever os retratos dos meus futuros heroes n'este seculo, em que o daguer-ferotypo e a photographia se incumbem de fazer passar á posteridade o chato frontispicio de qualquer *João Fernandes* «que por nome não perca». Ha na verdade razões poderosissimas que a isso obstam. Escrever um retrato deve ser pouco mais ou menos o mesmo que pintar uma palavra. Muito pode a penna quando manejada por Homero grava na *Iliada* o viver glorioso dos ultimos semi-deuses; muito pode o pincel quando na tela dá vida á imagem seductora de uma *Fornarina*: fóra porém da esphera a que está circumscripto o seu podêr, a penna e o pincel são menos que impotentes... tornam-se nullos.

Tenho visto retratos feitos por grandes escriptores e preciso de depositar um voto de confiança no seu bom gôsto para saber se o quadro que me reproduzem é cópia d'uma extraordinaria belleza, ou d'uma mediana vulgaridade. Poder-me-hão descrever uns rasgados olhos negros: mas n'essas phrases sem sentido fico perplexo, conjecturando inutilmente todos os cambiantes, toda a differença que yae dos olhos da desinvolta andalusa, que irradiam chispas de fogo e voluptuosidade, á phosphorecencia dos mortifcos bugalhos d'uma filha de Guiné.

E já que estamos em maré de confidencias, porque o não direi eu?... Cesarina não era bella: conheci-a em toda a verdura da juventude, d'essa primavera da vida que tudo embelleza, que tudo anima, que tudo perfuma,

e só a quem por largo tempo a tractára, é que não seria indifferente. Como a tímida violeta ella passava, offuscada pelo brilho das mais flores, sem que uma lagrima da aurora, um beijo do zephiro ou um raio do sol a festejassem! E comtudo no traçado d'aquella fronte espaçosa ressumbrava uma vasta intelligencia; n'aquelle olhar sempre limpido e sereno transluziam visos de angelica bondade, e aquelles labios, mudos para o sarcasmo, eloquentes no confôrto, naturalmente despediam torrentes de singela poesia.

Tinha então pouco mais de onze annos, e na minha phantasiosa imaginação de creança adivinhára aquella grande alma, tão rica de extremosos sentimentos e nobres aspirações, quasi sempre a partilha dos entes predestinados para a desgraça. Data talvez das poeticas reminiscencias d'esta epocha a força magnetica que me attrahe para toda a mulher que não é uma belleza, mas em cujo coração eu vou encontrar a doçura de um anjo casada com a resignação de martyr.

Um typo de formosura enleva-me os olhos, mas não me falla á alma; passada aquella especie de embriaguez que se sente ao olhar pela primeira vez para uma obra prima, discuto-o como artista, mas não me fascina como homem. É que eu julgo que uma mulher extremamente formosa não foi criada senão para ser vista. Percorrei com os olhos um salão resplendente de mil bellezas, e quando elles depararem com uma mulher que recostada desdenhosamente olha ou parece olhar da altura a que a elevaram a admiração dos homens e o seu orgulho para o almiscarado tropel de seus satellites sempre com um sorriso que á força de muito estudado nada exprime, com um olhar indifferente cujo brilho não parte da alma, respondendo glacialmente aos semsaborões madrigaes que em tórno lhe murmuram, tendes encontrado a rainha da festa, o idolo d'essa noite...

Esta é a mulher que no meio do delirio de uma valsa vos pedirá que a toda a pressa a conduzaes ao *toilette* porque uma trança de seus cabellos, apesar de todos os *cosmétiques* descobertos, teve o atrevimento de se elevar um pouco mais, tirando todo o effeito a uma rosa artificial que n'ella prendia; mostra durante mezes e annos uma dedicação, um amor fogoso a esta mulher, e se um dia por um capricho lhe pedis que não olhe para um outro, ella vos expulsará do seu real agrado.

O que eu disse a respeito d'estas mulheres pôde tambem applicar-se áquellas que, não tendo os seus dotes physicos, imaginam que

os têm: n'esta hypothese, como em algumas mais, ser e crer ser é identico.

Tenho visto mulheres que fariam inveja ás Vénus dos estatuarios gregos; e n'essa mesma harmonia de rectas e curvas encontro um não sei que de estátua que gela, a impressão que me causa é o enfado da monotonia, porque tudo n'ellas é compassado e frio, cheio de regras como a tragedia antiga. E succede que a natureza quasi sempre é no espirito de uma parcimonia exaggerada com tudo quanto no physico é demasiadamente prodiga; se estivessemos em tempos de milagres podiamos ainda esperar como Pygmalião que essa estátua se animasse... mas hoje...

Sabeis com que fôrça se abraça o naufrago á última tábua de salvação que vê boiar sobre o oceano? é a mesma com que se abraça ao amor a mulher que em seu íntimo cogitar diz a sós consigo mesma: se este foge, onde me apparecerá um outro? Porisso eu dou de conselho a todo o leitor que quizer ser amado verdadeiramente que escólha uma mulher antes feia do que bella, e mais velha do que nova; e assim d'alguma fôrma já este capítulo terá um merecimento.

No seguinte contaremos a historia do amor de Cesarina e do capitão Tavares.

Augusto Sarmiento

O CAÇADOR E A LEITEIRA

(IMITAÇÃO DE BÉRANGER)

Ao meu amigo Bernardino Pinheiro

A cotovia, da floresta á beira,
Do dia canta o matutino alvor;
Ao bosque segue o caçador, leiteira,
Segue-o—que, terno, fallará de amor.
Para enfeitares o formoso seio
As flores vamos da estação colhêr.
—Que venha perto minha mãe, receio,
Não quero o tempo, caçador, perder.

Tua mãe, leiteira, e sua cabra ainda
Estão por traz d'aquelle outeiro além;
Eu vou cantar-te uma canção bem linda,
Que das senhoras do palacio vem.
Moça, que um dia conseguir sabel-a,
Fará nos homens a paixão nascer.
—Eu sei ainda uma canção mais bella,
Não quero o tempo, caçador, perder.

O caso debes escutar famoso
Do espectro horrivel de um feroz barão,

Que á sepultura conduziu, cioso,
A trega espôsa pela propria mão.
Tão negra historia, quando a noite é feia,
Faz os que a ouvem de pavor tremer.
—Tambem sei uma de phantasmas cheia,
Não quero o tempo, caçador, perder.

Quero ensinar-te uma oração de encanto
Para dos lobos o furor sustar,
Que te ha de sempre do fatal quebranto
Das feiticeiras infernaes livrar.
Teme que alguma, n'un momento aziago,
Feitiços queira contra ti fazer...
—Comigo sempre este rosario trago,
Não quero o tempo, caçador, perder.

Pois bem! repara n'esta cruz fulgente,
Que tem no meio oriental rubi;
Moça, que a traga sobre o peito assente,
Todas as vistas chamará p'ra si.
Toma-a!—bem cara me custasse embora...
O premio sabes que eu espero haver.
—Oh! quanto é bella! Eu vos escuto agora,
Não temo o tempo, caçador, perder.

Colmbra, 1860

Eugenio de Barros

O MAR

Não vi ainda do oceano as vagas
Levantarem seu collo em meio do abysmo;
Revoltos mundos de ondulante massa
Sem orbita, sem rumo, em curso vário
Rolar por sobre as turgidas campinas,
E sobre ellas cahir após instantes
Atufados no pelago: enraivado
Troar alli o vento, e ao rijo açoute
Encurvarem-se as aguas, e correrem
Ao longe em fundas rugas açodadas;
Cahir sobre ellas o pesado manto
Da escuridão horrivel da procella,
Prenhe de raios, de outras aguas prenhe,
Que as cerca, que as opprime, e sob as trevas
As revolve, ergue ao ar, e ao fundo as lança.
Nem lucta desigual travar com as aguas
Vi quebrado navio, e ao dorso d'ellas
Remontar-se em furioso e activo gyro
Á vontade das ondas e dos ventos.
Não fui á praia por manhan serena,
Á tarde, á noute, em bonançosa quadra;
Não vi a lua namorar-se n'agua,
Tranquillo espelho do oceano immenso,
Que dorme o calmo somno aos beijos tepidos
Da maritima brisa: nem o murmurio
Das mansas vagas lhe senti na praia,
Que deve em gozos arronbar a alma.

Que mundo é esse? E qual a mão que o ha feito?
 Em ti, profundo abysmo, immensa mole
 De atroadoras aguas, em ti penso!
 Penso em ti, sem te ver, sem te haver visto,
 Sem de perto sentir-te, ouvir-te o estrondo
 Da voz tua, que assombra o homem tímido.
 Mas quem de ti me falla? e aos meus ouvidos
 Quem me aproxima o teu rugido insano?
 Porque eu ouço-te, ó mar! Eu vejo as ondas
 Crescer em serras moveiças, negras
 De turva espuma; quaes fórmas insolitas
 De sanhudos gigantes uns aos outros
 Na voragem sumindo em rija lucta,
 Eu ouço lá do fundo de tuas aguas
 Sahir medonho estrepito, eu te vejo,
 E vendo-te eu te admiro, eu tremo e assusto-me!
 Voz e braço do Eterno! Ao mundo extrema!
 Um teu rugido espanta, uma onda absorvê!...
 Não mais a furia tua, ó forte oceano,
 Quero que me apavore a mente incauta!

A. L. dos Sanctos Valente

ALGUMAS LINHAS

A proposito d'uma poesia

Quando se tem fallado tanto de poetas e poesias, quando a arte anda ali discutida em todos os livros e jornaes, talvez pareça inconveniente aventar algumas palavras a respeito d'uma obra d'estas. Mas não é. «Não ha lauda impressa que não tenha o seu merecimento» disse já alguém: e bom foi dizel-o homem de tanto saber! se os crentes estão sempre firmes no seu posto, e lá esperam morrer sem mentir á sua consciencia, ao menos que se fortaleçam e animem os fracos, que não têm ainda a fé tão robusta para arrostarem com o insulto da ironia.

Hoje quando o contágio do interesse tem minado todas as classes, e chegado a desorientar até os proprios artistas, que por extrema tibieza d'alma hão transigido com o gosto da moda, ou com o que tem mais valor no mercado, hoje em que o interesse é o verbo da epocha, presista muitas vezes o homem da arte de se conservar como isolado da sociedade para fugir aos ruinosos principios que ella procura incutir-lhe.

A arte por sua natureza nobre e desinteressada como um vôo d'alma, ideal e contemplativa como o pôr do sol, esperançosa como o abrir da manhan, não pode casar-se com a frieza calculada da indústria, nem sujeitar-se ao bater compassado das manufactu-

ras. N'esta athmosphera eivada de vis interesses define o nome como a flor a quem tiraram o calor e a luz.

Deixae-a livre n'aquelles seus anhelos, sempre aspiradores do infinito, estadiar-se pela immensidade do pensamento, e vel-a-heis esplendida e magestosa arrebatavos por um sentimento intimo de grandeza, revelador do genio do homem.

Symphathica em Raphael, melancholica em Bellini, religiosa em Miguel Angelo, estrondosa e confusa em Meyerbeer, arrojada em Byron, triste em Lamartine; a arte é e será sempre o espirito de Deus vivo revelado á consciencia pela conversa íntima do pensamento.

Diz Victor Hugo que «toda a ideia tem uma fórma que lhe é propria, sua fórma por excellencia, completa, rigorosa, essencial, preferida por si a outra qualquer, que junctamente com ella nasce do cerebro do homem de genio.»

Verdade bem certa, e que nunca o artista devia tirar diante dos olhos. Uma ideia pode sim exprimir-se d'este ou d'aquelle modo; mas a sua fórma natural e verdadeira, aquella que melhor a retrata ninguem pode duvidar de que não seja uma só.

Poderia Miguel Angelo porventura a não ser na igreja de S. Pedro manifestar a sua grande concepção religiosa? Poderia Camões a não ser nos Lusíadas descobrir bem o fundo da sua alma? Raphael quantas poesias e romances deveria escrever para desenhar uma só das suas virgens?

Assentemos n'isto. Quando alguém descobre uma ideia, de involta com ella logo lhe vem a fórma por que a deve exprimir.

Que importa que a escreva na tela, no marmore ou no papel? que importa que tome o pincel, o escopro ou a penna? Raphael pinta uma virgem, Michelet escreve um livro «*La femme*»; e ambos são grandes artistas, admirados e queridos.

Uma vez achada a fórma da ideia, seria a maior de todas as impiedades torcel-a só para comprazer com o espirito da moda. O artista tem tambem a sua patria nobre e augusta a defender dos homens sem crenças, que profanos idores a esmo decidem do bom e do mau. A elle cabe, a elle só, fortificar a sua fé, fortalecer o seu pensar, engrandecer-se pela intimidade da meditação, e comprehender bem o fundo da ideia revelada.

Eis porque a existencia d'uma eschola é um absurdo; e o nosso poeta não tem eschola. Nem a harmonia do sentimento, combinada

com o rigor da fôrma, tem esta poesia íntima e apaixonada dos dezanove annos, que lhe faz chorar o coração, para depois se derramar em versos, tão melódiosos como a toada da musica a perder-se lá no fundo d'uma alameda. E nós admirámos esses versos tão naturaes, tão singelos, tão castos, sem perguntarmos quantas lagrimas valeram ao poeta, que deixou ahi parte da sua alma a perfumal-os e ungil-os com aquelle aspirar contínuo, que nos faz voar o pensamento por sobre as pequeninas cousas do mundo e perder-se depois na immensidade, e o espirito chorar lagrimas de não sei que saudade como se quizesse abraçar o seu Deus!

Nunca vistes debruçado no leito da dor o homem nobre, que pelas agonias vae contando as horas que lhe restam ainda d'esta vida tão cheia de lagrimas?

Nunca contemplastes esta resignação melancholica, que se pinta no rosto do inferno, quando elle sente já o frio torrão pesar-lhe sobre o corpo amortecido?

Lede esta poesia, que bem merece o nome.

O inferno

Foge do ceu em braza, ardente, irado,
O sol; e breve assoma
A meiga e doce lua d'entre a coma
Do bosque na montanha desmaiado!

Cahe a lagrima da vista; e já o riso
O labio seu anima!
Cahe a folha da planta; e logo em cima
Rebenta o pomo aveludado e liso!

Sombria avulta a rocha; mas a espuma
A encobre, a converte
Em vello alvo de neve; e o somno inerte
Transforma-se na vida que perfuma!

O filho foge á mãe; e logo Aquelle
Que os filhos dá e rouba,
Manda outro que a triste ao ceu arrouba,
Bem como á loura abelha o louro mel!

Vae-se a luz, vem a noite; e da bonança
A tempestade foge!
Amanhan seguirá o dia d'hoje!
A desdita a celeste e doce esperança!

Á nuvem negra o ceu; e aos bravos ventos
Sôpro suave e manso...
Tudo passa! tem fim! e tem descanso!
Só eu não vejo o fim aos meus tormentos!

ALBERTO TELLES

Não respiraes ahi esta tristeza íntima e consoladora, que nos enebria o coração, como se

a alma forcejasse por desprender o seu vôo a uma nova patria?

Não tereis agora uma palavra sequer de consolação para dar de esmola ao pobre inferno, que resignado na angústia só tem voz para pedir ao seu creador fim aos seus tormentos?

Não sentis uma lagrima de piedade humedecer-vos as faces pelo pobre que vê perto de si o dia do passamento?

Oh! o poeta não foge aterrado diante do moribundo que lhe estende os braços para lhe dar o último abraço de despedida, um abraço de irmão, que vae procurar outros ceus, outros mundos!

Elle, que vive sempre com Deus, fugir!... não! abraça-o, e com a sua alma vôa á nova mansão.

Poesia como esta sente-se e admira-se, mas não se discute.

Alberto Sampaio

CHARADA

Estou no homem, na mulher, } 2
Na igreja estou ás vezes:

Se a ella vaes, não vaes bem, } 2
Podes soffrer teus revezes:

O final d'esta charada } 1
Ves n'um campo de parada.

Resulta d'um instrumento,
Que empregado faz mal,
Chocando sempre a primeira,
Que é o mais natural.

Valladas Mascarenhas

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

ASSIGNA-SE na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

PREÇOS

EM COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Tres mezes. . . . 300 | Seis mezes. . . . 660

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitonas n.º 19.

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL



Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento



Volume I

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Sampaio, A. Saraiva de Carvalho, A. Telles, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 5 — JANEIRO 15 — 1861

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a producção

(Continuado do n.º 3)

A faculdade prolifica do homem, dissemos nós, é inferior á sua faculdade productiva. Effectivamente os alimentos tendem a crescer com maior celeridade do que a população. As materias fabris e nutricias, longe de minguar ou altear de preço, propendem a baratear e a multiplicar-se com a multiplicação dos homens. Esta é a regra.

Malthus e Ricardo tomaram ao contrário a regra, a tendência mais constante como excepção. E o que nós chamâmos excepção, opinaram elles que era a regra.

«É fóra de dúvida, diz Malthus, que a povoação não contrariada por obstaculo algum, dobra todos os vinte e cinco annos, crescendo de periodo em periodo n'uma progressão geometrica.» Raciocinando Say sôbre a fôrça prolifica do homem, *abstrahindo dos tropeços artificiaes*, conclue que, n'esta hypothese, *triplicaria um povo dentro de vinte e seis annos; Petty crê na possibilidade d'elle duplicar dentro de dez.*

Assentando-se assim o problema sôbre a base do poder *virtual* da povoação, ha de tambem estabelecer-se sôbre a do poder *virtual* da producção. Os obices ao crescimento dos homens e dos alimentos, que se não derivarem das leis naturaes, hão de considerar-se eliminados. Deve-se figurar não só o desinvolvimento *potencial* dos homens, mas tambem das especies nutrientes em toda a sua plenitude.

Ora, diz Malthus, o crescimento das subsis-

tencias nunca poderá ir alem da progressão arithmetica. A maioria dos economistas subscreeveu a esta proposição. Mas como a validam e documentam? Por todos fallará Rossi:

«A terra, diz elle, esgota-se e envelhece sem remedio, privada do auxilio do capital: a especie humana não envelhece nunca: aos individuos fatigados, impotentes, ou que a morte fere, succedem os moços e os robustos.»

As gerações ao contrário é que podem apagar-se da superficie do globo, faltando-lhes o capital, a materia reparadora, o alimento. A terra privada d'elle pode esgotar-se temporariamente; mas nem envelhece, nem morre como o homem. Dos dois elementos da questão, o primeiro, a população, não é o mais apressado (a). Rossi reconhece contradictoriamente a verdade d'este assêrto, quando diz — que não fazendo cabedal dos obstaculos, a terra se apinharia de homens com o lapso d'alguns annos, *bem como o solo se coalharia de trigo, e de peixe o oceano, se nada contrariasse a fôrça reproductiva de cada grão e de cada peixe.*

Basta attentar na infinidade milagrosa das ovas dos peixes para que nos convençamos de que Rossi não exaggera. O barbo põe 600 a 700:000 ovos de cada postura; as mugens treze milhões. Dois arenques, diz Baudrillart, pejariam em dez annos o oceano, ainda que elle inundasse todo o orbe terraqueo.

Em quanto Malthus augura mal do rapido incremento da povoação por mui superior ao das subsistencias; queixa-se Sismondi da estupenda exabundancia dos productos e mercadorias. Por quem nos havemos de decidir n'esta contradicção dos classicos da sciencia?

(a) Sr. Oliveira Marreca.



«Pela verdade, e a natureza das cousas que nos está mostrando regiões inteiras despovoadas, e com a sua potencia productiva ainda virgem; em quanto alguns paizes nos apresentam o espectáculo d'uma população em grande parte indigente com apparencias de exuberante e recalçada, mas na verdade miseravel por defeitos das instituições, e não por culpa da natureza (a).»

Sendo certo que as povoações que crescem facilitam, pelo facto do seu crescimento, o mecanismo da produção, e que as que se condensam desinvolem, pelo facto d'essa condensação, esse mecanismo, d'ahi podêmos *a priori* inferir a possibilidade d'uma epocha em que a renda social augmentasse com mais rapidez do que os seus usufructuarios. Esta conjectura ganha proporções de these se attendermos a que as máchinas, dando-lhes materia prima sufficiente, podem bastecer muitos *globos habitados* como o nosso. A sua potencia toca no infinito.

Com as theorias da população e da renda agricola de Malthus e de Ricardo iriam as cousas ao envez do que temos descripto. *Subsistencias e gerações* seriam elementos disjunctivos, incasaveis, dispares. Estas em seu impetuoso fluxo acercar-se-hiam do meridiano das subsistencias, tendendo a ultrapassal-o; aquellas, pelo gradativo empobrecimento dos solos, repulsariam as gerações procreadas da nutrição substancial para a dieta religiosa, e por último do berço para o esquite. A humanidade seria colhida em botão da arvore da vida, ou gemeria fatalmente agrilhoada ao ceppo da miseria.

Segundo esta eschola, as gerações recrescem abastardando-se a raça, minguando e peiorando o alimento, não se protrahindo a vida até á maturidade; recrescem pela exaggeração da parcimonia, sem o toque e a seiva das gerações espontaneas, sem que a rotação das colheitas seja adequada ás gerações accrescidas; recrescem em summa rareadas sempre pelas explosões da fome, e sempre reparando as vagas que o tumulo deixára no quadro dos vivos. É Phenix renascendo das proprias cinzas, é o perenne revolver da roda d'Ixion.

É certo que na India, China e Japão, entre os arabes beduinos, e em outras tribus errantes o facto preponderante é multiplicarem-se as massas pela fecundidade da miseria, e pela nimia parcimonia. É certo ainda que entre as familias caucasianas, primogenitas da civilisa-

ção, cujo incremento se filia na sufficiencia dos commodos, surgem minorias parasitas, eivadas da penuria cujo número engrossa pela deficiencia dos viveres. A Flandres, a Galliza, a Irlanda vegetam por inopia de meios, e n'ellas sem embargo as multidões pullulam. No mesmo giro e pela mesma lei gravitou o mundo feudal e a prisca civilização romana. Mas este escassear de substancias alimentárias na proporção do número dos habitantes é um facto anomalo que ha de ser desfeito pela mó dos seculos, e pela pressão omnimoda e absorvente das nações policiadas.

Uma pequena adição de alimentos que em paizes menos abstemios bastára apenas para o seu estacionamento, nos povos jejuadores é fermento sufficiente para se recrutarem novas legiões. Filhas e mães da indigencia, estas multidões supranumerarias são quintadas em flor pela fouce inexoravel da morte, pois as urgencias reduzidas, os salarios mesquinhos, e as frugalidades cenobiticas não se adunam com essas redundancias. Ora é com o accesso dos impuberes a semi-trabalhadores, e a trabalhadores completos que se restaura a matriz das emprezas, a milicia escolhida, o elemento viril da humanidade (a).

É a infiltração no commum dos espiritos do sentimento reflexivo, que modera os ardores da sezão concupiscente, é a collaboração do poder mechanico, alliado e creatura do homem que o exime do duplo jugo da necessidade e da fadiga, é a sciencia e independencia das nações perfeiçoistas, ancoradas no porto da liberdade, que as mantêm em condições tão outras das que cercam as povoações retardatarias da Asia.

Cotejando as rotações das colheitas, do trabalho muscular, e da potencia mechanica com a productividade prolifica da nossa especie, marcam-se n'esta periodos de intermittencia invencivel e limitações de duração, desconhecidas ao laboratorio terra, ás faculdades do homem, e á corporação indefessa dos agentes inanimados.

Mas não virá um momento no escoar dos seculos em que o globo, regurgitando de homens não possa abrigar sob a sua copa gigante as gerações sôbrexcedentes? Não advirá uma epocha em que a morte, suprema autocrata do mundo, tenha de acolher ao seu

(a) N'uma serie de artigos, cuja introdução publicámos já no n.º 15 dos *Preludios Litterarios* no corrente anno, estudaremos mais de espaço as leis do crescimento anormal da povoação. Aqui estudámos individualmente o seu crescimento normal, reconhecendo que no mundo sublunar nem tudo é harmonia.

pallio os desherdados da fortuna, e em que o complexo dos flagellos de Deus, baixando das nuvens, envolva as nações em sua immensa mortalha?

Um relancear de olhos sôbre o mappa do mundo mostra-nos os homens faltando ás terras, e não as terras faltando aos homens; e nos poucos tractos agricultados a arte de aproveitar o collaborador-terra, a agricultura intensiva reduzida a um ponto na extensão do globo. É a refutação da hypothese com os dados do tempo presente. Para o futuro, duvidámos que o cálculo das probabilidades indique risco maior de se realizar a conjectura que a do encontro d'um cometa com a terra, que affirma Arago haver duzentos e oitenta e um milhões a apostar contra um, que se não encontrará (a).

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

○ vampiro

A noite fez-se para ser temida. Assim o dizem os velhos e com razão; pois que na verdade bem povoada é ella de sustos e terrores.

É de noite, que o pio agoureiro da coruja annuncia por sôbre o telhado do moribundo seu proximo passamento.

É á noite que as bruxas, depois de se fricionarem com um liquido especial, pronunciando o classico: *voa por cima de toda a folha*, transpõem instantaneamente distancias enormes para fazerem suas travessuras.

É pelo silencio da noite que os lubis-homens, *espojando-se* no solo, tomam a fôrma da última alimaria que alli tiver feito operação identica, e vão *cumprir seu misero fado* metamorphoseados em cães, jumentos ou quejandos.

É ainda pelas horas mortas da noite que acontecem mil e tantas desgraças, sendo a maior de todas o sahirem os vampiros de suas campas... e para que, meu Deus?! para chuparem gotta a gotta o sangue dos infelizes a quem desejam por companheiros lá na outra vida.

Que Deus nos preserve de taes sympathias: não haveria resistir-lhes.

Todas estas e muitas outras historias, a qual mais absurda, prendem com phenomenos naturalissimos, porém inteiramente adulterados pela ignorancia e pela tendencia para o maravilhoso.

(a) Srª Oliveira Marreca.

O vampiro, chamado pelos hespanhoes *perro-volador*, é uma especie de morcego de grandes dimensões, cujo corpo tem geralmente o comprimento de um pé e as azas estendidas quatro até seis.

O nariz comprido e aguçado, as orelhas nuas e ponteagudas dão á cabeça d'este animal muita similhaça com a da raposa: porém o que o torna ao mesmo tempo célebre e odioso é o detestavel hábito de chupar o sangue dos homens, ou d'outros animaes que encontre adormecidos.

É mui curioso o modo porque costuma haver-se em taes circumstancias.

Conhecendo instinctivamente que o individuo em quem pretende cevar-se está a dormir, desce-lhe aos pés, agita o ar com as azas mui suavemente de maneira que provoca na sua víctima um somno cada vez mais profundo e agradável.

Introduz então a aguda lingua n'uma veia, em sítio onde corra o sangue abundantemente, preferindo por via de regra as proximidades do artelho, e suga até que o pêso do liquido lhe difficulte o vôo.

A ferida, que d'este modo practica, não excede em diametro a cabeça d'um alfinete, não é por isso dolorosa; e como o *habil sangrador* continúa agitando o ar docemente, corre o individuo atacado grave risco de morrer exangue, antes de ter podido acordar: tal entorpecimento communica aos sentidos aquelle embalar traiçoeiro. M. da Costa Alemão

○ GATO PRETO

(Uma historia de soldados)

Sahia um dia do Sardão commandando uma diligencia para o Porto; eram pouco mais das tres horas da madrugada.

Viram já marchar uma fôrça militar de qualquer ponto, quando a luz do dia é ainda indecisa e duvidosa, quando a abobada do ceu é recamada de estrellas pallidas e amarellecidas, já quando a terra jaz mergulhada no descanso do somno, que nem ainda as aves têm começado os seus hymnos, parece que receiosas de que o dia se afugente de assustado e não quebre as trevas da noite?... Se ainda o não viram têm perdido.

É realmente uma cousa imponente e que mesmo tem seu quê de phantastico o ver moverem-se com a mesma regularidade uns poucos de homens, mudos, vagarosos, reluzindo-lhes á escassa luz da madrugada os ferros, de

que vão armados, e quebrando apenas a mudez que os cerca o som soturno e abafado de uma só passada, ou o tinir argentino de uma espada ou uma bayoneta.

Assim marchavam os meus soldados e eu os seguia na rectaguarda.

Teríamos andado dois kilometros de estrada na direcção do Porto, quando ouvi na frente da escolta uma voz, em que se denotava o espanto, exclamar:

«Oh rapazes, olhem, olhem... é o *Gato Preto!*»

A este brado de admiração seguiram-se outros dez eguaes, e eu como sobresaltado piquei de esporas ao meu cavallo, avancei para a frente e dando a voz de *alto* á força tentei descobrir o que assim tinha causado o pasmo de todos.

Vi então um vulto negro no meio da estrada. Era já quasi dia claro e eu de entre um montão desalinhado de farrapos e de sob uma cabelleira longa, hirsuta e desgrenhada, divisei uns olhos vivos e brilhantes, com um fulgor extraordinario, mas fitos, extremamente abertos e como immoveis.

Ao ver aquelle olhar, ao ver aquellas faces amarelladas e sêccas, ao ver aquelles braços descarnados e aquellas mãos myrrhadas e estendidas para mim, confesso que estaquei tambem e senti como um arripio de horror percorrer-me o corpo.

— Meu alferes, disse-me então o cabo Elvas que seguia ao meu lado, não é nada; é o *Gato Preto...* Coitada! é uma doida lá do regimento. Se v. s.^a dá licença que lhe dêmos um bocado de pão...

«Dêem, sim, dêem, tornei eu, tractando de me aprear para socorrer tambem a pobre louca, em quanto todos os soldados mettiem apressadamente a mão ao burnal para repartirem com ella as suas parcas provisões.

Aproximei-me pois e vi que, sentada ainda na estrada, tinha encruzado os braços no peito e conservava o mesmo olhar esgazeado e torvo. Era ainda uma rapariga; teria quando muito vinte e oito annos. Mostrava ter sido bella, apesar do descarnado das feições e das rugas prematuras traçadas no rosto pelo dedo do sofrimento e da fome.

Ella recebeu as esmolas, que todos lhe dêmos mergulhada na mesma insensibilidade, e, quando nos preparavamos a partir, ergueu-se de repente e com um grito de desesperação e uma energia incrível, bradou:

«Minha filha... que é da minha filhinha... ella é minha, quero a minha filha, não m'a podem roubar.

Depois arrepellou-se e d'aquelles olhos que tanta impressão me tinham causado, saltaram duas lagrimas, que foram rolando pelo cavado das faces.

Nós todos ficámos mudos ao contemplar aquelle horroroso quadro de loucura até que a pobre, soltando uma gargalhada, d'aquellas que attestam a irremediavel perda do espirito, continuou com tom piedoso:

«Coitados!... vão, vão, vão lá para essas terras dos pretos... mas, não sabem?... a minha filhinha já lá não está, não... Se eu hontem bem a vi a sorrir-me do ceu... aquelle anjinho...

E ao dizer isto, sorrindo por entre as lagrimas, que teimavam a adejar-lhe nos olhos, sumiu-se por um pinhal, que nos ficava á direita, com as mãos erguidas e os olhos fitos no ceu.

Ficámos todos como petrificados; os soldados mostravam um franzir de sobrançellas e um morder de bigodes, aonde se lia a piedade juncta ao mesmo tempo com o horror e o respeito, e eu mais impressionado do que todos, mal tive força para dizer:

«Então rapazes, que é isso?... vá, *hombro armas e ordinario-march*. É uma pobre desgraçada, coitada!...

— E bem desgraçada, meu alferes, exclamou um soldado, o 41 de granadeiros, que seguia na rectaguarda e que mais na voz e physionomia mostrava estampada a commiserção e a dor.

Era elle um rapaz na força da vida, de feições insinuantes e sympathicas, de talhe elegante e esbelto e de um trajar e modos, que accusavam o *bom soldado*.

Eu, tomando outra vez o meu antigo lugar, voltei-me para elle e perguntei-lhe:

«Então, 41, conheces esta pobre mulher?»

— Se conheço, meu alferes... Era lá do regimento. Pertencia ao 69, que foi para Ultramar.

«E sabes como ella endoideceu?»

— Se sei... mal sorteado fui eu que assisti a toda a desgraçada vida da pobre Maria Joaquina!

«Então se isso não é muito longo, conta-m'o lá.

— Meu alferes, v. s.^a manda... tornou elle, mas como custando-lhe o ter de avivar tristes recordações.

Passou a mão pela testa fazendo descahir a barretina para traz e accendendo um cigarro começou nos seguintes termos:

— Quando foi da Maria da Fonte e que o nosso regimento foi para Lisboa, havia na

minha companhia um rapaz lá da minha terra e que tinha assentado praça comigo. Era o 69. Vão aqui praças que bem o conheceram; lembras-te 23?...

— Oh! se lembro... tornou este; aquillo é que era um bom marujo... mal empregado!

— Pois, meu alferes, quando o regimento se encaminhava para a capital, o rapaz ficou doente em uma aldeiasita alli para o pé de Leiria; não me pode agora vir á ideia o nome da tal terra; mas isso não tem nada cá para o caso. Era em casa de um lavrador, que pelos modos avesava bom dinheiro e grandes terras. O 69 tinha adoecido, e o nosso coronel, como elle era bom soldado ás direitas deu-lhe licença para alli ficar até se sentir em estado de reunir ao corpo, porque o pobre do rapaz nem a cavallo se podia ter. Não sei que diabo de maleitas foram aquellas que lhe deram; eu sempre julguei que davam conta d'elle e que era um de menos para a companhia.

— N'essé entrementes chegámos a Lisboa e não tornámos a ter noticias do 69. Passei depois a granadeiros da rainha e quando foi da acção de Torres-Vedras achei-me tambem n'essa funcção. Como por alli as balas eram como terra e o rei manda marchar, apanhei então uma ameixa na perna esquerda, um pouco acima do joelho, que me ia deixando côxo para toda a vida.

— Levavam-me para o hospital de sangue quando vimos uma rapariga a chorar sôbre um pobre diabo que estava estartallado no meio do chão. As balas ferviam e assobiavam alli como cobra, mas a pobre da pequena nem as via nem as ouvia; não fazia senão gritar toda debulhada em lagrimas.

— Coitada! era uma *petiza* bem boa... Teria por ahí os seus dezeseis annos e era linda como os amores.

— Levantei-me a custo na maca, os que me levavam pararam e quizemos todos ver em que aquillo dava. Mas ella deixal-o... qual historia!... nem á bayoneta calada...

— Eu o que julguei foi que o homem ferido fôsse pae da pequena, ainda que leve o diabo os paes que levam filhas d'aquellas para o fogo.

— Sabe Deus com que dores, fui-me arrastando tambem para juncto d'aquelle grupo e vi que era um guerrilha ferido no peito e com uma arranhadura na cabeça, que lhe chegava até quasi á sobrançella direita. Os meus companheiros agarraram a pequena quasi á força para a levarem d'alli e quem hei de eu então descobrir?... O 69, o mesmissimo 69 da primeira, meu alferes!...

— Gritei logo aos meus camaradas — alto ahí!... a *petiza* pertence ao 69 do meu antigo regimento, e assim nem vocês lhe hão de fazer mal a ella, nem o hão de a elle deixar alli ao desamparo... talvez que esteja ainda vivo...

— Qual historia... aquillo levou-o o diabo... tornaram-me os outros já em acção de se pôrem a andar, porque na verdade por alli cheirava muito a esturro.

— Pois bem, gritei-lhes eu de cá, vossês têm medo?!... vão-se, vão-se e deixem-me aqui morrer mais esta praça, que é tão soldado como nós todos...

— Elles pesaram lá na ideia o meu dicto, e para encurtar razões levaram-me a mim, ao 69, que não dava amostra de vida, e á pequena, coitadinha!... que parecia um anginho, toda desmaiada, com os cabellos cahidos por as costas abaixo e com menos vida ainda do que qualquer de nós.

— Aparecemos depois tres no hospital de sangue, e graças ao nosso *mór* que aquillo é que era um homem, eu aqui estou, o 69 sabe Deus aonde pára, e a *petiza*... antes Deus a tivesse então levado para o ceu!... ella, que sem levar ferida era a mais doente, porque a modos que a sua doença era lá do coração, ella curou-se tambem, e é essa desgraçada que v. s.^a acabou de ver, meu alferes... Ai! o que nós somos... quem havia de dizer que a Maria Joaquina é hoje o *Gato Preto*!...

Continúa

A. F. de Loureiro

PSALMO

(CXXXII de David)

Do amor é sancto o laço!
O forte ao fraco ajude;
Ao irmão mais fraco escude
Do irmão mais forte o braço!

E a graça do Senhor virá sôbre elles:
Virá, bem como um oleo perfumado
Que, na frente de Aarão cahido, escorre,
Lhe inunda a barba toda, e vem descendo
Té que a fimbria da tunica lhe beija;

Virá, bem como o orvalho sôbre o monte
Sacrosancto d'Hermon, e sôbre o cimo,
O cimo de Sion, que Deus amára:

Porque sôbre as junctas frentes
Dos irmãos, que estreita o amor,
Mais que o orvalho sôbre os montes,
Desce a graça do Senhor.

Anthero do Quental

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

III

D. SANCHO II

Enfileirámos hoje n'esta galeria um vulto notavel. D. Sancho II foi um conimbricense illustre pelo nascimento e pela posição, maior ainda pelo infortunio. A sorte deu-lhe uma coroa que a desgraça cravejou de espinhos. Cidadão sem patria, rei sem throno, marido sem mulher, não seremos increpados de adulação por lhe esboçarmos o panegyrico.

Ama-se a realeza, quando os reis a exercem como um sacerdocio; respeita-se, convertida em Gêthsemani. Ella equivale á magistratura, ao magisterio, a qualquer encargo social honrado pela inteireza do funcionario. São odiosos os abusos, e porisso os despotas; mas tambem são pueris os sustos dos primeiros republicanos de Roma, enxergando a tyrannia n'uma sombra, disfarçada em um nome.

O genio do mal não incarnou n'uma classe, mas inficionou o mundo. Degeneram as mais nobres sementes; a innocencia purissima mancha tambem as azas; a poesia, o ideal do bello, a «virgem dos anjos emula», pécca, corrompe-se por vezes, e se nos ostenta em Virgilio adulatora, servil em Lucano.

O desditoso monarcha nasceu em Coimbra pelos ultimos mezes de 1209, e estreou o throno antes de chegar á puerbidade. Foi nobre e valente soldado, e nos variados recontros que teve com a mourisma nunca o desamparou a estrella de Ourique. Victima dos erros politicos de seu pae foi menos feliz nas luctas domesticas, e arcando com a curia romana que favorecia a desleal ambição de seu irmão e o resentimento do clero, sentiu escapar-se-lhe o sceptro por entre os horrores da guerra civil.

Privado do govêrno e preferindo o destêrro a viver obscuro na patria, retirou-se para Toledo, onde falleceu em janeiro de 1248.

Casou com D. Mecia Lopes de Haro, e as circumstancias romanescas d'este consorcio parece terem igualmente concorrido para a sua desgraça. Pousando a lança perdera-se pelo amor, e os louros se lhe enredaram nas teias subteis do artificio feminil. Pelo menos a enleios e feiticeria attribuíam então o affecto que concebêra pela gentil viuva que a historia accusa de ambiciosa e dura de coração. Não falta mesmo quem a supponha connivente com os conjurados e abusando da paixão que

despertára no real mancebo. Depois do célebre raptó de Portocarreiro o rei não se tornou a junctar com sua esposa, e os curtos dias do exilio se lhe deslisaram na solidade ermos de toda a affeição.

«Bastava que el-rei D. Sancho II fôsse infeliz para não ter amigos nem defensores... acompanhada a infelicidade da circumstancia de lhe provir de uma auctoridade respeitavel, poderosa e sagrada, cujas resoluções eram tidas como ordens emanadas de Deus.» A estas palavras do cardeal S. Luiz acrescentaremos as sentencias do Sr. A. Herculano: «A desgraça é expiação, e a expiação sanctifica o desgraçado. Não seremos nós que iremos assentar-nos sôbre a lousa de um principe que morreu na terra estrangeira, trahido, abandonado... para resumirmos n'um julgamento final quaesquer illações desvantajosas...»

D. Sancho II, derribado do solio pelos raios do Vaticano, é um forte exemplo do prestigio papal na idade média. A theocracia campeava desassombrada e superior a todos os poderes, podia dizer-se que jogava com as coroas. A Roma catholica não ia longe da Roma pagan; era vasto tambem o seu dominio, mais profunda e radical a sua influencia. A cruz substituiu as aguias e, alargando os braços, abrangêra maior imperio. Era o emblema do verbo, mais poderoso do que a força. Não avassallava pelas armas, não submettia pelo terror, mas estendia-se e enraizava-se pela doutrina. Esta vencia as intelligencias e sujeitava as vontades. Da grandeza proveio o abuso; e se a voz de um eremita levantára poderosas cruzadas, não admira que uma bulla pontificia depozesse um rei.

Do respeito supersticioso pelos actos de Roma se resentem as velhas chronicas n'este ponto, bastas todas ellas de erros e calúrnias, e até de vilipendios contra o illustre proscripto.

Correu porém o tempo, e a posteridade vai fazendo justiça. A sciencia sempre vale mais do que os seus ministros; e a historia desaggrava D. Sancho desacreditado pelos historiadores. Esta com o seu criterio é que avalia imparcial as realezas e as tiaras, e sem curar de affeições dá o seu a cujo é, pondo de parte adulações, palacianas ou tribunicias, tão perigosas umas como outras.

Contradição e má fé caracterisam a narração dos escriptores antigos. Entre muitos Duarte Nunes de Leão, omitindo na chronica d'este rei factos importantes da sua administração que o honram e abonam, tracta minucioso das causas da sua queda. Desfa-

voravel para o monarcha, accusa-o de «natural remissão e frouxidão, mais para viver mettido em um mosteiro que para governar seu estado... descuidado dos negocios de seu reino, e de todo inhabil para o cargo d'elles». Todavia confessa claramente que o conde de Bolonha impetrára do papa a bulla da deposição «temendo a resistencia que podia achar» porque «como a lealdade dos portuguezes para seu rei é tão natural... sabia o conde que ainda que de seu irmão estivesse todo o reino descontente... não soffreriam bem ver-lhe tirada a administração e o imperio e ficar como homem privado...» E prosegue citando os diversos rasgos de lealdade que então tiveram logar.

Fr. Bernardo de Brito diz-nos que «quando começou a reinar era de vinte e seis annos gastados mais em cura de suas enfermidades que nos exercicios de seus antepassados...»; porém mais adiante declara *ingenuamente* que «teve alguns recontros com os mouros... rebatidos com muito damno» e que «não perderam nos treze annos que reinou cousa alguma de seu estado». E é de notar que o bom do cisterciense, talvez adrede, falseou a idade do rei que apenas poderia contar treze annos quando começou a reinar.

Outro, depois das costumadas accusações, affiança que «visitára todo o seu reino, informando-se com exactidão do modo de administrar a justiça, abolindo muitos abusos... que Chaves e suas dependencias foram entregues aos portuguezes... que tomára Jerumenna e Serpa... por meio dos cruzados uma das Baleares... e Estombar, Alvor e outros castellos, acabando por se assenhorear de Silves, tantas vezes tomada e retomada».

Por isto mesmo se vê (empregâmos a phrase de J. A. de Figueiredo Ribeiro) que o seu «merecimento e boas qualidades de rei não poude inteiramente apagar a cabala de muitos dos seus vassallos, por mais que o fez martyr das ideias do seu tempo».

O consciencioso historiador frei Antonio Brandão foi o primeiro que, ainda a medo, se aventurou a defender D. Sancho das injustas arguições que pesavam sobre elle. Hoje a *Memoria* do cardeal S. Luiz e a *Historia de Portugal* do Sr. A. Herculano, e mesmo as *Memorias das Rainhas* do Sr. Fignière na parte relativa a D. Mecia, alumiam esta questão, elucidando-a com justa e desapaixonada critica.

«Vivemos n'uma epocha em que a inteira verdade dos factos e a liberdade de pensamento é enfim respeitada». A intolerancia

das opiniões expirou, porque é a opinião a rainha do seculo; e esta segura-se e fortalece-se com a docilidade e com a discussão franca dos principios. Foi ella que, em homenagem á desgraça, cingiu a fronte do nosso infeliz principe com a coroa do martyrio e puniu com as provas na mão os seus hypotheticas inimigos.

A. A. da Fonseca Pinto

Uma noite de theatro

Progressista por convicção, indifferente á lucta das facções que ahí quotidianamente se hostilizam, mais por causa d'um nome do que por uma ideia, para mim, o progresso não consiste exclusivamente n'um projecto de *melhoramentos materiales*, escapado á força de reclamações d'essa boceta de Pandora, em linguagem vulgar pasta de ministro; é que nem sempre as grandes ideias se incarnam nas grandes palavras, a prova é que na França a canção de *Béranger* exerce maior pressão sobre as massas de que a ode de *Victor Hugo*. Cousas do mundo... li com maior enthusiasmo um cartaz de theatro do que o artigo de fundo do jornal ministerial que tanto se extasia ante a *acção fomentadora* de seus amos, porque na tendencia das classes operarias para se educarem, instruirem e moralisarem auguro para o progresso mais solida *garantia*. Respeite-se o gallicismo, a sua inviolabilidade é *garantida* pela Carta Constitucional.

A moralidade é a pedra angular sobre que deve assentar toda a futura civilisação, assim como a associação a unica vereda que nos possa encaminhar á terra promettida, a nós geração incredula, Moysés da nova lei, que, avistando-a, talvez a não chegaremos a habitar.

Fechar ao povo as tabernas e espeluncas, e por meio de uma diversão, mais economica para a bolsa, menos ruinosa para a saude, chegar a instrui-lo e moralisal-o, é sem dúvida um grande pensamento; mas como pol-o em execução?

Consulte-se a historia e veja-se a perseguição que alguns dos nossos antigos monarchas fizeram ás *casas de taboagem*: abra-se o codigo phillippino, e ahí se acharão com barbara prodigalidade applicadas penas aos que prosigam em tão ruinoso modo de vida. Desgacadamente todos nós sabemos a sedução do pomo vedado, e talvez mesmo por este motivo tem passado de geração em geração, através dos seculos, mais frenetico, mais desinfrado esse brutal divertimento. Hoje a administração pública, Argos vigilante para todos os *mexericos electoraes*, tem muitissima razão em dormir o pouco tempo que tem de seu sobre estas e outras que taes *ninharias*; e ainda que assim não fôsse, os seus esforços seriam pela maior parte malogrados, porque o cauterio que não ataca a raiz não destrõe o canero.

É necessario pois que o povo o faça para o povo e pelo povo, e que o exemplo d'uns seja o motor da morigeração dos outros.

Coimbra é uma das terras que mais salutaes effeitos tem experimentado com este systema: as noites, d'antes passadas na crapula das orgias, são hoje dedicadas aos innocentes jogos philarmonicos e theatraes, e com esta nova vida a ordem, a economia e a moralidade se vão introduzindo na casa do artista, que se rehabilita.

« Eram estas, pouco mais ou menos, as considerações que nos borbulhavam á mente ao tomarmos assento na plateia do theatro da Graça na noite de 9 do corrente.

« A escolha das peças era má; ou, se ateiam muito, direi que era pessima!...

A primeira, intitulada *Martyrios e rosas*, o que tem de melhor é o nome, e na estação presente tem o valor da raridade. O auctor quiz compor uma comedia sem acção e sem linguagem, e coaseguiu o seu intento: com menos razão se têm dado por ahí alguns hábitos de Christo, porque ao menos o auctor fez... o que nem todos poderiam fazer. Antonio, velho soldado da guerra peninsular, morreria na extrema indignencia, como tantos, se sua filha com o trabalho da costura não lhe fôsse proporcionando o pão quotidiano. Uma ave de rapina porém pairava sobre o tecto d'esta pobre familia, e ambicionara-lhe seu unico thesouro, a virtude de Maria. Um rico brasileiro, incredulo como o *Fausto* de Goethe, libertino como o *D. Juan* de Byron, com damnado intento lhe aconselhava a expatriação para o Brazil; mas a Providencia sempre alerta n'esta pequena composição, vem metter de perneio o velho veterano entre sua filha e o Sr. Fonseca. Na mão luziam-lhe os canos de duas pistolas, «*eu devia mata-lo*» diz elle para o negociador de escravatura branca, mas preferiu cair com um *faniqato*, como qualquer menina que tem um ataque de nervos, quando o *papá* lhe recusa um vestido da moda: verdadeiramente acho que aquella immobilitade que conserva durante três scenas não é mais que um burguezissimo somno, porque quando acorda diz mui distinctamente «*ai! que horrivel sonho*»; ora que eu saiba não se sonha n'um desmaio. Mas o senhor Fonseca, teimoso e cabeçudo como um inglez, de quem já herdára o *spleen*, de novo mettê hombros á sua malograda empresa: d'esta vez o ouro que como premio da futura corrupção estendia a Maria foi cahir nas mãos de seu irmão Miguel, que o manda distribuir pelos pobres da freguezia. Como se vê é uma pequena variante da scena que já deixei apontada que igualmente acaba pela sahida do infeliz seductor, que vê libertar-se do jugo da miseria a desgraçada familia, a quem queria victimar, em virtude do emprêgo alcançado por Miguel.

O pensamento d'esta comedia em si não era mau, porém pobre para ser moldado n'uma acção dramatica, onde o espectador prevê d'antemão todos os lances até ao desenlace.

A execução correu fria e monotona como a composição, e a falta de um ensaiador competente notava-se sobre tudo n'alguns jogos de scena feitos de um modo excentrico e n'alguns gestos que se conformavam tanto com a palavra como se fossem inimigos capitães.

Seguíram-se os *Tres mentecaptos*. Tão repetida tem sido entre nós esta comedia que fallar n'ella aborrece: tão limitado será o nosso repertorio que não possamos deixar de assistir durante seis annos á representação de uma comedia, cujo merecimento de mais a mais é tão duvidoso?!

O *Marido singular* tem bastante chiste n'algumas scenas, e a maior parte d'ellas versam sobre engraçados *qui-pro-quos*: pertence á eschola de Scribe por todas as bellezas e defeitos, de que o maior sem dúvida é tornar-se repugnante pela sua immoralidade.

Os *Zuavos* é de um disparatado a proposito, sem novidade, sem verosimilhança, sem merecimento de qualidade alguma. O thema é o mesmo de todas essas farças que foram as delicias de nossos avós, que por ahí hoje correm impressas em papel pardo, dispu-

tando a celebridade á *Formosa Mangalona*, *João de Calais* e quejandos. Concebe-se que se escrevesse aquillo n'um momento em que Lisboa enlouquecêra pelos Zuavos; representada então deveria agradar e talvez mesmo chegar a fazer furor, tem-se visto tanta cousa!... mas o que ninguém concebe é que houvesse um actor com tal condescendencia que dêsse letra franca a um editor para publicar um peccado litterario de que a consciencia tanto o deveria arguir. Em geral agradou o desempenho d'esta comedia, e ahí em algumas partes se revelou muita vocação, que aproveitada bastante poderia dar.

Já se vê pois que temos razão em censurar a escolha d'este espectáculo, principalmente n'um theatro que deve ser uma eschola de moralidade e de instrução, e que parece ter sido criado antes para levar á scena comedias essencialmente portuguezas, como, entre outras, as de Feijó e Cascaes, e não traducções ou imitações contrafeitas, moldadas ordinariamente sobre costumes mui diferentes dos nossos, que a maior parte das vezes ternarão perplexos os artistas ao represental-as.

Não posso acabar sem rogar á direcção ou aos senhores que se encarregam da venda dos bilhetes, que acabem essa guerra de morte que fizeram a uma das mais indestructiveis leis da physica. D'esta vez confessámos que a sciencia ficou derrotada, o contendo foi maior que o continente, mas eu vi-me ameaçado de me tornar mais chato que uma folha de papelão. Isto quer dizer em portuguez corrente e lidimo que um theatro não é uma salmoeira, e que acabados os bilhetes em relação sempre com a capacidade do theatro, ninguém mais deve entrar.

Augusto Sarmento

MOSAICO

A obra prima de Homero. Homero fez Virgilio, dizem alguns, se assim é, foi a sua melhor obra.

Voltaire

Alvitre aos mestres. Não sei que benção particular deixou Deus ligada á instrução feita com doçura e amor: é um combate irresistivel ainda nos corações mais obstinados e cegos dos seus appetites.

Fr. Caetano Brandão

O amor e o casamento. O amor agrada mais que o casamento pela mesma razão que os romances são mais interessantes que as historias.

Chamfort

Explicação da charada do n.º 4: — *Pal-matoada*.

Erratas do n.º 4. Na pag. 31, col. 2, lin. 50, onde se lê — idores, leia-se — ridores; *ibidem*, em vez de dor, leia-se — do.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Sampaio, A. Saraiva de Carvalho, A. Telles, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 6 — JANEIRO 31 — 1861



Versa est in luctum cithara mea,
et organum meum in vocem fletuum.
Job, xxx, 31

Dois gemidos são os polos sôbre que gira toda a nossa existencia, um que apregoa a vida, outro que annuncia a morte. Nascendo já o homem tem a presciencia dos infortunios que o acompanharão no seu temporario exilio; porisso o abrir e o cerrar de seus labios é sempre um grito de dor, porisso o prazer e o sofrimento são por elle revelados por uma unica expressão; uma lagrima que mareje em seus olhos é a linguagem mais natural, mais íntima e expansiva na alegria ou na adversidade.

Contar com a vida é construir sôbre o ar. Agora o sol da esperanza doura com seus luminosos raios as grimpas do encantado edificio, logo ao menor sôpro da desgraça panno a panno o vemos desmoronar, falto de base; porque a vida é a frecha que voa, a folha que tomba, a nuvem que passa; e o dia de amanhã, escoado d'entre o incerto, d'entre o occulto, d'entre o mysterioso, pode ser previsto mas não atalhado pela sciencia dos homens: ai de nós! se em vez da copa da vida nos tem de offertar o calix da agonía, se em vez da coroa do heroe circumdar nossa frente com a aureola do martyr, se em vez do leito do gôzo nos ha de recostar sôbre o potro da tortura.

A vida é muitas vezes como o som perdido no espaço que morre sem despertar o echo fronteiro, como a flor outomniça que, surprehendida pelo gear do inverno, inclina a lan-

guida corolla onde começava a conglobar-se o fructo. O homem que sôbre a terra vê cumprida a sua missão pode como Cesar, envolvendo o rosto nas dobras da toga, convertida em sudario, resignado offerecer o peito aos golpes da morte; mas o que, conscio do que poderia ser, no meio da sua carreira sente exhausta a seiva da vida, não ha de com saudade abandonar este mundo, onde o tempo que lhe foge o priva de um futuro glorioso? Não era este o pensamento que André Chenier traduzia n'essa memoravel expressão proferida já sôbre os degraus do patibulo?

Cinco d'estas malaventuradas existencias acabam de ser roubadas ao seio da universidade, onde sugavam o leite da sabedoria, cinco mancebos, mortos na flor de seus annos, no limiar das suas esperanças!...

Um d'elles, destinado a herdar o genio que tem sido o patrimonio espiritual da sua familia, saudado pelos seus mestres com auspiciosos horoscopos, inlucto a nossa terra que como terna mãe o estimava, aneciando por dar-lhe um logar distincto entre o número de seus mais benemeritos filhos. Já que não nos é dado testemunhar seus triumphos, depositemos ao menos sôbre sua campa, como prova do que sentimos, uma saudade.

Nas fileiras academicas cinco neophitos da sciencia acabam de succumbir, Antonio Marques Henriques Passos, Arnaldo Mendes Northon, Francisco do Canto Vasconcellos da Camara Falcão, Alexandre Alberto de Sousa Pinto e Roberto Augusto Mesquita Henriques; com tristes presagios começou este anno, que entre os demais avulta já como funeraria lapide entre os jardins da vida.

Augusto Sarmento

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a produção

(Continuado do n.º 5)

O empobrecimento succedaneo dos solos não passa dos dominios ideaes da hypothese. Os climas mais insalubres, o torrão mais inerte, e até as raças mais infezadas, quando sujeitas á lei redemptora do trabalho, entram na via dos melhoramentos economicos, e a acção climatologica corrige-se, a lethargia do solo vence-se, a tenacidade vital roborá-se. É enxugando paues, encanando rios, alinhando caes e encaldeirando lagôas; é desbastando brenhas, arroteando charneças, supprimindo pousios e alternando culturas; é traçando estradas, abrindo feiras, cruzando raças e explorando minas; é desinçando os continentes de feras, despindo a hispidez ás plantas, purificando e oxigenando os ares, colonizando os tractos deshabitados — que o homem abençoa a natureza e converte a terra em nobiliario, insculpindo-lhe nas páginas seus braço e seus titulos.

Por um estatuto eterno que decreta a penalidade da sua indolencia, só pelo trabalho infunde o homem na terra a uberidade, só por elle substitue á natureza primigenia essa natureza adventicia, que o investe da opa de rei da criação, que é.

A Rhoetia, a Cimbria, a Suevia, a Norica, a Pannonia, a Finingia foram regiões alagadiças, ouricadas de florestas, cujas emanções impetavam os ares saturados de gazes ammoniacaes e carbonicos. Veio o homem e arcou com a natureza, respondendo á acção d'esta pela reacção da indústria. Expungiu-se a atmospherá, derrotaram-se as selvas, aclimataram-se os productos exóticos, desentranharam-se minas de agua, tornaram-se povoados os ermos; e o Tyrol, a Prussia, a Saxonia, a Styria, a Hungria, a Finlandia, evocados por um genio ainda mais maravilhoso que o dos contos arabes, vieram occupar o seu posto nas fileiras da civilisação.

Entra o homem no mundo com a bagagem de Bias, mas sem o seu desinteresse, trabalho de desejos indefinidos, e de necessidades sem conto. Armado de sua intelligencia, cria órgãos artificiaes, e como a Pompeu bastava pulsar com o pé o chão para rebentar um exercito, basta-lhe querer e obrar, e uma população invisivel, legiões e legiões rebentam e o coadjuvam nos combates da vida laboriosa. Parecia votado á nueza e desamparo,

e a Providencia destinára-lhe o sceptro da criação.

Não começa o homem pelo torrão mais ferace senão pelo mais facil de se laborar; não pelo que é cercado de melhores condições de productividade, senão pelo que cerca a sua habitação, não por plantios commettidos em larga escala, senão por ensaios tímidos e acanhados. Querer o contrário é desconhecer o homem, é querer ajustar a uma criança o cothurno de Hercules.

De feito, só nos ultimos seculos tem o homem comprehendido esses trabalhos cyclopeos, que repugnam com as civilisações retardatarias. O hollandez, usurpando o seu chão ás ondas sobranceiras do mar do norte, o suiso fertilizando o Valais, o toscano terraplenando a lagôa de Chiana, o maltez toucando os penedos da sua ilha de terra laboravel, revelam recursos incompativeis com a escacez que rodeia o berço das nações.

Collige-se do exposto que as povoações entradas no perimetro da vida, segundo a lei natural, acompanhadas como são de forças productoras, nunca pejam os quadros da sociedade, se a lima surda do ocio lhes não cerceia os dias. Contando para subsistirem com a terra e capital já existentes, apresentam como titulo a um logar no convivio social o tributo de poder com que contribuem para augmento do fundo da associação. Refiro-me á povoação válida. A inválida por idade ou enfermidade avalia-se pela regra do dever moral, que está acima da theoria economica.

A povoação esparsa não dispõe do manancial de recursos de que dispõe a povoação condensada. O poder é attributo peculiar a esta última. Intercalae entre dois centros de povoação separados por vastos desertos novos centros. Será como se continuasseis linhas de communicação interrompidas, trabalhos de estradas que ficaram desatados, sendo defesas por estes hiatos aos sitios remotos, aos povoados longinquos as vantagens da associação. Convem dizer em resumo quaes as vantagens da associação: é a multiplicidade das trocas, é a prosperidade do commercio, é a possibilidade da divisão do trabalho com as suas maravilhas.

De feito as estradas e a navegação foram inuteis, se não urgisse junctar o que está distante. O vapor que reduzindo as distancias torna o homem cosmopolita, a electricidade que apropinqua os antipodas, como se vivessem paredes-meias cómosco, a navegação, ponte levadiça lançada sôbre os abysmos dos mares, que relaciona os continentes, fundam

verdadeiras povoações, associando aquellas que pela distancia do oceano ou das terras eram umas para as outras como que apagadas na superficie do globo.

Quando os recenseamentos nos certificarem d'um sobreexcellente de nascimentos em relação aos obitos, podemos concluir que lhe responde um augmento proporcional na producção. Do crescimento de povoação infere-se logicamente um adequado crescimento de riqueza. D'um progresso de riqueza porém, verificado pela estadística, não se pode com o mesmo rigor arguir um crescimento proporcional de habitantes. É que se intercala aqui o ponto de dúvida e controversia sobre o modo como essa riqueza adicional é distribuida.

Depara-se-nos em Inglaterra o exemplo de um grande fundo accrescido a que não corresponde um número proporcional de familias novas, por esse accrescimento de capital não ser conquinhoado por numerosas classes. É assim que o clero anglicano desfructa um rendimento de 236,439:125 francos, ao passo que todo o clero catholico auferes somente 224,975:000 (a). É assim que a propriedade de raiz em Inglaterra está infeudada em cêrca de seiscentas familias, que seiscentos e doze pares percebem do Estado 96,598:000 francos; que o duque de Cleveland lega a seu filho, *que desherda*, dois milhões de renda; que o duque de Bedford testa a fortuna de cento e oitenta milhões; que o duque de Northumbeland tem a renda annual de 3,600:000 francos; que a do duque de Devonshire é de 2,880:000, e a do duque de Rutland de 2,520:000.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

O GATO PRETO

(Uma historia de soldados)

(Concluido do n.º 5)

«Mas a rapariga como endoideceu?... quem era ella?... como veio aqui parar?... interrompi eu, realmente interessado com a historia.

— Eu lh'o conto, meu alferes. Nós curámos-nos, eu e o 69 com os remedios que nos deram os cirurgiões, e a Maria Joaquina com as melhoras que via ir tendo o 69. Fizemos depois no mesmo corpo toda a campanha, que não sei se para bem se para mal acabou como v. s.ª sabe; a pequena acompanhou-nos sem-

(a) Cantu.

pre e toda ella era sacrificios e trabalhos para o rapaz.

— Passámos ambos para o nosso antigo 9 de infantaria, a que ainda pertengo, e a pequena sempre commosco.

— O 69 passou depois em anspeçada para a 5.ª, sahiu depois cabo para a 1.ª, e teria ainda subido mais se não fôssem cousas...

— Eu lh'o digo, meu alferes. O rapaz quando ficou doente lá ao pé de Leiria, a modos que encontrou em casa do patrão quasi um verdadeiro pae. Curára-se já, mas foi-se deixando ficar, porque aquella rapariga, que era filha do lavrador, tinha-lhe feito andar a cabeça á roda; parece que ella tambem se agradou d'elle, e o rapaz não teve forças de voltar para o regimento. Passava então por alli uma guerrilha de marcha para Torres-Vedras; era tudo gente da nossa terra; o 69 enthusiasmou-se ao ouvir outra vez o diabo dos tambores, e, como não podesse viver sem cá o municio, taes cantigas e lamurias lhe fez, que a pequena para lá deixou o pae e os irmãos e seguiu o amante.

— Mau é que ellas tenham amizade a um homem, que ninguem as segura.

— O caso é este, meu alferes; ella soffreu tudo por o 69, mas... parece que era castigo de Deus!... quanto mais fazia, menos merecia; é sempre assim...

— Teve depois uma filhita, que era mesmo o retrato da mãe, benza-a Deus... O 69 morria por a cachopita: mas parece que quanto mais amor tinha á filha, menos ia tendo á mãe.

— A Maria Joaquina bem conhecia aquillo e chorava, chorava que era mesmo uma dor d'alma... Começavam já a lembrar-lhe o pae e a terra que tinha deixado; mas prendia-a agora ao regimento a filha.

— O 69 principiava tambem a enfadar-se das lamurias d'ella, e para se distrahir recorria á maldicta *pinga*. Por mais que eu lhe pré-gava: «Antonio, tu és cabo de esquadra, vê o que fazes, homem... Olha, a Maria Joaquina é tua amiga, e tu deves-lhe muitas obrigações; *arrecebe-a*, vem qualquer dia ahi a tua baixa, tu apresentas-te ao pae, e, quem sabe?... talvez vossês venham ainda a ser afortunados...

— Ora, meu alferes, era malhar em ferro frio! O homem ia-se até fazendo *pulha* e tantas bebedeiras por fim tomou, que no cabo armou para lá uma desordem, respondeu a conselho e sahiram-lhe trinta dias de calabouço e baixa de posto. A Maria Joaquina matava-se a chorar, mas ainda era peor; elle até lhe batia por fim!...

— Ao final de contas, meu alferes, havia defronte do quartel uma venda de vinho e a taberneira era a mulher de um da 8.^a: mulher?!... qual mulher... aquillo era o diabo não era mulher!... Teve artes de fazer com que o 69 pedisse passagem para Ultramar ás escondidas de todos, e até de mim.

— Em um bello dia, quando lhe deram guia para reunir a Lisboa e embarcar, fugiu com a mulher do tal da 8.^a levando a pobre da pequenita, a quem não tinha perdido o amor. e que já contava os seus oito annos.

— A Maria Joaquina, quando deu por tal, esteve a morrer; nós os da companhia demos um tanto por praça para tractarmos d'ella, porque todos eramos seus amigos, mas não houve fôrças humanas que a segurassem; fugiu-nos; sei que foi por ahi ás esmolas até Lisboa e taes voltas lá deu que veio por fim a saber que o 69, mais a filha e a tal mulher tinham embarcado para Moçambique.

— Tomou tal desgosto com aquillo que se lhe virou o juizo, e passado tempo appareceram-nos lá em Lamego aquella doida a fallar sempre na filha que tinha ido para a terra dos pretos. Nós viemos no conhecimento de quem ella era, e o nosso commandante até lhe mandava dar todos os dias uma marmitta do rancho por ter dó d'ella.

— Agora quando o destacamento sahio lá da terra ella acompanhou-nos, mas sei que se perdeu aqui de nós e naturalmente tem por ahi vivido por os pinhas.

— Pobre *Gato Preto!*...

«E porque lhe chamam vossês *Gato Preto?* perguntei eu então:

— Isso, meu alferes, foi nome que lhe puzeram lá na companhia, porque quando lá appareceu aquella doida, que ninguem conhecia, e que nem por Sancto Antonio queria sahir do quartel, o nosso sargento mandou que a levassem á fôrça.

— Então é que foi o bom e o bonito; asanhou-se e bufava como um gato; até arranhou por lá uns poucos: parecia que tinha o diabo no corpo. Como ella tinha aquelles olhos e aquelle cabello muito pretos e vinha tostada pelo sol e pelo vento, principiaram por lá a chamar-lhe o *Gato Preto*, e assim lhe ficou este nome.

Coitada!... e seguimos a nossa marcha.

Dois mezes depois estava eu ainda em Coimbra. Um dia, á entrada do hospital, encontrei dois soldados conduzindo uma maca, aonde se descobria um vulto coberto com um capote de soldado; na rectaguarda seguia o 41 de granadeiros.

Parecia triste e angustiado.

«Então, 41, perguntei-lhe eu, vae ahi algum dos teus camaradas? tu vaes tão triste... que tens, homem?...

— Lembra-se do *Gato Preto*, meu alferes? D'esta feita parece-me que Deus teve dó da pobre mulher. Hontem fomos encontral-a, sem dar accôrdo de si, lá em baixo á porta do quartel. Coitada... parecia já morta; fria e gelada mesmo como um defuncto. Isto foi ao toque de recolher; chovia se Deus a dava... ao entrar no quartel demos com aquelle vulto lá dentro ao pé do corredor, mesmo como quem vae para as nossas casernas; estava toda molhadinha e não dizia nem *chuz* nem *buz*. Eu peguei n'ella ás costas, fui-lhe buscar a minha enxerga e a minha manta, deitei-a, puz-lhe o meu capote aos pés e passei toda a sanctissima noite ao pé d'ella lá em um quartito que o nosso sargento me emprestou. Não se moveu mais, nem disse uma palavra, só de vez em quando mechia os beiços assim como quem está a fazer uma oração. Nós aqui a levámos; Deus tenha dó d'ella!

A. F. de Loureiro

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Omnia praecepta divina referuntur ad charitatem. S. AGOSTINHO

Corria a última quadra do tempo sancto e já se aproximava de seu fim: era sexta feira de Paixão.

Lindo estava o dia a contrastar com aquelle de que era anniversario — o da morte do Homem-Deus.

Muitas senhoras adornavam janellas e varandas pelas ruas em que ia passar a procissão do Senhor-Morto; porém entre os diversos grupos de encantadoras cabeças femininas tive occasião de notar um, que de preferencia observei. Era composto de tres lindas jovens, que eu de ha muito havia symbolisado nas tres virtudes theologaes; tão robusta era a crença de uma, animada a esperança de outra e perfeita a caridade da última.

N'aquelle momento fui encontral-as a discutir com a maior seriedade qual das tres virtudes era mais valiosa. Esta coincidência surprehendeu-me, posto que já por mais vezes tivesse notado a singeleza, a innocencia e naturalidade de suas conversações.

Manifestei vivo desejo de assistir á discussão d'aquellas interessantes doutoras da egreja; e confesso que a sua presença robustecia a minha fé: o brilho d'aquelles olhos produzia-me por si só tanto effeito, como as palavras,

que meigamente se desprendiam de labios, ao parecer, divinos.

Tiveram a bondade de me expor toda a argumentação, mas quizeram que eu fôsse presidente e juiz.

A minha posição era ao mesmo tempo muito para invejar, e nada para desejar.

Como fazer justiça em tal caso?

Decidir-me-hia a descontentar duas das mais formosas argumentadoras?

Recusei desculpando-me com o difficil desimpêno de tão melindroso encargo; foram porém inexoráveis. Instaram, isto é, obrigaram-me a prometter que faria justiça; porque a taes mandatos, baptisados pela civilidade com o nome de pedidos, não sei eu se ha mortal que saiba ou possa resistir; eu não.

Estabeleceu-se portanto a questão do modo seguinte:

— Eu supôno, disse uma, que a fé, a primeira das tres virtudes, é tambem a maior d'ellas. Sem fé ninguém pode entrar no ceu.

— Mas sem esperança tambem não, acrescentou a segunda.

— Pois sem caridade é absolutamente impossivel, observou a terceira.

— É verdade, redarguiu a mais velha, que era a primeira das gentis interlocutoras, mas sem fé não só nos é interdicto o ceu, mas tambem a terra nos não offerece encantos.

— Quem apreciará a vida como um favor de Deus, se a descrença lhe baniu a alegria do rosto, e como sôpro da morte lhe fez emurhecer e fanarem-se as mais caras de suas aspirações?

— Que será a vida para o atheu senão um lidar infructifero, um mar procelloso em cujas praias o espera o aniquilamento, o nada? Só a fé nos deixa entrever ao cabo da viagem as pacíficas praias em que se goza a bemaventurança.

— Que será a vida para o sceptico senão um ermo de affeições, onde a amizade é mentira, o amor illusão?

— Para o sceptico não ha mais que o desconforto d'uma incerteza cruel.

— Que desconsoladora seria a existencia, se nos faltasse o alento, que só a fé pode ministrar?

— A mana tem razão, tornou a segunda, mas repare, que está a confundir as duas virtudes.

— É a esperança que nos anima n'este mundo e nos dirige a um fim sempre melhor. É por ella que o naufrago lucta com as ondas encapeladas, sem soçobrar. É por ella que a terna mãe experimenta as mais duras

privações para satisfazer ás necessidades do filho caro. É por ella, que se supportam os mais arduos trabalhos; porque a ella se deve a coragem e o alento de que a mana falla.

— Que seria dos infelizes, de todos os que soffrem a não lhes valer a esperança? Irremediavelmente succumbiriam. E de mais ninguém tem esperança que não tenha fé, em quanto que á fé nem sempre vem ligar-se a esperança.

— Muito bem, disse a mais nova das tres irmans, visto que chegou a minha vez dir-lhes-hei que a caridade é a unica das tres virtudes que pode conter as outras; ha n'ella ao mesmo tempo a fortaleza da fé e a coragem da esperança. Mais ainda; a elevação e nobreza de sentimento que se traduz em generosidade e abnegação de si proprio só a caridade as possui. Logo é ella a maior e a mais sublime das virtudes; logo é ella a virtude por excellencia. Não são d'esta opinião?

— Somos, somos, disseram as duas, muito satisfeitas de verem que eu dava o meu assentimento, pois que longe de querer cada uma que a sua opinião prevalecesse, só desejavam todas convir no que fosse justo e razoavel. Eram verdadeiramente tres anjos de innocencia e bondade, como hoje é difficil encontrar.

Despedi-me, fazendo votos para que Deus as preserve da corrupção que bem fundo lava já na sociedade.

M. da Costa Alemão

HA UM MEZ...

Ha um mez tambem a lua,
Despontando no horizonte,
Mostrava a limpida fronte
Em todo o fulgurar seu;
Tambem sorria orgulhosa
Ao mirar-se docemente
Sôbre o espelho da corrente,
Mas não era n'este ceu!...

Tambem as auras da noite,
Apenas era sol posto,
Vinham roçar-me no rosto,
Largando furtivo beijo;
Tambem ledas balouçavam
Verde, lustrosa ramagem,
Mas não era aqui na margem
D'este rio que ora vejo.

Tambem nitidas boninas
Alcatifavam o prado,

E no calix perfumado
Se adormecia o jasmim;
Tambem perolas d'orvalho
Sôbre ella chovia a aurora,
Mas não no campo que agora
Se desenrola ante mim.

Teu brilho, lua, era o mesmo,
Transparente e luminoso;
Mas meu sorriso ditoso
Já não é como era então,
Porque passada a ventura,
Que gozei em curtos dias,
Da noite nas harmonias
Só leio — recordação!

Que, ha um mez, a mansa aragem,
Que tão meiga me afagava,
Nos labios sempre encontrava
O sorrir da flicidade;
Hoje a brisa que cicia,
Que murmura a meus ouvidos,
Em longos, tristes gemidos,
Só vem dizer-me — saudade:

Que eu prézo mais que a cidade
Da pura aldeia os folguedos,
Seus bosques, seus arvoredos,
Que tanto sabem dizer;
Que entre festins innocentes
Não se respira o cynismo,
Que nos arroja ao abysmo
Nas torrentes do descreer!...

Sim, eu te amo, almo retiro
De candura e singeleza,
Bemdicta da natureza,
Modesta, mimosa aldeia:
Tão formosa quando, involta
Em manto de nevoeiro
Reclinada sôbre o outeiro
Por noites de lua cheia!

.....
.....
E um mez ha decorrido! em vez dos cantos,
Da musica festiva as harmonias
Do piano as vibrações que fazem rapidas
O coração bater,
Eu leio em cada estrella um nome qu'rido
Dos que então conheci, que amei e estimo,
E o pranto que derramo vem dizer-me:
Gozaste... has de soffrer!

Venturoso pharol que te apagaste,
Da já viçosa flor myrrhada folha,
No pó do que lá vae vaes confundir-te
Nas rugas d'outra idade!

No mundo tudo passa, morre tudo;
Mas em quanto de vida um debil sópro
O meu seio agitar, eu hei de sempre
Mandar-te uma saudade!...

Agosto ... de 1860

Amélia Janny

AS ANDORINHAS

(IMITAÇÃO DE BÉRANGER)

Do fero mouro nas ardentes plagas,
Captivo, em ferros um guerreiro diz:
Eu tórno a ver-vos, avesinhas vagas,
Que á fria quadra para aqui fugis.
Ai! andorinhas, que não pode a esp'rança
Nem mesmò n'estas regiões deixar,
Chegaes decerto da longinqua França...
Do meu paiz não me podeis fallar?

Tres annos ha que uma lembrança peço
Me deis do valle que, nascendo, vi,
Em que esses dias, que jamais esqueço,
Cheio de crença no porvir, vivi.
Juncto do arroio que fugaz caminha
Por entre margens de verdura ao mar,
Vistes a nossa paternal casinha;
Do fresco valle não podeis fallar?

Talvez alguma d'entre vós creada
No tecto fôsse que me viu nascer,
Onde ouviria, pela dor vergada,
Do filho a ausencia minha mãe gemer.
Talvez que julgue, moribunda agora,
Ouvir-me em casa de meus paes entrar;
O ouvido applica... e novamente chora!...
De tanto amor não me podeis fallar?

Está casada minha irman querida?
Vistes no dia, em que entregou sua mão,
De meus amigos multidão reunida
Cantar-lhe em honra festival canção?
E os camaradas, que comigo andaram,
Que eu vi nas guerras com valor lutar,
Todos á aldeia paternal voltaram?
D'esses amigos não podeis fallar?

Sôbre seus corpos o estrangeiro ousado
Talvez no solo nacional entrou...
Aos campos têm a assolação levado,
Já o hymeneu de minha irman turbou!
Sem mãe meus dias passarão bem tristes...
Sôbre mim sinto a escravidão pesar.
Aves, que á terra de meus paes fugistes,
Dos males seus não me podeis fallar?

Dezembro, 1860

Eugenio de Barros

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

IV

JOSÉ MAURICIO

Abra-se tambem aqui logar para um filho do povo e que d'elle nunca sahiu. O merecimento é do homem, não da classe; esta não confere distincção, aquelle nobilita talvez uma raça.

A gloria não selecta condições, nenhuma engeita, cabe em todas. Eleva-se ao throno ou desce ao colmo, e fica a mesma. Reis e populares podem ser grandes, d'aquella grandeza solida e verdadeira que a opinião aclama e assignala a historia. O elogio então não significa incenso á realeza ou adulação ás turbas, é mais do que isso, a glorificação do genio ou do trabalho.

Não é este o credo dos partidos, bem o sabemos; para uns não ha rei que possa ser homem; para outros peão que chegue a ser grande. A despeito porém de todos o individuo distingue-se e illustra-se pelo seu merecimento; e, imperante ou vassallo, nobre ou plebeu, ungiu-o a natureza, poz-lhe o sello dos eleitos e creou-o homem. Esta é a maxima nobreza, personificada no *vir* de Virgilio, palavra mystica, carmen do vidente que consubstanciou n'um som a sanctificação da humanidade.

O nome que escrevemos é obscuro mas distincto, ideias oppostas, aqui admiravelmente unidas. José Mauricio foi um musico que nos deixou legadas em harmonias da sua original composição provas irrefragaveis do seu talento creador. Mozart conimbricense dedicou-se á musica religiosa, e ainda hoje nos nossos templos resoam as notas cadenciosas do seu famoso *Miserere*.

Em que peze a muitos não é demais n'esta collecção. Filho de Coimbra, onde nasceu a 19 de março de 1752, ennobrece a patria com a sua memoria; e, se a reputação lhe não echoou longe, o tempo o vingará do olvido dos contemporaneos. Não são notaveis sómente os que apregoa a fama; na penumbra dos seculos estanceiam tambem varões insignes, e a par dos rios caudalosos sobresahe por vezes o regato de limpidas aguas.

A musica é a linguagem das sensações, e porisso alarga amplo o seu dominio. Abraça-se com a poesia que appellida sua irman, e faz brotar os fructos de tão formoso germen. Uma é a fôrma, outra o som que a ex-

prime; esta a estátua, aquella o fogo que lhe insuffla a vida. Liga-as estreitamente o mesmo laço que une a ideia á palavra, a alma ao corpo, a intelligencia ao homem; e que de ambas fôrma um todo, completo como qualquer d'aquelles, assim extenso e universal, mas sôbre todos profundo, energico e poderoso.

Nas vibrações potentes dos affectos ou na melodia suave dos sentimentos arranca dos corações as palmas do triumpho, subjuga e avassalla os espiritos, vence a mais esmerilhada e persuasiva oratoria. Variada e complexa, goza de influencia segura e infallivel condão, no templo ou no theatro, nas salas ou nas praças, na lyra pagan ou no psalterio hebreu, na harpa do menestrel ou no arrabil mourisco. Multiplica os sons como o Proteu da mythologia as formas, renasce e remoga-se como a phenix em todas as edades, entende-se como linguagem universal em todas as nações.

José Mauricio foi cultor eximio d'esta arte admiravel. Existem ainda pessoas que o conheceram e veneraram, discipulos seus e familia sua. Unanimes são todos em o proclamarem grande e «nosso primeiro rival do genio de Saltzburg»; roboram esta favoravel opinião as suas numerosas peças musicas.

Apesar de contemporaneo são desconhecidas as particularidades dos seus primeiros annos, obscuras muitas outras dos seguintes. Viveu pouco mais de 63 annos porisso que falleceu em 12 de setembro de 1815 na villa da Figueira da Foz onde costumava ir annualmente a banhos. Parece que foi mesmo no mar que o accommetteu um ataque de apoplexia, e transportado a casa pouco tempo sobreviveu, expirando nos braços de um seu sobrinho e nosso estimavel amigo o Sr. V. Mauricio de Carvalho. Foi sepultado na igreja da Misericordia da mesma villa que então pertencia ao convento de Sancto Antonio.

O Sr. Francisco Adolpho de Varnhagem, distincto escriptor brasileiro, muito conhecido pelas suas obras, em que sobresahe a excellente e accurada edição dos *Epicos Brasileiros* e a *Historia geral do Brasil*, apontou no volume segundo d'esta última como seu patricio o nosso José Mauricio, confundido e equivocado com outro musico brasileiro, tambem contemporaneo, o padre José Mauricio Nunes Garcia. Contra o *qui pro quo* acudiu logo a emendar o lapso o infatigavel auctor do *Diccionario Bibliographico*, o Sr. I. F. da Silva, a cujo espirito indagador deve a nossa litteratura relevantes serviços; e no

tomo segundo do *Archivo Pittoresco* publicou uma serie de curiosos artigos sobre este objecto. Alli nos diz o pouco que poude colher das escassas e minguadas informações que lhe forneceram amigos seus de Coimbra, d'onde compendiamos apenas alguns ligeiros traços.

José Mauricio, filho legítimo de Manuel Luiz d'Assumpção, guarda dos carcereiros da inquisição, e de Rosa Maria de Sancta Theresia foi baptisado na antiga freguezia de Sancta Justa. Em 1768 completou o curso de humanidades e matriculou-se no primeiro anno de theologia de que não chegou a fazer acto. Ha quem se lembre de o ter visto depois cursando a faculdade de medicina em que tambem não proseguiu.

Desinvolvendo-se-lhe muito cedo, pelo que parece, a vocação musical, já em 1789 regia o logar de mestre de capella na Sé Cathedral da Guarda; e por esses tempos fez uma viagem a Salamanca. Decorridos alguns annos, aspirou na patria a melhor collocação; mas vendo mallogrados os seus desejos recolheu-se ao convento de Sancta Cruz a «buscar na vida do claustro um refúgio contra a adversidade».

Proximo a completar o tempo do noviciado foi demovido do seu proposito pelo bispo D. Francisco de Lemos que, aproveitando tão insigne talento, o chamou para mestre da sua Sé, promovendo-o em seguida a professor da cadeira de musica na Universidade, a qual cadeira elle mesmo bispo restaurára. No exercicio do magisterio compoz, e deu á luz em 1806 o seu *Methodo de Musica*, dedicado ao principe regente, depois D. João VI e que por muitos annos serviu de compendio.

O tempo que lhe restava das obrigações da aula dedicava ao estudo da sua arte predilecta, e em sua casa no largo da Fornalhinha, onde ainda vive numerosa familia sua, se reunia com frequencia a mais escolhida companhia de curiosos e amadores de musica. Alli se executavam com gosto e destreza as mais bellas composições de Haydn, de Mozart e outros abalisados mestres, incluindo as do proprio dono da casa que ao menos, no sentir dos seus amigos, pouco ficavam devendo ás dos melhores.

No citado *Archivo*, d'onde extractámos este resumo, vem egualmente na relação das mais notaveis das suas peças de musica religiosa e canto de órgão.

José Mauricio, diz o mesmo artigo, era homem de estatura ordinaria, porém mui grosso e reforçado: rosto redondo, e notavel por sua

gravidade e compostura. A necessidade o obrigava a servir-se de oculos fixos, usando-os principalmente quando regia ou tocava. Trajou constantemente, assim no exterior como dentro de sua casa, habitos talares ecclesiasticos, posto que nunca recebeu senão as ordens menores, ignorando-se o motivo porque deixou de receber as sacras.

Foi amigo do doutor José Monteiro da Rocha e d'elle recebeu lições das sciencias auxiliares da musica, cuja cultura foi, como dissemos, o exclusivo cuidado de toda a sua vida grangeiando por meio d'ella uma solida e segura reputação, que o torna um dos filhos mais illustres de Coimbra.

A. A. da Fonseca Pinto

MOSAICO

O atheu. O atheu é como o engeitado que não conhece seu pae; é como o animal bruto, commensal no banquete da natureza, que não cuida, nem pergunta pelo seu bemfeitor.

Marquez de Maricá

Os dois requerentes. Queixava-se um requerente a outro de que um juiz sendo pobre gastava como rico; e nomeando suas ostentações, rematava com dizer: pois isto, senhor, de que sahe?—E o outro lhe respondia: do que entra. Tornava o queixoso e dizia: senhor, não fizeram assim seus passados; e o outro lhe respondia: não, senhor, mas fazemo os nossos presentes.

D. Francisco Manoel

A necessidade. Não ha cousa tão difficilissima, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade.

Padre Antonio Vieira

Aos falladores. Disse Seneca: muito aproveitosa á quietação fallar pouco com os outros, e muito consigo.

Heitor Pinto

O passado e o futuro. O homem não tem senão o passado e o futuro; o passado para chorar, o futuro para temer.

V. d'Almeida Garrett

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Sampaio, A. Saraiva de Carvalho, A. Telles, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 7 — FEVEREIRO 15 — 1861

PAUPERISMO

INTRODUÇÃO

Differem as nações, além d'outras características, pelo agrupamento dos seus naturaes em cada um dos tres periodos da idade do homem, não se devendo tombar só o valor arithmetico, senão tambem, e nomeadamente, o *qualitativo* dos seus habitantes. De duas nações eguaes no número de almas será mais valiosa aquella, que mais soldados recrutar para a milicia trabalhadora, porque a debilidade em que vegeta a infancia e adormece a velhice, não pode criar valores nem accumular capitaes. Dentro do círculo dos adolescentes e adultos varia ainda o grau de efficacia laboriosa, segundo as instituições, a uberdade do solo, a raça, o clima e mil outros accidentes. Assim, a diligencia e esmero do operario inglez vence grossos salarios em menos horas de trabalho do que se exigem fóra do seu paiz, sem quebra para o assalariante, ao passo que a desidia e incuria do obreiro irlandez vence em mais horas um salario, que é copulativamente mesquinho para quem o recebe, e para quem o paga excessivo.

Estas differenças momentosas omitta-as a geographia politica, substanciando as mais repugnantes disparidades n'uma synthese absurda chamada — nação; absurda, porque a heterogeneidade de valores e edades, que compõe cada povo, testemunha ser ficticia essa unidade perfilhada pelo vocabulario da estadística geral, unidade que conviria substituir

por classificações pautadas pelas das sciencias naturaes, grupando factos identicos ou analogos, que nos orientassem ácerca das oscillações dos obitos e nascimentos.

É no quinquennio inicial da existencia, que a morte mais frequente colhe da árvore da vida os fructos da maternidade; as tabuas da mortalidade ajustam-se em attestar copiosos os obitos d'esta primeira infancia. Este veto intimado á multiplicação pela morte decresce em energia gradativamente, pois cada anno addicionado ao fundo da idade jacente é uma resistencia, cada vez maior, que reage contra a lei reductora. Devolvida esta quadra semeada de sinistrós, a descensão accelera-se providentemente até aos quatorze annos, sem o que ninguem atingiria a estação da força e da nubilidadade. No seguinte periodo, que mede nove lustros, ha uma uniformidade arithmetica, uma certa lentura na abstenção da morte para o que ella foi de severa no noviciado da existencia; mas essa uniformidade é fallaz, porque á medida que se perlustra o estadió dos annos o círculo abrevia-se, os sobre-viventes rareiam, e, por egual que seja no anno corrente a somma das unidades apagadas á que foi no anno preterito, os obitos crescem relativamente, porque a lei dizimadora ópera sobre uma quantidade de vidas, que se simplifica de continuo. Dos sessenta annos em diante a morte abate com a velocidade do primeiro periodo os decanos da povoação.

Em certos paizes, provincias e concelhos, chegam os obitos ao triplo de que chegam n'outros de equivalente número d'almas. Este excesso de mortalidade é symptoma d'um mal, que lavra nas entranhas dos povos, cujo ap-

pellido é *pauperie*: da repressão d'esta pende o incremento da vida média, e d'este incremento impende a composição de edades e grupos de povoação mais congruentes ao fim civilizador. Com o decremento dos obitos cresce a povoação válida — adolescentes e adultos, consentindo a morte, moderadora suprema das funcções genitae, que se prorogue a existencia já da idade tenra, já da idade média, já da idade propecta; aqui, dando accesso a maior número d'entre a infancia para vestir a toga viril do trabalho, alli, consentindo que o tempo cinja aos adultos a fronte com a grimalda das cãs, além, na margem extrema dos annos, alongando os dias dos anciões até á longevidade patriarcal.

A somma em abstracto dos nascimentos não nos pode esclarecer sôbre a vitalidade d'um povo, porque o seu pêso na balança das nações depende do pêso negativo que a morte lança na outra concha. Multipliquem-se os nascimentos, se a morte lhes não concede que vinguem, serão verdadeiros multiplicadores de indigencia e aviltamento. Todo o capital dispendido com estas gerações, que não chegaram a balbuciar o verbo da vida, sepulta-se debaixo da mesma pedra tumular com os devedores insolúveis d'elle, desbaratando assim o fundo alimentario das gerações posteriores (a).

Havendo pois grande número de vagas nas fieiras dos vivos, antes que estes se acerquem da maturidade, e sendo mui grave a oscillação da taxa *comparativa* dos obitos, podemos na confrontação do número dos nascimentos com o dos obitos, que o cerceia, ter um estadiometro seguro para contar os passos ao pauperismo.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

THERMOSIPHÃO DE CALDEIRA TUBULAR

Il est aux anciens thermosiphons ce que sont les canons rayés aux pièces des anciens modèles.

NAUDIN

Destinada a prover ao bem-estar do homem pela satisfação das necessidades successivamente crescentes que elle experimente, a industria encaminha-se sempre a economisar capitaes, tempo e trabalho, ou, para dizermos tudo n'uma palavra, a economisar esforços, capitalisados ou não.

Cada melhoramento, que n'uma operação

(a) Sr. Oliveira Marreca.

industrial qualquer se introduza, é um grande passo no caminho do progresso da humanidade, poupando, como poupa, as forças do homem n'um ponto, para deixar dirigil-as a outros, aonde ellas ainda não haviam podido chegar, absorvidas, como estavam, na satisfação de antigas necessidades, a que, depois d'esse melhoramento, com pouco custo se satisfaz.

Esta tendencia de todo o movimento industrial, instinctiva nos povos menos cultos, e filha d'uma razão esclarecida nos mais civilizados, manifestando-se sempre, d'uma maneira ou d'outra, realisa ali todos os dias, nos agentes mechanicos que empregamos, aperfeiçoamentos novos, cujo conhecimento assim a todos importa, mais ou menos, por mais remota que, á primeira vista, pareça a relação que se dê entre o aperfeiçoamento realisado e as mais communs e conhecidas precisões da vida.

É por isso que hoje aqui registámos uma notavel e feliz modificação operada na construção do thermosiphão, apparelho mais geralmente, e com maior vantagem, empregado para o aquecimento d'estufas.

Aproveitando a mudança de densidade que na agua, como nos demais liquidos, se effectua por virtude da acção do calorico, mudança que faz com que uma camada d'agua aquecida tenda a occupar a parte superior dos vasos em que se contém, sendo substituida na sua posição por outra camada de agua mais densa — o thermosiphão, usado até agora nas estufas, reduz-se essencialmente a uma caldeira da parte superior da qual sahé um tubo, que, mais ou menos longo, segundo o espaço a que se destina, vem terminar juncto ao fundo da mesma caldeira, dando logar a que a agua quente circule, irradiando no seu trajecto o calorico que recebeu.

Mas a massa d'agua encerrada n'uma caldeira volumosa não só aquece lentamente, gastando tempo e desperdiçando calor, mas ainda exige assim mesmo um largo e intenso fóco calorifico, cuja alimentação demanda avultada quantidade de combustivel e vigilancia constante.

É a estes inconvenientes que veio obviar a modificação introduzida no apparelho de que fallámos, modificação que se deve a MM. Weeks e C.^a, de Londres.

Em vez da antiga caldeira tem o novo thermosiphão um cilindro ôco, formado de tubos verticaes de pequeno diametro, quasi unidos uns aos outros, e que communicam, em cima e em baixo, com dois outros circu-

lares, que terminam o cilindro, o qual assenta sobre outros tubos horisontaes.

Sobre estes exerce a sua principal acção um pequeno foco calorifico, que ainda vae aquecer os verticaes, por effeito da fórma ôca dada ao cilindro por elles constituido. Com o tubo circular superior communica o que deve percorrer toda a estufa, e que termina no outro circular inferior.

D'este modo, cheia d'agua a caldeira tubular, com a multiplicação das superficies, que permite a maior absorpção possível do calorico, e conservando-se separada cada columna d'agua, que, aquecida quasi instantaneamente, vae logo circular no interior da estufa, consegue-se manter n'esta uma temperatura elevada, havendo só diminuta despesa de combustivel, consideravel economia de tempo, e muito menor trabalho, podendo tambem além d'isso graduar-se a temperatura da estufa como se queira, em qualquer occasião, com a maior ou menor actividade dada á combustão no foco calorifico, actividade maior ou menor, que immediatamente faz sentir os seus effeitos, d'aumento ou diminuição de calor, na mesma estufa.

Os resultados práticos obtidos já pelo emprego do thermosiphão de caldeira tubular abonam a excellencia da sua construcção, e, entre outros exemplos que poderíamos produzir, bastará dizer que um d'estes thermosiphões de que elle, M. Houtte, em Gaud, se serve, alimenta tubos d'aquecimento, que nas suas circumvoluções tem uma extensão de cinco kilometros.

As importantes applicações que podem dar-se ás estufas, fazendo-as servir já á conservação de preciosos vegetaes, importados de outras regiões, já á criação de variedades novas, que possam produzir-se por meio de bem combinadas alterações de temperatura durante as diversas phases da vida vegetativa, dão a medida do interesse que deve merecer o apparelho que descrevemos, e que é chamado a representar o principal papel na existencia das mesmas estufas. Para o recomendar não é pois mister encarecel-o, basta mencioná-lo.

Comtudo, terminando, acrescentaremos que, como não é só em estufas propriamente ditas que elle pode servir, mas sim até no aquecimento de casas de habitação, e, n'uma palavra, de qualquer local onde, para qualquer fim, se queira uma temperatura elevada — o thermosiphão de caldeira tubular torna-se ainda mais interessante, pela multiplicidade dos usos a que pode destinar-se. M. A. de Figueiredo

EL-REI PERDOA

Ao contrário de muitos logares estranhos e domesticos, que de tristes e tenebrosos nas eras passadas foram, pelo braço gigante do povo, transformados em casas de folgado e passatempo, o Limoeiro de Lisboa, de paços reaes, onde monarchas, donas e cavalleiros do segundo e terceiro seculos da monarchia portugueza faziam seus brilhantes saraus, foi mudado em cadeia, em habitação de soffrimentos e supplicios.

Nos principios de 1484, que é a epocha em que se passaram os acontecimentos que esta pequena historia narra, já a metamorphose se havia operado. D. João II habitava os sumptuosos paços d'Alcaçova, ou castello; e os crimes civis e politicos, imaginarios ou reaes, haviam atulhado de presos a antiga moradia de nossos reis.

Os crimes politicos eram os que principalmente lhe davam n'esse tempo uma triste celebridade. Entre D. João II e a nobreza de Portugal travára-se mais aberta e viva do que nunca a lucta do feudalismo com o absolutismo monarchico. Imitando em tudo a politica, mas em nada, ou em muito pouco a refinada e cruel hypocrisia de Luiz XI de França que tinha sido seu contemporaneo, D. João II ia passando uma terrivel e cortante razoura sobre a classe, então mais orgulhosa e muito menos prestadia que outr'ora, da fidalguia portugueza. Em Junho do anno antecedente na praça d'Evora sobre um grande e luctuoso cadafalso o rei mandára executar o assassinio juridico do duque de Bragança, á vista de todo o povo e ás onze horas da manhan, e em Agosto d'este anno, quasi ás occultas, de noite, n'uma camara de seus paços em Setubal, devia elle pessoalmente assassinar o duque de Vizeu.

Os excessos dos nobres, o despotismo e quasi completa independencia da corôa com que elles regiam os seus coutos e honras, e o jugo que faziam pesar sobre os populares obrigaram estes a rodearem o throno e odialos á elles do mais fundo do coração. As maximas monarchicas e de puro absolutismo dos imperadores e dos papas — no direito romano e canonico, então muito em voga, e já quasi a unica legislação civil e criminal das nações cultas, infiltraram-se no animo dos reis e dos ministros, e todos estes aproveitaram o odio do povo, já então mui poderoso, para destruir o poder da nobreza, que havia

tantos seculos contrabalançava e até excedia o seu.

D. João II estava n'esta lucta que era tambem do povo, mas de cuja decisão só os reis haviam por tres seculos de collier os fructos.

A nobreza travára íntimas relações com a côrte de Castella e tramavam ambas, segundo se dizia, contra a independencia de Portugal, esta independencia que tanto sangue e tantos sacrificios custára ao povo portuguez e que elle tanto amava. D. João II aos olhos do povo defendia os direitos dos populares e a nacionalidade; era pois duplicadamente bem-quisto: tão popular como fôra D. João I, e muito mais do que seu avô e seu pae.

As relações da nobreza com a côrte de Castella tinham obrigado ambas a enviarem reciprocamente emissarios de confiança. Dos emissarios castelhanos, ainda que nunca foram completamente descobertos, porque, homens de astucia e rija tempera, jámais revelaram os segredos de tal conspiração, alguns foram presos e justicados em Portugal por leis rigorosas e crueis mesmo, que, n'aquelle tempo, e sôbre tudo para aquella especie de crimes, eram, quasi sempre, a vontade energica de D. João II.

Um d'estes agentes do govêrno de Castella e dos mais importantes e perigosos estava preso no Limoeiro; era guardado com a maior consideração e vigilancia; e os desembargadores da *Casa da Justiça*, presididos pelo proprio rei, apressuravam-se a remetel-o com todos os preceitos e formalidades juridicas d'esta para melhor vida.

Era ao descahir da tarde de um formoso dia de primavera. O fidalgo castelhano prisioneiro passeava a passos largos e agitados no seu vasto aposento, situado ao lado do sul da cadeia real, alumiado por uma larga janella com uma columna ao meio, que ligava dois arcos ponteagudos e canellados, por onde, através d'uma forte grade de ferro, se via o Tejo e o negrejar ao longe da margem esquerda. A sala era assobradada, com as paredes forradas dos pannos variegadamente bordados de arrás e o tecto de castanho muito arrendado; alguns simples tamborettes e juncto á janella uma grande cadeira de braços com muitos labores tudo de madeira escura, couro e pregaria amarella, uma grande mesa de carvalho e um leito com amplos cortinados eram toda a mobilia do sombrio, mas quasi sumptuoso carcere.

O preso era de uma estatura regular, barba e cabellos pretos, a tez d'um moreno pallido

e bello, os olhos castanhos, um pouco encovados, mas vivos, o nariz aquilino e os beiços finos e sumidos. O seu trajo era escuro e simples; entre o do cavalleiro e o do letrado. Mostrava ter trinta annos de idade pouco mais ou menos, e havia em toda a sua figura um certo ar de nobreza, que á primeira vista attrahia; mas considerado mais de espaço notava-se-lhe um não sei que de astucia, de suberba e até ferocidade que muito destruíra a primeira impressão.

Estava agitado e murmurava baixo algumas palavras soltas e sem sentido para quem as ouvisse. De quando em quando parava de frente d'uma pequena porta de carvalho almofadada, a unica do aposento, e escutava o passo regular da sentinella que guardava o corredor.

De repente os passos d'esta pararam, o preso ouviu um conversar baixinho e rapido, depois a porta abriu-se, deixou entrar um vulto e mostrou a figura athletica do soldado, que de novo fechou a porta sôbre si.

A personagem que entrou na sala tirou o largo manto de lan preta que a envolvia e mostrou-se qual era. Então o fidalgo castelhano, até ali parado, em silencio e ansioso ante a porta, exclamou, mostrando alegria e ternura.

«Ora! bem vinda sejaes, Carolina!»

Carolina era uma menina de dezenove annos quando muito, alta, esbelta, o rosto d'uma brancura offuscante e uns grandes olhos negros, meigos e vivos. Trajava com a maior simplicidade um longo vestido branco apertado por um cinto de seda preta. Os cintos eram uma das tres cousas em que D. João II permittira ás mulheres usar de seda; as outras duas eram os sainhos e os bordados dos vestidos; em tudo mais era prohibida, assim como outras tafularias para d'est'arte cortar pelos demasiados gastos, que na côrte e em todo o reino, se faziam em sedas e brocados, chaparias, bordados e canotillos, como diz a Chronica. Sem ser conhecida como sciencia, nem com o nome, apparatus e voga que hoje tem, a Economia Politica ensinava então a todos os governos o systema prohibitivo.

Carolina era a filha unica de João Baço, o qual occupava ao tempo d'esta historia o cargo, senão muito honroso pelo menos de grossa renda e confiança, de carcereiro da cadeia de Lisboa. Carolina fôra educada desde creança com uma sua parenta affastada, Violante Nogueira, dona de muita virtude e commendadeira do mosteiro de Santos, e recebêra

ahi, com grande aproveitamento, as mais esmeradas lições tanto de letras como de artes feminis que as boas freiras de então lhe podiam dar. A grande epocha da nossa litteratura havia de ser no seculo seguinte; comtudo já então as letras eram tidas em grande conta; muitas donas e cavalleiros as cultivavam, e uma classe sahida dos populares, a média d'aquelles tempos, unicamente por ellas recebia consideração e riquezas; era a dos letrados e sabedores, cujo poder e influencia já offuscavam a nobreza militar.

Carolina, tendo sahido, havia seis mezes, da clausura, dotada de um espirito entusiasta, mas obrigada por muito tempo a occultar no fundo do peito os affectos mais vivos, como pela indole e educação, tudo pelo lado bom, bello e generoso, amára D. João de Avilez (assim se chamava o castelhano) apenas o vira com as suas maneiras nobres e gentis, e poctisado de mais a mais pela perseguição que sôbre elle exercia o governo, e que ella julgava injusta.

As recommendações de toda a côrte, a riqueza, affabilidade e letras de Avilez captivaram o ânimo de João Baço de tal modo, que este commettêra a imprudencia de deixar sua filha passar todos os dias longas horas a sós com o preso. Folgára até o extremoso, e porisso tambem indulgente pae, de poder facultar á filha estremecida de seu coração a convivencia com pessoa, cujos conhecimentos e fallas mais que de nenhuma outra na cadeia se quadravam com a educação elevada que ella receberá.

Com o tempo e intimidade augmentára o affecto de Carolina, e na epocha d'esta historia ella amava o castelhano com toda a vivacidade de um primeiro amor, com todo o transporte e delirio mesmo de uma alma que a põesia e o ascetismo do claustro tinham desvairado. Aspirava no seu espirito romanesco por occasião opportuna em que podesse provar o seu amor, em que, arriscando ou dando a sua vida para salvar a do homem que ella amava, lhe demonstrasse incontestavelmente qual o affecto profundo que lhe consagrava da alma.

D. João d'Avilez não ponde deixar de se affeiçãoer um pouco para com tanta belleza, ingenuidade, illustração e virtude como a de Carolina; mas não a amára. Conhecêra, porém, e facilmente, o seu amor; soube que tinha grande ascendencia no espirito do pae, e pensára sempre que aquella menina, além de o entreter e recreiar no isolamento e tristeza da

prisão, lhe poderia talvez servir de muito, sendo condemnado á morte, como sempre receára, attento o character do rei e a natureza da conspiração de que muitos indiciós o accusavam. Affagára-a pois, como a sua última esperança; fizera-lhe persuadir que muito a amava; ateara-lhe quanto ponde a chamma no coração, e ainda que, talvez por um resto de nobreza d'alma,—ou por um refinamento de astucia,—sempre a respeitasse, tinha comtudo, e pode ser tambem por isto, a vida e a vontade da donzella como presas d'uma palavra sua, de um lampear mesmo de seus olhos; tanto é fragil, porque demasiadamente é sensível a indole da mulher, sôbre tudo donzella, inexperiente e apaixonada.

— É verdade que tardei um pouco, senhor cavalleiro..., (respondeu Carolina á exclamação que o castelhano soltou ao vel-a) mas é que as novas que tinha a trazer-vos mais me retardavam do que apressavam os passos.

«Boas ou ruins trazidas por vós, Carolina, sempre me são agradaveis, vinde. E dizendo isto com amabilidade e galantaria, mas tambem com certa anciedade concentrada, a tomou pela mão, conduziu-a á cadeira de espaldar, longê da porta para que a practica que ia ter não fôsse ouvida no corredor, e sentando-se n'um tamborete juncto de Carolina, disse-lhe: Contae lá... São noticias da Casa da Justiça do vosso mau rei?

— Mau!... mau o dizeis vós senhores fidalgos de Castella, e mau o dizem tambem muitos dos senhores de Portugal; mas bom e perfeito e magnanimo o appellidam os clérigos, os letrados e populares d'este reino... eu por mim não sei... mas desde o berço me ensinaram a pedir a Deus pelos nossos reis, e ha quatro annos, desde a segunda aclamação de D. João II que nem um só dia deixei de rogar á Sancta Virgem que o illumine e guarde.

«Pois que guarde, que tem de que... murmurou elle em voz baixa, e depois continuou alto com a voz ameigada, e sua habitual sagacidade:

«Mau, o dizia eu, pelo mal que me faz a mim; no resto quero-lhe tanto, como a minha querida Carolina que não pensei tão dedicada á pessoa do seu monarcha... mas deixemos isto; dizei lá, que más novas são essas que me trazeis.

— Ai! más é muito más, disse ella, tornando-se triste, os desembargadores da Relação da Côrte deram por averiguado que vós ereis agente do governo de Castella, que tramaveis com a nobreza de Portugal contra o rei e

contra a independencia do reino, o que eu não posso de modo algum acreditar, e...

«E que?!... dizei, suffoca-vos o pranto, tão amargurada é a noticia?

— Oh! sim!... e das mais cruéis!

«Então qual?... já, quasi sem me ouvirem, fui porventura eu condemnado?

— Ainda, não, mas, dizem, que o sereis ámanhan... e... e á morte! E Carolina, occultando o rosto com as mãos, repetia entre afflictivos prantos.— á morte!... á morte!

Uma lividez mortal cobriu o rosto do fidalgo castelhano, e este, com os braços cahidos e entreaberta a bocca, ficou extatico.

Estiveram assim por um momento. Depois repentinamente Carolina levantou-se e exclamou:

— Não! não haveis de ser morto, que o não quero eu!...

O de Avilez admirado olhava para Carolina, que em pé, com os braços estendidos para elle, e o rosto animado pela vivacidade de um affecto profundo estava magestosamente bella.

— Não haveis de ser morto; que vós não sois rebelde nem traidor, nem conspiraes contra a independencia de Portugal, que vos deu hospitalidade... seria uma acção tão negra, que eu mesmo, que tanto vos amó não poderia perdoar... os desembargadores enganaram-se!... e enganaram o seu rei!

E depois, moderando-se, e pondo com ternura a mão alvissima e quasi transparente sôbre o hombro do cavalleiro, que ainda se conservava sentado, proseguiu:

— Já m'o tendes dicto muitas vezes, nas suaves horas que aqui temos passado junctos a conversar e ler, mas tornaes m'o a repetir—vós não sois conspirador? vós não conspiraes contra a independencia de Portugal? não? (e com a maior anciedade repetiu:) não conspiraes? pois não?

E o castelhano mentindo a tanta ingenuidade e affecto, disse energicamente e levantando-se:

«Não! quem conspira contra a independencia da vossa patria, Carolina, não são os fidalgos castelhanos, não é a corte de Castella; mas sim os nobres e alguns dos ricos prelados de Portugal; nas alcavovas de seus coutos e honras, nos paços das suas cathedraes ou nas cellas dos mosteiros, uns e outros vêem desconfiados e receiosos o poder real ir-lhes tirando um a um todos os seus privilegios e regalias, e fazem quanto podem para os defender, e querem até para os conservar vender a sua patria aos reis de Castella. Mas eu não vim a Portugal para nada d'isto:

quando o marquez de Monte-mór, condestavel d'este reino, falleceu em Castella, apaixonado, como sabe, por D. João II ter, julgando-o rebelde, mandado em Abrantés desauthorar sua estatua, degolal-a e queimal-a, encarregou-me, poucos momentos antes de morrer, de vir a Portugal procurar uma sua filha bastarda e entregar-lhe um grosso legado. Chegando a Lisboa para melhor cumprir o negocio a que vinha fui algumas vezes a casa do duque de Vizeu; el-rei suspeitou d'estas visitas, soube que eu era amigo do marquez de Monte-mór, que vinha a Lisboa a mandado seu, acreditou que eu conspirava com os fidalgos portuguezes contra a sua corôa e contra o seu reino, mandou porisso encerrar-me n'esta prisão e processar-me. Eis a verdade, com toda a singeleza do meu coração, com toda a lealdade de um cavalleiro hespanhol; e mui vil seria eu se á mulher que ha dois mezes é para mim uma enviada do ceu, e a unica que em toda a vida eu hei amado... mui vil seria se lhe mentisse... Ah! mas agora a minha sentença de morte será dada, e não ha que esperar clemencia de João II visto o seu genio, e o caminho que vão tomando as cousas publicas. Só em vós Carolina, na generosidade e justiça do vosso coração, no affecto que vos hei podido inspirar e que me dizeis profundo é que posso ter alguma esperança de ser salvo!... Se me salvardes, dar-me-heis a vida, e ao vosso rei e á vossa patria fareis um servico maior ainda, evitardes que derramem o sangue de um innocente, que pratiquem um assassinato de que infalivelmente Deus lhes havia de pedir restrictas contas no futuro.

E o castelhano disse com tão simulada convicção, com tal vehemencia e enthusiasmo este longo arazoado de mentiras, que a pobre donzella já muito inclinada pelo affecto que lhe dedicava a julgal-o innocente não teve mais sôbre isso a minima dúvida; tomou entre as suás a mão do ardiloso estrangeiro que elle tinha estendida e levantada para o ceu, fingindo réter a colera de Deus proxima a cahir sôbre a nação portugueza, e disse-lhe:

— Creio em vós, e creio do coração, porque as vossas palavras a elle me vão direitas; tudo farei para vos salvar; mas vós sois homem, mais velho do que eu, experiente e muito sabedor, tendes ingenho para tudo, pensae lá... como poderei fazer para vos abrir as portas d'esta prisão, a mais guardada do reino, a vós o mais vigiado de todos os presos?

«Sentemo-nos e vejamos, respondeu elle.

(Continúa) e o nome do autor Bernardino Pinheiro

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

II

ARMAS DOS APPELLIDOS DE SAAVEDRA

E SOUTO-MAIOR

Villas-Boas na sua Nob. Port. assignando as armas que competem ao appellido de *Souto-maior*, diz: Saavedras *usam das mesmas armas*. Respeitando, como devemos, a auctoridade de tão distincto escriptor, como foi Villas-Boas, não podêmos deixar de dizer que não foi exacto, porque as armas que descreve a pag. 333 como do appellido de Souto-maior são as que em regra cabem ao appellido de Saavedra; não sendo tambem exacto que os de Souto-maior usem das mesmas armas d'aquelles, posto que a sua descendencia lhes venha do mesmo tronco, de Garcia Mendes Soredea, como refere o conde D. Pedro no tit. 75 (a).

Seguindo o auctor da descripção do reino de Galiza, e varios nobiliarios de Hespanha, vamos apresentar a descripção dos braços d'estes appellidos, e as suas differenças.

Saavedra. *Tem por armas, em campo de prata tres faxas (b), estas divididas em cinco peças sendo a do meio de ouro, e as dos lados jaqueladas (c) de ouro e vermelho. Timbre leão de prata com as faxas das armas.*

Souto-maior. *Tem por armas em campo de prata tres faxas, estas divididas em cinco peças sendo a do meio de negro (d) e as duas dos lados jaqueladas de ouro e negro. Timbre leão de prata com as tres faxas das armas.*

Deu origem á mudança d'estes escudos a seguinte historia, que encontrámos nos já citados auctores.

(a) Men Paez de Soredea servio al-rey D. Alonso VIII hallose en la conquista de Almería: poble el valle de Soto, que era suyo, y llamole Soto-mayor, de que tomaron sus decedentes el appellido. Aponte, *not. ao Nob. do conde D. Pedro ao tit. 75.*

(b) Faxe é uma peça que atravessa o escudo do lado direito ao esquerdo: é de primeira ordem na heraldica. Du Parois, *Cod. Herald. cap. V. Villas-Boas, Nob. Port. cap. XXVII.*

(c) Jaquelado é o escudo axadreado das côres que se mencionarem.

(d) Negro ou sinoble é a terceira côr mais honrosa no braço; representa ella nas virtudes a fé, nos elementos a terra, nos planetas Saturno, nos metaes o chumbo, nas pedras o diamante, nas arvores a oliveira: significa tristeza por ser a côr que mais longe está da claridade, e por este motivo se tomou como signal de lucto e dor; sendo obrigado o nobre que esse seu escudo tiver esta côr a defender as viúvas e orphãos, e todos aquelles para quem a fortuna lhe não sorriu. Vera, *Origem da Nobr. cap. V. Haro, Nob. tom. 1, part. 1. Eysenbach, Hist. du Blas. cap. V.*

Souto-maior servia os reis de Hespanha, como fidalgo da primeira nobreza que era, tinha a seu cargo velar pelo moço infante: um dia negro e pesado lucto cobriu os paços reaes de Hespanha, era o infante que tinha deixado de existir, victima d'um desastre perpetrado pelo seu aio.

Souto-maior muito sentiu este caso; e tão sinceras eram as suas lagrimas, que alcançou o perdão do rei, pois magoado de tamanha desventura, voltára ao seu solar de Galiza, para não mais sahir d'elle.

Souto-maior não quiz que esta triste memoria cahisse no pó do esquecimento, não, elle cobriu o seu braço de negra côr, que ainda hoje recorda aos seus descendentes qual foi o seu muito penar.

N'um tronco duas casas veremos filiadas,
Que são as de Saavedra e Souto-maior;
Um d'estes ao infante do reino, ao menor,
Matou por desastre nas regias moradas.
Porém suas culpas lhe são perdoadas
Por feito animoso e dizem que astuto,
D'aqui suas bandas se tornam em lucto,
Ficando o irmão co' as suas douradas.

São os versos de um poeta hespanhol que cantou esta desgraçada historia, e que confirmam o que levámos dicto: se falso ou verdadeiro não o sabemos; mas o que temos toda a certeza é que os nobres de Hespanha que usam d'este honroso appellido têm as armas que havemos descripto (a); e passando a Portugal (b) sem dúvida não usariam d'outras armas.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

X Ainda uma noite de theatro

No meio da vida sensabor que ultimamente se está passando em Coimbra o cartaz que annuncia uma noite de theatro é por todos festejado com um unisono *hurra!* porisso que vem quebrar a monotonia d'esse viver sempre o mesmo, sem mudança, em que os dias se succedem uns aos outros com uma regularidade implacavel, em que as horas se arrastam com a mesma morosidade, em que o dia de hoje não é mais que cópia fiel do dia de hontem, e prophecia já realisada do dia de amanha.

(a) Haro, *Nob. tom. II. lib. VI, e tom. III. cap. IV, pag. 138.*

(b) Este appellido e armas acha-se na casa dos viscondes de Villa-Nova de Cerveira, por descendem de Alvaro Fernandes de Lima, senhor de muitas terras em Galiza, que passou a Portugal no tempo d'el-rei D. Fernando, por seguir a el-rei D. Pedro o cruel, de Castella, contra el-rei D. Henrique II o bastardo, seu irmão: era casado com D. Ignez de Souto-maior, filha de Fernando Eannes de Souto-maior senhor de Salvaterra, Souto-maior e Fornellos em Galiza. Sousa, *Grand. do Reino, pag. 634.*

Quem por experiencia não conhece o viver de Coimbra ser-lhe-ha impossivel phantasia-o, imaginar sequer o sofrimento do que aqui vive *pipetillizado* sempre pelo tetrico phantasma da monotonia. Criei na mente, se poderem, um supplicio maior que o de Tântalo, maior ainda que o de Promotheu, e ainda ficarão muito aquem da realidade, terão apenas criado a cópia apagada d'um quadro, por consequencia a que faltam os principaes tons.

E por isto que quando se annuncia uma noite de theatro, como que rejuvenescem e se desannuiviam todos os rostos, e a nova corre tão repentina, mais ainda, que se fóra a da queda do ministerio, ou noticia de definitivamente se ter declarado a guerra europeia.

Foi o que succedeu n'um dos ultimos dias do mez passado quando se espalhava a nova de haver no dia 2 de Fevereiro uma récita no theatro da Graça.

Efectivamente ás 7 e meia horas da tarde, ou antes da noute de 2 do corrente dirigi-me áquelle theatro, entreto-me durante o caminho em martyrisar o espirito propondo-me decifrar forçosamente os enigmas, que comeci a enumerar-me; encher-se-ha hoje a casa? serão boas as comédias? qual d'ellas a melhor? que tal o desempenho?, e ainda outros; felizmente quando cheguei á porta de entrada ainda me occupava da sua enumeração.

Entrei, dirigi-me ao bilheteiro para que me vendesse uma senha de entrada, e já me dispunha a pagá-la, quando uma voz, que mais prosaica se não pode conceber, n'um tom pifio me replicou:

— Já não ha, acabaram-se.

Fiquei estupefacto. Um raio, que cahisse ao pé de mim, decerto me não deixaria mais assombrado! e foi talvez este o motivo porque achei aquella voz tão desagradavel. E não era para isso? Ver-me privado de tudo que d'antemão tinha phantasiado, mais attraente agora pela impossibilidade do goso!!

E tudo por não poder haver a *ninharia* d'uma senha! Mas não cedi assim á primeira. Afastei-me um pouco, e comeci a elaborar mentalmente um meio de me introduzir na sala, embora tivesse de custar-me um *crime!!!*

De repente sinto-me apertado n'um furioso abraço; logo que pude tractei de encarar o individuo que tão desastrosamente me apertava, e a final deparei com o meu amigo R. que havia já dois annos não via.

Depois de á queima roupa ter descarregado sobre mim um sem número de perguntas, a que me não dava tempo de responder, porque as amontoava de tal sorte que uma *noite de Lamego* ainda não seria sufficientemente longa para o fazer; concluiu por me dizer que havia pouco mais de duas horas que tinha chegado, e sabendo que havia récita no theatro da Graça logo lhe nascera o desejo de conhecer as modificações, pessoas ou materiaes que porventura tivesse soffrido, e com este intuito comprára uma senha; mas que prevalecendo o cansasso da jornada á curiosidade, mesmo porque em parte se achava satisfeita, se não animava a esperar que começasse o espectáculo, e assim que não comprasse eu nova senha que me fazia presente da sua.

Quasi lh'a arranquei da mão apenas tal ouvi, tanta era a sofreguidão de haver o desejado papelinho! depois de possuidor d'elle apenas me demorei com o meu amigo R. o tempo necessario para lhe perguntar onde ia ficar, porque no dia seguinte o queria procurar para fallarmos mais de espaço, e ao despedir-me dei-lhe um abraço, sem duvida mais apertado do que aquella que ainda não havia muito tanta estranheza me causara.

Eis-me enfim no theatro!!

A plateia e galerias estavam completamente cheias, e os camarotes achavam-se, em grande parte, mimosamente ornados. Tractei de me instalar conforme pude n'um pequeno logar que teve a bondade de me ceder o Sr. J. A. do Espirito Sancto.

Os cartazes annunciavam para esta noite as seguintes comédias: — *O Tio Torquato*, 1 acto; *Uma Carta da California*, 1 acto; *De noite todos os gatos são pardos*, 1 acto; *Os Zuavos*, 1 acto.

Diremos duas palavras acerca do desempenho.

O Tio Torquato, que incontestavelmente foi a perola da noite, ainda mais, que é a melhor comédia que este anno nos tem dado n'aquelle theatro, correu muito regularmente, não só porque os papeis estavam bem distribuidos, mas porque os artistas a quem couberam se esmeraram no seu desempenho.

O Sr. Paulo no papel do protagonista teve momentos felicissimos. É uma das vezes em que o Sr. Paulo mais nos agradou, talvez pelo bom uso que fez da sua veia comica, não abusando, como d'outras vezes lhe tem succedido a ponto de chegar a cançar-nos.

O Sr. F. Martins apesar do muito contrafeito que deve de andar para se apresentar convenientemente nos papeis de dama de que se encarrega, por vezes chegou a illudir-nos, tal foi a naturalidade feminil com que pronunciou algumas phrases, e muito mais duradora seria a illusão se não fossem certos gestos sacudidos e menos estudados e muito principalmente o *pisar*, que ainda não é bastante bom.

O Sr. Matta andou bem, ainda que o seu papel não tinha grandes difficuldades a vencer.

A Carta da California, que na nossa opinião é uma comédia das vulgarmente chamadas de *cordel*, não tem merecimento algum litterario; acção forçada, enredo inconcebivel e linguagem nulla, ou quasi nulla.

O desempenho foi regular. E pena que manebos com tão boa vontade pela arte dramatica se applicuem e gastem o seu tempo em comédias de merecimento tão duvidoso; mas desgraçadamente a culpa tem-na as plateias em applaudir com preferencia taes abortos.

De noite todos os gatos são pardos é uma comédia em que as situações comicas se succedem rapidas, e por ellas disseminados alguns ditos bastante chistosos.

O desempenho foi bastante regular, distinguindo-se ainda o Sr. Paulo na parte de Sá Pato, principalmente na scena da entrada e na seguinte, em que andou com uma naturalidade inimitavel, apesar de que depois deixou cahir um pouco o seu papel da altura a que o tinha eleyado.

Não deixaremos de mencionar tambem o Sr. Emygdio, que, apesar de ser um actor nascente, não deixa contudo de se lhe revelar bastante tendencia para a arte.

O Sr. Matta é que nos parece que d'esta vez não interpretou bem o seu papel, mas somos o primeiro a confessar que não temos por base do que levámos dicto mais que a nossa opinião; assim é possivel que nos enganemos; mas seja como for, acredite o Sr. Matta que sem lisonja, e com a verdade de que somos capazes, não temos duvida em lhe affiançar que, sem offensa para os outros socios da Sociedade *Boa-União*, é aquelle de quem ella mais tem a esperar.

Os Zuavos já o nosso collega A. S. eleyou á altura em que devem de estar, como produção dramatica.

O desempenho se não foi inferior ao da primeira récita, superior não o foi decerto. J. A. V. da Cruz

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeiteiras, n.º 19.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 660

N.º 8 — FEVEREIRO 28 — 1861

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

PAUPERISMO

INTRODUÇÃO

II

Inquirindo agora as causas da redundancia dos nascimentos persuade-nos a logica dos factos não só que a indigencia é prolifica, mas ainda que a mortalidade multiplica os indigentes, cujo resgate se effectua pelo medrar da abundancia. É notavel phenomeno, que a peste com seu instincto homicida, em vez de coarctar, promovia a repovoação proletaria; mas os annos da pauperie ahi estão para o testemunhar.

Em Manchester e Bristol, nos bairros mais insalubres e fecundos em nascimentos, n'esses viveiros repletos de operarios, onde em 1832 a cholera mais sangrou a povoação mendiga, já em 1840, sete annos depois, sobravam ao quadro novos recrutadas. Longe de minguaem tragados pela epidemia, os indigentes propagaram-se como a posteridade de Jacob.

Na India, China e Japão engrossam as multidões pela prolificidade da miseria e pela abstinencia forçada; dez ou doze obreiros indios subsistiriam com o salario d'um manobreiro inglez, e este, immerso na atmosphera social, sob cujo imperio vive, não pode manter-se com menos dos estipendios d'uma dezena de operarios indios. Aquelles povos jejuadores vivem vida vegetativa em meio da penuria, nascem com ella, pullulam á sombra d'ella, destroncados continuamente por ella, e, como as cabeças da hydra, renascendo apesar d'ella. É a tela de Pénélope sempre desfeita e refeita.

Releva todavia extremar a frugalidade, que é filha da providencia, do mesquinho sustento, obra da penuria. Quem, desdenhando colher

informações sôbre os habitos de forrar e capitalisar caracteristicos do povo flamengo, só inventariasse a modicidade dos consumos em pão de rollão, batatas e lacticinios, em que se cifra o seu sustento diario, formaria ácerca d'elle o mais erroneo conceito. Não basta registrar os consumos individuaes para aferir a mendicidade d'um povo, porque elles podem decorrer quer da inopia, quer da economia.

No crescimento elastico das nações parcimoniosas ha, porém, certas fronteiras, que se não podem ultrapassar, sem que o astro da vida descenda ao seu occaso. A magra pítanção attinge alfim o meridiano da sobriedade, attinge um ponto em que a povoação não augmenta sem que aumente a produção; e, n'este ponto, um atomo de subsistencia que falte, um revéz no mercado—repudia do convívio social essas multidões redundantes, essas boccas supranumerarias, que a morte apaga com sua esponja inevitavel.

D'aqui se deduz que a lei economica—que a povoação tende a adequar-se aos meios de existencia e subsistencia—não é abrogada pelo crescimento anomalo das sociedades. Este crescimento ou é devido ao requinte da frugalidade, ou a um sobejo de renda disponivel para subsidiar as classes necessitadas; em ambas as hypothéses ha terminos improrogaveis, e, transpostos estes, faltam casas para os recém-nados no xadrez social.

Ha pois na povoação duas povoações, uma normal outra anormal; uma que acompanha em seu progresso os progressos das subsistencias, outra que se repoeva de abstinencia ou d'um excesso de renda collectada pela caridade voluntaria ou legal; uma que não só cresce crescendo os nascimentos, mas, nomeadamente, pela redução dos obitos, que vivendo na abundancia, attinge pela abundancia um periodo vital mais largo á sombra

das uniões conjugaes; outra que cresce crescendo concumitaneamente obitos e nascimentos, passando da casa sobradada para o casebre terreno, da manança succulenta e animal para a magra dieta vegetal, como ainda hontem a população da Irlanda: aquella é a regra, esta a excepção; regra e excepção que se vigoram com factos estadisticos.

Por uma parte andam irmanadas as forças musculares e civilisadoras, conforme attesta o dynamometro de Peron; andam irmanadas as vidas e subsistencias: — a medida de grãos, que rendia cem no seculo XVI, rende hoje cento e noventa, e as *médias* dos seguros de vidas, bem como os registros civis, que sobreviveram ás antigas communas, v. g. á de Genova, depõe contestes que ha hoje uma dilacção nos annos — para a idade tenra, que chega em maior número ás edades ultteriores, — para os adolescentes e adultos, que têm ante si mais largo horizonte de dias. Por outra parte, os mappas dos expostos sobem na razão inversa dos quinhões nutricios das classes famintas; e o decremento da estatura é testificado em França pelo decreto, que encurtou o número de millimetros requeridos nos recrutandos, e, outrosim, pela difficuldade ascendente que se encontra na Russia no recrutamento da guarda imperial.

Raro é o paiz, que na devida proporção não tenha a sua Irlanda, a sua Flandres, a sua Galliza, cuja exabundancia de habitantes não flua da reducção dos consumos ao estreito necessario, ou d'um sobrecellente de capitaes disponiveis para lhes custear as despesas.

Não é que regurgite de homens o globo terraqueo; mas porque ha matrizes de abundancia, que são para nós como que um livro fechado, porque ha n'este mundo velho um novo mundo de riquezas para descobrir, porque no habitado e habitavel á acção da natureza não responde em regra a reacção da indústria. Inquirir as causas e remedios d'aquellas sobejidões e reduções é o que commetteremos nos consequentes artigos.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

Quadros biblicos

III

A SAHIDA DA ARCA

Fallou então Deus a Noé, dizendo: — Sae da arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos commigo. GENES. CAP. VIII, VV. 15 e 16

A terra era um vasto oceano. Amontoadas vagas, debatendo-se em furia, despedaçando-se

encontradas, erguendo-se ás nuvens em montões de espuma, soando, troando, bramindo, rugindo, haviam succedido aos plainos risinhos da Asia, ás margens virentes do Eufrates; haviam substituido o lidar bonançoso dos campos, o trovar innocente do zagal, os requebros feiticeiros da pastora.

Mas tambem haviam abafado a prevaricação e a iniquidade, extinguindo de sôbre a face da terra desde o homem, rei da creação, até ao insecto humilde que rastejava no pó!

E o Senhor Deus das misericordias espraizou a vista ao largo n'esta scena de desordem, e divisou um ponto quasi imperceptivel que ao lume d'agua boiava.

Recordou-se então de que reservára um justo do estrago universal, e apiedou-se d'elle que havia cento e cincoenta dias não vira mais a luz do sol.

E mandou a seus anjos que suspendessem de sôbre a terra a espada das vinganças, que fechassem ás fontes do abysmo e as cataractas do ceu, que não mais cahisse chuva sôbre a terra.

E assim se fez.

As aguas então começaram a balouçar-se d'um para outro lado, a escoarem-se murmurando e vagarosas, como que a custo largando a prêsa, até que no vigesimo septimo dia do septimo mez a arca de salvação poude descansar nas alturas da Armenia.

Cerca de sessenta e tres dias decorreram mais, e as aguas, abatendo continuamente sob a pressão forte do braço omnipotente do Eterno, deixaram ver a descoberto os picos mais sobranceiros das montanhas.

Percebeu Noé que o diluvio tinha cessado, porque deixou de ferir-lhe os ouvidos o estrebuxar ruidoso das vagas, e o seu coração exultou de júbilo e grato alvoroço. Seu pensamento voou ao Deus de seus paes, e lá foi depor um voto ardente de gratidão sincera.

Abriu então a janella da arca, e deixou sahir um corvo.

Mas este, de natureza carnívoro, tendo encontrado a terra apinhada de cadaveres, para a arca não tornou.

Enviou pois uma pomba após elle: mas, não achando pouso, voltou a recolher-se.

E Noé aguardou ainda mais septe dias, e a cabo d'elles fez sahir de novamente a pomba. Regressou ella pela tarde trazendo um ramo de oliveira, signal de estarem já descobertos os cimos das arvores.

E Noé demorou ainda mais septe dias, e reenviou a pomba pela terceira vez, que não voltou.

Entendeu o varão justo que as aguas haviam desinundado a terra, e abriu o tecto da arca.

Olhou então essa terra que elle deixára cheia de movimento e vida, e comprimiu-se-lhe o coração de tristura!

Cadaveres e ruínas eram o panorama pavoroso que se lhe desenrolava em frente!...

Montanhas altivas arrasadas até aos cimentos, e com os valles niveladas; arvores seculares, tão formosas que elle vira, agora jaziam apodrecidas no lodo; cidades famosas, tão florescentes de grandeza outr'ora, nem vestígios que as recordassem deixára o cataclysmo infausto; homens e feras, em montões confundidos, alastravam o solo, exhalando putridos miasmas, insupportavel fetido!

— Em que veio a dar tanto fausto e tanto orgulho!... suspirou o Justo. Como é terrível e respeitavel a justiça de Deus! —

E a scismar se ficou diante de tão lugubre espectáculo!...

A voz do Senhor veio despertal-o, soando magestosa no alto dos enevoados ceus.

Noé prostrou as faces por terra, e, em religioso acatamento, esperou as ordens do Senhor.

«Sahe da arca, tu e tua mulher, e teus filhos e as mulheres de teus filhos.

«Faz tambem sahir todos os animaes que recolheste, desde as bestas feras até aos reptis: e crescei todos e multiplicai-vos sôbre a terra.»

E Noé sahiu da arca com sua mulher, seus filhos, e as mulheres de seus filhos. Sahiram tambem todos os animaes que dentro d'ella haviam escapado ao diluvio, e espalharam-se por toda a superficie da terra.

Não olvidou Noé os beneficios do Senhor, e apressou-se em immolar sôbre o altar do reconhecimento victimas puras de animaes mundos.

E o Senhor Deus aspirou o aroma de sua vidade, e disse:

«Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa dos homens. É desde a sua adolescencia que os sentidos e os pensamentos do coração humano são inclinados ao mal: nunca mais, pois, ferirei de morte todo o vivente, como agora fiz.

«Por toda a serie dos tempos não cessará jamais de haver sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite.»

E abençoou o Senhor Deus a Noé e seus filhos, dizendo:

«Crescei, multiplicai-vos e enchei a terra.

«Eis que Eu entrego á vossa disposição e sujeito a vosso dominio tudo o que vive na terra para d'elle gozardes:

«Mas não derramareis o sangue do homem,

vosso semelhante: porque o homem foi feito á imagem e semelhança de Deus.

«E Eu hoje firmo uma alliança comvosco, para que nunca mais as aguas do diluvio destruaam a vida da terra.

«E o signal d'esta alliança será o meu arco, que Eu farei apparecer nas nuvens quando o ceu estiver toldado, e recordará elle para sempre a alliança de paz que fiz com a terra.»

Tomados de veneração e respeito escutavam Noé e seus filhos a voz do Senhor, acurvados silenciosos diante do altar.

E o ancião, virando-se ao poente, pasmou de ver como o ceu era negro e medonho. Em breve, porém, os temores se tornaram alegrias, e as lagrimas da gratidão lhe correram suavissimas pelas faces venerandas.

O arco-iris brilhava no horizonte resplendente de vivissimas côres!

— Olhae, meus filhos, como é grande e bondoso o nosso Deus! — exclamou. Bemdicto seja Elle em todas as gerações, porque baixou olhos misericordiosos sôbre nossa humildade.

— O seu braço poderoso ergueu-se contra os impios, e com um aceno os derribou no pó: a dor e a penitencia o compungiram, e um sorriso de seus labios abonçou a tormenta!

— Engrandecei, meus filhos, o nome do Senhor: teme e respeitai a sua justiça.

— Que todas as gerações venturas lhe entoem hossannas: e seu nome resoe exaltado por todo o vivente!

— As nossas boas obras lhe sejam testemunhas do nosso agradecimento: e não mais se risque de nosso coração a memoria d'este dia grande nas misericordias do Senhor! —

Acabou de fallar: e o fumo do sacrificio, subindo enovelado até aos ceus, desfez o nevoeiro, e o sol raiou pela vez primeira sôbre a terra, como um sorriso de Deus!

J. Simões Ferreira

A FILHA DO PESCADOR

Ao amigo Anthero do Quental

«Caso foi mui público... contado por todos os moradores da villa e comarca, e por todos celebrado o que agora escreveremos: e que logo se divulgou pollo reyno com grande gloria de Deus...»

FR. LUIZ DE SOUSA (Vida de Arceb.)

Voga em mar banzeiro, ao capricho dos ventos, sob o mais puro ceu, uma barquinha airosa, pintada de verde com cinta branca orlada de dois fios carmezins: dentro vou eu e um amigo d'infancia dono da *Faisca*. Assim

se chamava a aventureosa barca. Era isto em vespas de eu vir para aqui.

Dizia-me Julio do Carvalho:

«Não terás saudades d'esta vida quando estiveres em Coimbra?»

— Eu sei lá, Julio! Deixemos o futuro e gozemos só do presente. Em quanto por cá andarmos assim com o nosso chapéu d'oleado e camisola vermelha não me falles tu em Coimbra.

«Pois sim... mas toma-me cautella com o leme!»

— Não tem dúvida — respondi firmando o timão, que se me ia escapando das mãos descuidadas agora. Fôra a razão do meu innocente desleixo o muito que me dava para scismar sempre que me lembrava irem-me brevemente fugir aquelle ceu, aquelle mar e aquelles rochedos que eu conhecia a palmos. A alma dos quinze annos embalada ao sôpro suave dos ventos marinhos entre o rumorejar de selvas de laranjeiras e o gemer triste da vaga, assustava-se ao partir do seio carinhoso d'outras almas, cuja era metade. Tal a aversinha que estremece ao deixar o ninho mimoso, protegido pela folhagem das copas tufadas, e de continuo baloiçadas pelas brisas do ceu! — Fôra-se de todo a jovialidade, entrando-me pela alma dentro uma melancolia a um tempo doce e pesada. Vinha-me á lembrança minha mãe... Arrependia-me então de ter embarcado, contra vontade sua, e sem o ella saber. Atropellavam-se-me no coração, conglobados em nuvens negras, os cuidados que estaria áquella hora tendo por mim! Affigurava-se-me ver-lhe o rosto ensombrado perguntando com a vista inquieta para onde me tinha eu ido. Depois chegar á janella interrogando do mesmo modo os caminhos solitarios do campo, ao cimo dos quaes apenas de longe em longe despontava uma aldean! Emfim contristar-se pela minha demora, murmurando baixinho «todos!... menos elle!»

Hoje sei a razão d'aquellas melancolias saudosas nas proximidades da minha partida para esta terra. Não podia ser outra cousa — embora se riam do parecer — senão a precsciencia das horas, que de pós o preciso estudo, precedem as que eu e alguns amigos levámos de penna em punho, á falta de melhor emprêgo — eu pelo menos, mui sinceramente o digo. Na soledade d'este isolamento forçado é balsamo suavissimo o que em outra situação gerára nauseabundos tedios. Porque ha naturezas que affeiçoadas por circumstancias peculiares a sentirem maguas d'ausencia não acham distracção nos prazeres em que muitos

se refocilam e folgam, no mais abençoado esquecimento de tudo, em pleno deserto de recordações suaves das ledices da adolescencia. Os gosos n'uns levam a saudade porque a materia submergindo o espirito o absorve todo em si. N'outros o espirito nem lembra a materia! O segredo de muitas existencias, queridas umas, outras mal soffridas do mundo, está em parte n'isto, a meu ver. A bemquerença social, que acceta umas, repulsa de si as outras e chama-lhes «excentricas.»

Tudo isto veio a proposito de se me ter escapado das mãos o timão do leme... Ora vejam o que este facto, á primeira vista tão simples, continha em si de substanciosas considerações!...

Tornemos ao barco.

Serenára do ânimo o meu amigo vendo-me cuidar do leme; e amarrando a escota, puxára do bolso um rolo de tabaco americano, o qual — ôlho na faca, ôlho na vela — ia placidamente picando para o cigarro do costume. Quanto ao inglez levava os olhos pasmados nos campos que já vinha florindo abril. Maguas, se as tinha, não as dizia elle; mas a saudade da terra que deixára havia tres mezes transparecia bem da serena melancolia dos olhos azues. Ainda vos não fallei d'elle. É o mesmo; já vedes que é um moço triste e de seu natural recolhido. Teria, quando muito, dezeseite annos, e de todos os meus conhecidos o mais prompto para estas patuscadas era sempre William Cowley.

Distanceavamos já da terra legua e meia, se tanto, quando o vento começou de soprar mais forte. Primeiro largámos a escota. Os que me não entenderam fiquem inteirados d'uma vez para sempre que largar a escota é soltar a vela a fim de evitar perigos que ella, de retezada e cheia, nos podia acarretar. Continuou o vento cada vez mais rijo, e já tinhamos, não sem difficuldade, colhido o panno, quando se encrespou o mar, cuja espuma alvejava ao longe á luz tibia das estrellas.

Era noite fechada e estava o mar de carneirada.

— Mau! disse eu, o menos afoito dos tres — principalmente no mar largo — isto vae-se tornando serio! onde vamos nós ter?

Respondeu Carvalho:

«Por ora não vale assustar. Isto não é nada. Estamos perto da terra e em qualquer parte se desembarca. O peor é ser de noite...

— Pois é isso! é ser de noite! — accudi logo — e demais a mais está escuro como breu!

A falta de vista que desde o berço me per-

segue fazia infelizmente d'esta circumstancia um argumento de grande calibre.

«Que dizes a isto, Cowley? — perguntou em inglez o meu amigo.

—*Nothing at all* (a) — respondeu elle, affeito a ver as tempestades do canal de Inglaterra.

Com que innocente inveja pregava eu então os meus olhos nas luzinhas longinquoas das casas das praias e dos montes! Punha-me a phantasiar os habitantes acercados da mesa a conversarem amigavelmente sem saberem que áquellas horas andavam por cima das ondas do mar irmãos seus a tiritar com frio! Via outros, os dos montes, chegando ás choupanas entre os cantares do rapazio e o folgar das moças que recolhiam dos cerrados. (Esta consideração, por inexacta, quando havia já muito se tinha posto o sol, bem mostra o meu estado de susto e atrapalhão moral). Porém o que mais e muito me amofinava e lembrava com saudade, que participaria talvez do aneiar do delirio e da suavidade das horas de sesta, á sombra de castanheiros frondosos, era...

Ora adivinhem o que era?...

A minha cama, leitores! a minha cama! que eu enxergava com os olhos d'alma na escuridade do meu quarto, toda coberta por uma d'aquellas colxas alvissimas, que vem, pelo verão, a vender das Flores. Via-a como estrella de bonança a luzir para mim, que todo me inchava então com fumaças de nauta. Via-a, como a vejo ainda agora, e queria, atirando-me sôbre ella, repousar d'aquella canseira de remar, havia horas, contra os vagalhões do Atlantico.

Ouvimos enfim o bramir do mar contra as penedias da costa e pareceu-nos podêr saltar por alli perto. O ponto era abordar um caes singelo da proxima *Bahia do Alcaide*, onde algumas lanchas faziam a pesca do sargo, que só com mar cavado se apanha. Tomaram-nos os de dentro tambem por pescadores e admiraram-se quando lhe perguntámos se era possivel desembarcar alli. Disseram-nos que sim, e uma hora depois dos trabalhos d'aquella noite tempestuosa por bem pago me dava eu de todos, e de mais algum que ainda viesse, tal foi o prazer que em mim produziu uma narrativa singela contada por um marítimo, a cuja casa chegámos após uma perigrinação d'obra d'uma legua, por cima de rochedos e batidos do frio e da chuva que era se Deus a dava!

(Continúa)

Alberto Telles

(a) Nada absolutamente.

PARTIU!

Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!

S. P.

E partiu, como a nuvem que passou
Na montanha levando o brilho á neve;
Como a briza, que trouxe a espuma á sebe,
Que a palavra de Deus ao mar traçou!

E partiu, como a vela do baixel...
E como foge a folha ao rosmaninho,
E como voa a rôla de seu ninho,
E da aza da pombinha alvo frouxel!

E partiu, como parte ao longe a lua
A outros valles, de luz banhar as flores,
E partiu para um ceu de novas côres,
Para um ceu, em que Deus tambem fluctua!

A. A. Castello-Branco

A UM LYRIO

Soffremos a mesma dor!...

BERNARDES, JUNIOR

Ao rijo sôpro que por ti passou
Despindo a hastea da virente coma
Não peças, lyrio, a folhinha, o aroma,
Que o vento ha pouco pelo ar levou.

Não peças, não! que n'esse espaço immenso
Perde-se e morre com o perfume a flor!
Tambem meu peito, que viveu d'amor,
Geme sosinho em martyrio intenso!

Sanctos Valente

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

V

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

Nos tempos em que a ideia se involvia no symbolo, ou porque a sciencia era um mysterio vedado a profanos, ou porque a intelligencia rude não se impressionava senão com os factos materiaes, á Hespanha chamou Hesperia a mythologia, e fingiu em nosso paiz o jardim, em que os pomos das arvores eram

de ouro: e como Colchos offerencia a tentadora conquista do velocino, assim nós offerenciamos a dos pomos das Hesperides. Symbolisava esta allegoria as riquezas do solo hespanhol, ou alguma cousa mais? As frotas de Carthago e Roma vieram explorar nossas ricas veias de metaes e pedras preciosas: seduzidas pela attracção dos aureos pomos viram realizados os sonhos da sua mythologia, ou deram logar a que a mythologia sonhasse: e o sonho converteu-se depois em tradicção prophetica. Se nos levou o estrangeiro o ouro das minas, o ouro da intelligencia, esse ainda cá ficou, e d'elle bastantes pomos podêmos contar. Se lanço os olhos para a Hesperia última, e demorando-me a contemplar os bellos canteiros d'esse jardim, me acontece olhar mais detidamente para a rainha do Mondego, não posso deixar de lhe chamar abençoada arvore, d'onde tem brotado fructos de maior valor, que o ouro: e quem souber contar o número dos conimbricenses illustres não deixará por certo de convir comigo.

Artes e letras aqui têm os mais distinctos filhos. Debaixo d'um ceu tão bello, com uma atmospheria tão pura, com uma paisagem tão linda, quem não ha de sentir a mente aquecida ao sacro fogo que eleva o espirito acima do vulgar e o torna um genio?

Pondo de parte a veneranda fileira dos vultos respeitaveis que, ennobrecendo a patria pela vastidão das suas luzes ou pelo arrôjo de seus commettimentos, ennobreceram Coimbra, occupo-me agora do último extinto elo d'essa brilhante cadeia, que, perpetuando as tradicções de fidelidade ao rei e á patria, ligou o berço da monarchia á grandiosa estátua de el-rei D. José I. Quem n'esta gigantesca fábrica de bronze vir somente uma estátua pouco ou nada vê, porque não conhece n'ella uma epocha notavel nos fastos da nossa historia, que o genio sublime de Joaquim Machado de Castro comprehendeu e escreveu em caracteres que mereceram ser perpetuados no bronze.

Um mediocre talento escreve um livro: seu estylo rude e sem amenidade nem flores pode com mais ou menos propriedade exprimir a ideia: dispensa o livro o genio; mas para em uma estátua se escrever o brilhante reinado de D. José I e ser a historia digna do heroe, era necessaria a pericia, o arrôjo, a sublimidade de Joaquim Machado de Castro.

Foi Coimbra o berço do eximio estatuario. A 19 de Junho de 1731, se a Manuel Machado Teixeira e a D. Thereza Angelica Taborda fôsse dado ler o horoscopo do recém-nascido

com que Deus abençoava o seu leito, deveriam elevar ao ceu as mãos em acção de graças.

Na virilidade do anno, na quadra em que sem ter perdido os mimos da primavera já se apresenta robusta e fecunda a natureza, realisando com dons as promessas da estação das flores, nasceu Joaquim Machado. Desde os seus primeiros annos casou o mancebo em suas lucubrações Apollo e Minerva, junctando o estudo das sciencias ao das artes. Em quanto estudava latim com os jesuitas nos geraes do pateo (hoje lyceu), ia-se iniciando nos mysterios da esculptura com seu pae, que segundo o que o filho deixou d'elle escripto fôra homem dotado de ingenho e habilidade encyclopedica.

Dê quinze para dezeseis annos de idade tendo perdido sua mãe partiu Machado para Lisboa fugindo ao desamor da madrastra que seu pae lhe dera em segundas nupcias. Ha em certo modo um destino providencial que, como o vento, impelle os homens de genio em diversos rumos, desarraigando-os do lar domestico, se este é pequeno theatro para o brilhante papel, que têm de representar no mundo. Negou Deus a Machado as doçuras da familia para podêr obedecer ao verbo poderoso da sua missão. Apenas em Lisboa entregou-se todo á sua vocação artistica, e foi discipulo de Nicolau Pinto, de José d'Almeida o primeiro escultor portuguez do seculo XVIII, e por fim de Alexandre Giusti, que por esse tempo trabalhava nas obras de Mafra. Foi com tal aprendizagem que Machado de Castro se consummou na arte com que erigiu um padrão eterno á sua gloria. Em Mafra adquiriu conhecimentos de rethorica e poetica, e apurou o bom gôsto com as noções de desenho que recebeu de Francisco Vieira Lusitano. A quem tiver conhecimento das obras litterarias devidas á penna de Joaquim Machado a variedade nos titulos bastará para fazer avaliar quanto o seu espirito era culto, quanto devia comprehender o ideal d'arte que professava, adornando-o com variados conhecimentos accessorios, de que tirava recursos que seriam a outro impossiveis.

Não é o escôpro, o cinzel, ou o buril quem pode tudo sôbre a materia prima; estes são sim o instrumento com que a ideia se manifesta; são o estylo com que a intelligencia se escreve na madeira, na pedra ou no bronze: e ideia é tudo porque as artes são sempre a última resultante das sciencias. O negro selvagem faz o Manipanso, em que apenas se pode adivinhar a imitação da figura humana;

o homem civilisado construe a Basilica de S. Pedro, o Pantheon e o Palacio de Cristal, para aquelle é a materia o fim, para este o meio. Joaquim Machado de Castro aos dotes de estatuario junctava os de poeta e musico: estava largamente iniciado na encyclopedia das bellas artes; era pois fôrça que em consequencia d'estes conhecimentos da musica e poesia, na energia magistral dos contornos, que sob o seu cinzel avultavam se reproduzisse as harmonias d'uma e as doçuras d'outra. Se modelava um heroe, as inspirações do hymno e da epopeia haviam de robustecer as inspirações do esculptor; de sob as mãos do estatuario devia surgir obra acabada, porque a união faz em tudo a fôrça.

A quem melhor de que a Machado de Castro podia confiar-se o nobre committimento de legar á posteridade a memoria d'um reinado notavel? As exuberantes provas da sua pericia com que enriquecia as artes junctava a indispensavel qualidade de portuguez. Só Camões poude escrever os Lusíadas: nacional era o assumpto, e cada um se impressiona mais vivamente das cousas que lhe são proprias.

Portugal do tempo d'el-rei D. José I era ainda alguma cousa; os monarchas da Europa não tinham esquecido de todo o respeito com que seus avós pronunciavam o nome de el-rei D. Manuel.

Tinham corrido dois seculos e meio, em que diversos foram os fados do nosso paiz; mas como os povos levam seculos a morrer, da jornada d'Alcacer-Kibir se levantou Portugal em um só dia com o memoravel feito do primeiro de Dezembro de 1640.

Guerras internas e externas por mais de meio seculo se seguiram, mas D. João V legou socegado o reino a seu filho D. José. Este estado de cousas tinha modificado muito a indole, costumes, ideias e necessidades do paiz, ora eliminando umas, ora dando a outras feições mais pronunciadas, ora fazendo apparecer outras de novo. As sciencias que para além dos Pyreneus rompendo o nebuloso do mysterio começavam a apparecer ás raias da publicidade, não podiam deixar de se reflectir n'um círculo de grande diametro, em que se comprehendesse Portugal. Moral e politicamente começava uma nova ordem de cousas a que era necessario obedecer. Foi n'este conjuncto que el-rei D. José chamou para seu lado o homem eminente, cujo nome anda tão vinculado á historia d'essa epôcha. Estudou o marquez de Pombal as necessidades sociaes, comprehendeu-as e procurou accom-

modar-lhes as instituições. Quando o governo d'uma nação é forte, a nação é grande e poderosa.

Portugal renascia para as sociedades modernas debaixo da energica e bem dirigida administração do primeiro ministro que o soube chamar de novo á altura da sua dignidade. O reino sentia-se forte. Um secreto presentimento, que nunca illude a massa das nações, fazia adivinhar grandes cousas; elaboravam-se na mente governativa e iam sahindo a lume graves golpes d'estado de arrojado alcance para a administração e para a politica: uma expectação immensa trazia suspensos os espiritos.

Depois da epocha das nossas grandes conquistas e descobertas, em nosso paiz, não houve outra de maior vida de que no reinado d'el-rei D. José I. Sentia-se chegada uma epocha de reformas. Os recursos do paiz augmentavam, em consequencia d'uma administração economica. Concentrando-se no interior, a vida politica exaltava os espiritos pelo novo das ideias, e suspendia a imaginação, que, agitada pela febre das innovações, quasi sempre se eleva a um ideal maravilhoso. Eis o momento que poderia produzir a segunda epopeia nacional; mas em verso não podia ella ser condigna do assumpto porque está escripto — que, em cousas da sua patria, nem dentro, nem fóra d'ella, ha de achar Camões rival. Pediu-se então ao estrangeiro, porque parece ter sido sempre bemquisto o estrangeirismo n'esta terra, o pensamento d'uma epopeia que se escrevesse em bronze; mas esse, ou porque os talentos lhe falleciam ou porque se não inspirou da grandeza da ideia, offereceu o modelo d'uma estátua que destituido do pensamento de nacionalidade não poude preencher o fim. Estava reservado para Joaquim Machado de Castro ser o Homero de tão bella odyssea.

A inspiração foi sublime: ha n'ella tal unidade que parece foi d'um só jacto vasado na concepção do inventor, como d'um só jacto foi vasado o bronze no molde. A vida que lhe refervia na mente foi viver na estátua, foi-lhe modelar os contornos, foi viver no metal. Minerva sahiu da cabeça de Jupiter armada dos pés á cabeça: e a verdade d'esta engenhosa alegoria demonstrou-se mais uma vez na estátua d'el-rei D. José, sahindo completa da mente de Joaquim Machado desde o primeiro degrau do pedestal ao mais alto das plumas. Na magnificencia d'aquelle poema ha unidade e propriedade na acção e nos episodios: tudo se desinvolve com regularidade

e harmonia em tórno da ideia primitiva, como os planetas que desinrolam a regularidade das suas orbitas em tórno do seu centro; todas as partes observam uma proporção absoluta. Leva muitas vezes o arrôjo do genio a sahir fóra das proporções das differentes partes d'um todo entre si; mas n'aquella hyperbolica imitação da natureza observa-se uma critica severa e illustrada, obstando por toda a parte a desharmonias e a defeitos; que, se ainda alguns ficaram, pequenos são, e menos compromettem de que fazem avultar as perfeições do todo, e mesmo assim tão poucos não devem ser tidos á conta do estatuario, porque mau grado seu não lhe foi, como queria, permitido effectuar em sua obra algumas correções; pois lhe obstou a vontade do Soberano, cujo era o monumento.

N'esse tempo em que a nação se elevava alçavam-se monumentos aos reis; era uma dívida de gratidão que pagavam os povos: honrava-se a nação no monarcha, tanto ao avêssio d'estes tempos em que n'elle se affronta a nação. Bons tempos eram esses em que os poderes constituidos se respeitavam, e o povo dava palmas gloriosas ao seu rei, e o rei distribuia gloriosas palmas ao seu povo. Sem me fazer Jeremias da ruina das instituições antigas, não deixo ás vezes de lamentar o abuso que se faz das modernas, querendo conserval-as, e fingindo respeitá-las. Querem defender Troia e desadoram o Palladio. Perdoem-me a digressão e voltemos ao assumpto.

Muitas foram as obras com que J. M. de Castro teceu uma brilhante aureola para o seu nome; mas de todos os raios o mais luminoso foi o que lhe grangeou a estátua equestre. Quando este commettimento lhe foi confiado, já de sua pericia e ingenho tinha dado sobejos documentos, só então era admirado e louvado, por naturaes e estranhos que se deliciavam com as esculpturas do seu cinzel. De extremo a extremo de Lisboa, e mesmo fóra d'ella, as suas obras decoravam os paços reaes, praças públicas, fachadas e interiores de templos. Insigne em sua arte por tantos documentos, como alguém disse d'um eximio prégador; Machado excedeu-se a si mesmo na grande obra que os homens d'arte de todas as nações admiram em Lisboa na Praça do Commercio.

Ao contrario do que hoje succede Joaquim Machado trabalhou muito para o seu paiz e recebeu pouco; a munificencia real fez-se-lhe sentir mais pelas honras de que pelos proventos.

Não entrou no meu intento escrever a biographia do grande mestre; missões d'estas estão reservadas para os filhos d'arte: e se um esculptor moderno, referindo-se ao pintor Cyrillo Wolkmar Machado, disse que ella só podia ser escripta pelo proprio Machado; e não escreveu a respeito d'elle mais que um esboço, sentindo-se incompetente para o cabal desempenho, não podia eu conceber ideia semelhante, porque só me é dado julgar das cousas pelas impressões, em tudo estranho aos segredos da arte. Se profanei o nome do grande artista deve-o elle á sua má estrella de ter nascido em Coimbra, porque foi esta circumstancia que me levou a escrever estas linhas.

Morreu Joaquim Machado de Castro em Lisboa aos 17 de Novembro de 1822, e jaz sepultado na igreja de Nossa Senhora dos Martyres. Sôbre a sua sepultura não ha inscripção nem emblema, que mais tarde tire incertezas quando se perguntar onde está a ossada do primeiro estatuario portuguez.

Conhecem-se no mundo duas realezas uma conferida pelos homens, outra por Deus: a realeza dos reis e a do talento. Porque se não construe um pantheon para as ossadas dos homens que foram bem fadados com esta? Se no jazigo dos reis se arregimentam urnas cinerarias pelo simples facto de serem os finados prole de reis, bastantes e bem honrosas podia coligir Portugal no pantheon de seus filhos benemeritos.

Concluirei por uma observação. No pedestal da estátua equestre ha dois nomes um do auctor Joaquim Machado e outro do fundidor Bartholomeu da Costa. Como a operação de fundição foi a que em Lisboa deu mais brado, foi talvez esta a causa porque o nome do estatuario ficou mais no escuro, de que o do fundidor; mas é esta uma injustiça tão flagrante, como querer dar toda a gloria de Raphael ao photographo que por meio da sua máchina reproduzisse um dos seus melhores quadros; é querer attribuir toda a gloria de Mozart ou de Bellini ao cantor que no theatro reproduz suas harmonias. A cada um sua gloria, ambos a têm, contente-se cada um com a que lhe for propria; mas ha não sei que fado mau a perseguir os homens de talento, que um Americo Vespucio vem quasi sempre roubar a gloria a um Christovão Colombo.

A. C. da Silva Mattos

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 660

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeiteiras, n.º 19.

N.º 9 — MARÇO 15 — 1861

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com o territorio

Como o recrescer e rarear dos homens impende de muitas e diversas causas, releva que a sciencia gradue uma escala differencial da efficacia de cada agente para accelerar ou moderar o arrôjo das gerações na via lactea do progresso. Releva que ella suppute a influencia do territorio e sua nativa uberidade; da grande, pequena e mean cultura; do retalhado ou indiviso da propriedade agraria; dos multiformes ramos de commercio e indústria; — e das outras circumstancias, que mais ou menos profundamente actuam na vitalidade e crescimento dos povos.

Com nimia leveza se tem pretendido descobrir uma correlação íntima entre o número de familias, que rejuvenesce annualmente um estado, e a extensão de tractos incultos de que este pode dispor. É o espaço condição impreterível para as populações se alargarem; mas cumpre buscar fóra do precinto da esphera material a causa da dessimilhança dos seus desinvolvimentos. Basta conferir o número dos naturaes do continente portuguez, e o ambito em que se movem, com o número de habitantes, e a área da Belgica, para se evidenciar que os kilometros quadrados em nada influem nas ondas das gerações. O contraste da America hespanhola com a America de Franklin ainda mais assenta esta verdade, já agora inconcutível. Na Flandres oriental accommodam-se mais de doze mil habitantes por milha quadrada sôbre gandaras e arneiros, que só um extremo de industria conseguiu assignalar por dons de feracidade.

Quando a povoação se adianta ás subsistencias, o paiz onde se manifesta este deficit,

—evitavel ou inevitavel, não se tracta agora de averiguar se um melhor aproveitamento de terra indigena o poderia cobrir — o paiz onde se manifesta este deficit suppre-se d'elle nas provincias meridionaes da Russia banhadas pelo mar negro, na Podolia e na Ukraina, ou na Valachia e na Hungria; suppre-se nos outros paizes cerealiferos da Europa; vae mesmo aprovisionar-se á America do norte; irá mais tarde, quando o commercio volver o mundo em feira universal, irá buscar o alimento ás planuras temperadas do Brasil e Venezuela de fertilidade fabulosa; chegará aos solos intertropicaes para prover-se de leguminosas e outras plantas nutritivas, e alongará o seu curso até ir bater ás portas do globo.

Nem o territorio, por espaçoso que seja, é factor da multiplicação das familias, nem a fecundidade, que lhe é congenita. *Utilidade natural (a) e fertilidade natural* — são cousas alheias ao nossa planeta. Diz-se util, o que o homem utiliza; fertil, o que fertilizou (b). Marenta e affogada em gazes deleterios, a terra — antes de a disciplinar o trabalho — de todos os póros transsudava morte. O mar putrido e as lagôas pontinas, os karrus de Guiné e os murrações de Bengala, os steppes asiaticos e as pampas americanas copiam-lhe em escorço as nativas feições. A fecundidade economica não alcatifa o leito paludoso dos valles, nem sombreia a ossada nua das montanhas, menos que o braço humano não captive os elementos e pleiteie a subsistencia com a natureza.

Ao passo que uma legua quadrada de chão virgem de cultura refusa o tenue sustento do homem selvagem, são de sobra quatro hectares para que nade na abundancia o homem civilisado. Sustenta a França setenta e seis

- (a) Dunoyer.
(b) Fontenay.



habitantes por kilometro quadrado; do mesmo solo obtem a Belgica uma producção dupla, e a Lombardia e Piemonte alimentam cento e setenta e seis vizinhos na mesma superficie. A Allemanha colhe vinte e dois hectolitros de cereaes por hectar; a Gran-Bretanha vinte e cinco hectolitros; e proporcionalmente sustenta o quintuplo dos gados que sustenta a França.— Foi o braço do homem que, exterminando a vegetação espontanea, forçou a terra a desentranhar-se em taes celleiros de fartura.

Sem o homem desaparecem as plantas, que com elle germinam e fructificam. O trigo é indigena do Egypto, a batata da America, o milho da Turquia, a oliveira da Phoecea, a vinha de Chanaan, a cerejeira da Asia-menor. «Percorra-se a larga collecção de desenhos coloridos, iniciada em tempo de Gastão d'Orleans e hoje continuada no jardim do rei (França). Ver-se-ha talvez com espanto que as melhoes flores d'aquella epocha seriam rejeitadas hoje, já não digo pelos floristas, mas por qualquer jardineiro d'aldeia... Entre as plantas hortenses ver-se-ha uma só especie de chicoria, e duas castas ruins de alface, sendo que hoje possuímos de ambas mais de cincoenta especies, todas gratas ao paladar (a)». A cultura, diz o nosso Avelar Brotero, amansa as plantas, faz-lhe perder os espinhos, hispidez e toda a sorte de pellos, amacia a aspereza de seus succos, e adoça muitas vezes o amargor e acidez dos seus fructos. Uma ameixeira, uma alcachofra hortense, ás quaes a cultura fez perder os espinhos, deixadas á mercê da natureza para logo os recobrarão.

(Concluir-se-ha)

A. Saraiva de Carvalho

O HOMEM E A TERRA

Existiu em todos os povos uma pronunciadissima tendencia a fazerem subir a sua origem á mais remota antiguidade.

Os chinas de hoje, attribuindo-se uma origem anti-diluviana, dão d'isto ainda um argumento vivo. A Grecia, o Lacio, a Iberia, as Gallias e a Bretanha tiveram os seus ab origines: tal é o amor que todos tem pelo solo, em que firmaram o primeiro passo, tal é o amor, que nos vincula ás exterioridades que nos impressionaram, quando pela primeira vez abrimos os olhos. Não ha ninguem que, longe da patria, não sinta um vago per-

fume de poesia nas recordações da terra que o viu nascer, ou que não receba com um sorriso, ou com uma lagrima, que vale muitas vezes o mesmo, uma impressão parecida com alguma d'aquellas com que nos encontramos ao sahir do berço.

Chegae-nos a um homem que, ha muitos annos, as circumstancias detenhão longe da sua terra natal: embora tenha todas as suas mais caras affeições n'aquella, em que habita, embora não deixasse alguma n'essa outra em que nasceu; haveis de ouvir-lhe muitas vezes fallar na sua terra, e protestar de não morrer sem que pela última vez a veja. Tudo tem lá um colorido mais vivo, de que em nenhuma outra parte: anda ao seu nome vinculado um thesouro de gozos de que o expatriado comprehende todo o valor.

Foi sem dúvida este sentimento quem produziu a antiga ideia de que os habitantes d'uma região eram filhos d'essa região, como tendo surgido d'ella, á maneira das plantas. A fabula de Deucalião era o symbolo ou expressão d'esta ideia.

Os homens nasciam das pedras arremessadas pela sua mão, e as pedras são as entranhas da terra em fusão, arremessadas pela violencia dos vulcões para longe da fonte do calor, e coaguladas pelo successivo arrefecimento. Por aquella ficção mythologica era o homem verdadeiro filho das entranhas da terra.

As letras genesiacas fazem o homem filho do barro, animado pelo verbo de Deus; e d'aqui tambem se deduz a nossa affeição pela terra de que somos parte, d'aqui aquella repugnancia, que em todos os povos se encontra de ver em podêr estranho o seu paiz natalicio; d'aqui aquella odio ao barbaro ou inimigo externo, que alimentavam os indigenas de cada região para defenderem contra a sua cubiça a chamada mãe commum. Ninguem mais de que elles tinha direito aos beneficios auferiveis da sua terra.

O homem rude, na infancia da razão e das impressões, deveu naturalmente crear affeição á entidade, a quem immediatamente devia tudo, á terra. E como não devia ser assim, se era mãe tão bemfazeja? A terra, produzindo a arvore, começou por dar ao homem dois alimentos, o do corpo e do espirito, a subsistencia e o conselho.

Ergueu-se a arvore do chão copada e graciosa; na primavera cobriu-se de flores, chamou as vistas; no estio convidou ao descanso, com as attracções da sua sombra resguardou dos ardores do sol o homem, que sahio do

(a) Buffon.

covil da fera para construir a choupana, ensinada pelo exemplo da arvore; no outomno vergou os ramos ao pé dos fructos; estes, vivos no colorido, suaves no aroma, convidaram á colheita, e o homem comeu: nos fins do outomno as folhas cahiram, e foram pelo conselho poderoso da necessidade, ou pelo instincto da vida animal transformadas em vestido, cama e combustivel.

Eis satisfeitas as primeiras necessidades, eis o homem como encadeiado ao solo, eis os traços mais rudes do amor da patria na sua origem: d'aqui essa tendencia moral d'amor á terra, que se reproduz em todos os povos e em todas as edades, como resultante das tendencias individuaes.

Concedendo ainda que tenha sido um sentimento menos nobre do que a gratidão, a necessidade, quem estabeleceu um laço moral entre o homem e a terra, obrigando-o a não se afastar do logar que lhe affiançava a maior somma de bens, nem porisso a ideia de patriotismo se havia de arreigar menos nos corações. Porque é que o homem por seculos não conheceu mais de que o terreno que se andava em pequeno número de jornadas; e para além eram paizes de gigantes e de antropophagos? Entrava sem dúvida nos desígnios da providencia ligar o homem á terra: o *Cr.escite et Multiplicamini* incluia um mysterioso fixa-te; porque só assim o homem podia satisfazer ao poderoso verbo.

A ideia de sociabilidade, innata no homem, desinvolveu-se, e trouxe-lhe um maior número de ligações e, em consequencia d'isto, está prêso á familia, aos amigos, ao municipio e á cidade, que apparece depois na carta do mundo organizada em corpo politico, e por este sente elle uma affeição, que é somma de todas as outras affeições.

É n'este periodo de desinvolvimento social que os horisontes se alargam, dilata-se o mundo diante das descobertas, e vão encontrar-se povos, que ignoravam tanto a nossa existencia, como nós a d'elles. Pela simples observação dos factos se conhece quanto estava comprehendida nos arbitrios da intelligencia suprema que o homem fôsse para a sua patria, e a intelligencia para o mundo.

(Continúa)

A. C. da Silva Mattos

EL-REI PERDOA

II

Tres dias depois da longa entrevista que narrámos de Carolina com D. João d'Avilez,

o rei, a rainha e toda a côrte achavam-se em Alcochete.

Haviam chegado na vespera em numerosa flotilha de faluas, galeotas e bateis mui vistosos por suas bandeiras, flamulas e toldos das côres mais vivas, e pelas fardas agaloadas e variegadas de muitos remeiros e mais tripulantes.

E a familia real e a côrte desembarcaram ao som estridente de muitas trombetas, bastardas, atambores, charamellas, sacabuxas e muitos outros instrumentos bellicosos usados n'aquelle tempo.

Os habitantes da villa haviam limpo as ruas mal calçadas e juncado-as de flores e plantas aromaticas, e aberto contentes as portas de suas casas para hospedarem tão nobre companhia.

A noute a villa illuminou, e houveram muitas folias, bailados e divertidos momos. D. João II era grande amator de festas e entremeses, em que, segundo as chronicas d'aquelle epocha, elle representava galhardamente os principaes papeis; quasi nunca de recitações ou descantes, mas sim de mascaradas com vistosas danças e combates simulados.

O dia tinha amanhecido sêcco e bello; era um domingo do mais formoso mez do anno: do mez das flores, dos amantes, das canções, das festas, era um domingo de maio.

Em Alcochete havia festa de egreja e tourada. De manhan, no templo, entre nuvens de incenso, canticos sagrados, e o povo de joelhos recolhido e reverente, o sacrificio incruento, glorificando o Creador; — de tarde, na arena, entre turbilhões de poeira, musica e gritos descompostos, a lucta ensanguentada de homens, de bois e de cavallos para divertir um povo e um rei, que se diziam christãos. E eram estes os dias de mais folguedo da antiga monarchia; e são estes, ainda para maior vergonha, os mais divertidos da nação liberal! Destruí depressa, homens do govêrno, esses circos que fazem lembrar os de Roma, onde ás feras eram lançados os christãos! Destruí, que lucra a agricultura, a honra do paiz, a moral e a humanidade.

A manhan passou-a a côrte toda na egreja, pequena, sem ornatos architectonicos, mas que para aquelle dia se tinha adornado com toda a pompa que a egreja catholica, desde os seculos barbaros, costuma empregar nas suas solemnidades, e que muito exalta a imaginação dos fieis.

Depois do jantar seguia-se a tourada. A praça para a corrida tinha-se armado no terreiro juncto da egreja.

Pelas duas horas da tarde já tudo era agitação e entusiasmo. As musicas tocavam por toda a parte, e a rapazia da villa e os moços palafreiros da côrte soltavam grandes vivas e clamores.

As tres horas sahiu o rei e toda a côrte da casa onde a familia real se tinha aposentado. Iam a pé, que eram dois passos.

A comitiva era numerosissima: caminhava na frente uma linha de guardas da camara, que tomava toda a largura da rua com suas alabardas e mui vistosas; depois alguns fidalgos; a distancia seguia-se o rei levando á direita sua mulher, a rainha D. Leonor, irman do duque de Viseu; um pouco atraz com D. Pedro da Silva, commendador-mór de Aviz, homem de idade madura, esforçado valor e muitas letras, ia o principe D. Affonso, gentil menino de nove annos, estremecido de seus paes e amado de todo o reino, e o mesmo que sete annos mais tarde tão desastrosamente devia morrer cabindo d'um cavallo ao correr na praia de Nalfange, juncto a Santarem; após estes seguiam-se muitas damas e fidalgos com seus pagens e escudeiros, e finalmente fechavam o cortejo duas dezenas de guardas dos ginetes, desmontados e commandados pelo bravo e muito fiel a el-rei Fernão Martins Mascarenhas, que depois da morte do duque de Bragança sempre com seus soldados acompanhava o real filho de Affonso V.

Havia já alguns momentos que a numerosa comitiva ia na rua principal da villa, quando repentinamente se levantou grande alarido do lado da praça. Soltando gritos lamentosos, as creanças, as mulheres e os homens fugiam para as viellas que davam na rua, e para as casas cujas portas encontravam abertas. Em um momento o espaço do caminho da praça até ao real cortejo estava deserto, e a ala dos guardas da camara que ia na frente tinha debandado.

Um enorme touro fugira do curro, e corria furioso ao longo da rua.

Quando os guardas da camara dispersando-se, deixaram ao rei, ás donas e aos fidalgos ver o terrivel animal que se aproximava bramindo e pavoroso, as damas e os nobres, tomados de receio, fugiram tambem.

D. João II é que não arredou um passo. Tomou a rainha pela mão, collocou-se ante ella, tirou dos hombros a capa, passou-a ao braço e pediu a sua espada.

D. Jorge de Menezes seu joven pagem é que a trazia, e por se demorar um momento a dar-lh'a, pois vinha um pouco atraz practi-

cando com as donzellas da côrte, o rei, quando elle lh'a entregou, arrepellou-o n'um movimento de raivoso phrenesi.

El-rei empunhou a espada, e com grande sangue frio esperou o touro. Nem um musculo do rosto se lhe tinha alterado; apenas nos olhos dois laivos de sangue tornaram temeroso o seu aspecto.

Tudo isto se passára n'um momento; mas poucos instantes levou o touro a vencer a distancia que o separava do rei; porém cego, como vinha na carreira, passou ávante sem attender n'elle.

D'este feito ficaram mui corridos os fidalgos e homens d'armas, que iam no cortejo, pois sabiam quanto o rei estimaria aquelle que practicasse tão denodada acção.

D. João II mui satisfeito de si e alegre continuou com a rainha seu caminho; todos o seguiram: entraram para os camarotes e palanques da praça, e pouco depois começou a festa.

Deixemos, leitor, a tourada; afastemo-nos até da praça para se nos não communicar—o que é mui facil—o phrenetico entusiasmo que lá vae no interior, e que uma numerosa multidão exprime com estrugidoura algazarra! Vejamos antes quem transporta aquella falua, cujas duas velas triangulares, inchadas pelo vento, a impellem rapidamente através das vagas do Tejo para a praia de Alcochete.

Juncto ao arraes, que sustem nas mãos callosas a cana tosca do leme, está um individuo vestido com uma longa garnacha preta, apertada na cintura por uma faixa da mesma côr; pelo vestuario e pelo descarnado e pallido do rosto, sulcado na testa por duas profundas rugas, se vê que tem passado os annos no estudo de uma sciencia arida, como era então a jurisprudencia, e no officio ainda mais arido da sua applicação. Aquelle velho é o licenciado Ruy da Gran, que o chronista Resende diz ser bom homem, de muito boa consciencia e bom letrado; o mesmo que foi dado por juiz no triste caso do duque de Bragança, e que, talvez porisso mesmo, é tido em grande conta por el-rei. Juncto a Ruy da Gran estão o regedor, o chanceler e mais desembargadores da *Casa da Justiça*, ou Relação da côrte, todos de trajos e rostos compostos e graves. Mais para a proa, além de alguns officiaes subalternos do tribunal, e mais empregados do Limoeiro, vê-se uma numerosa escolta de homens d'armas, e entre elles, estendido nos paneiros da falua, um individuo com as mãos algemadas e correntes de ferro aos

pés: é de uma estatura corpulenta e robusta, mas lê-se-lhe nos olhos um não sei que, a denunciavel de ânimo irresoluto, simples, porém mais do que tudo bondoso. O seu rosto onde ha até uma certa belleza e distincção, contradiz os ferros que o prendem.

O arraes lá mandou largar as duas escotas; as vélas soltas bambaleiam alguns momentos no ar, depois os tripulantes as enrolam nas duas longas espichas que as sustem; e, apesar d'esta manobra ser feita a alguma distancia da praia, a força que a embarcação trazia era tanta, que muito entrou pela areia a quilha da falua.

Uma prancha ajudou os passageiros a desembarcar. Os soldados formaram-se em alas, metteram entre ellas o preso, e encaminharam-se para a habitação real, seguidos a alguma distancia dos desembargadores e dos outros passageiros, que, mais velhos na idade e mais pesados nas maneiras, caminhavam a custo sôbre o areal.

Pelas seis horas da tarde acabou a tourada, e uma hora depois, achando-se D. João II no seu aposento particular, Ayres da Silva, camareiro-mór, lhe annunciou que o licenciado Ruy da Gran tinha chegado de Lisboa com outros desembargadores, e pedia para fallar a S. A. sôbre um negocio de grande importancia, mas cujo assumpto elle, camareiro, ignorava. Admirado da inesperada vinda do jurista o rei mandou-o chamar, e ficando só começou a passear ao longo da sala.

D. João II tinha uma bella e nobre figura de homem. Sem ser alto, era em todo o corpo bem proporcionado e airoso; dotado de grande força physica, e destro em todos os exercicios corporeos. Vestia com elegancia e ás vezes com luxo. O rosto tinha-o comprido e claro; o nariz e a bôcca pequenos e bem feitos. Mas a sua feição caracteristica eram os olhos de um tamanho regular, pretos e vivissimos; ás vezes eram serenos e graciosos e tranquillizavam e attrahiam a pessoa em quem se fixavam, outras vezes porém uns laivos de sangue tingiam-lhes o branco e scintillavam tão vivos e temerosos raios, que faziam estremecer de puro medo os mais afoutos e temerarios da côrte e do povo. D. João II possuia um espirito cultivado, e uma natural e grande perspicacia para bem apreciar os homens e as cousas; foi do seu tempo o rei mais amado e respeitado, e incontestavelmente um dos melhores politicos de Portugal, ainda que da eschola do despotismo.

N'este momento D. João II estava alegre e affavel, e os olhos sorriam até com uma certa meiguice.

Em breve o licenciado assomou á porta onde parou respeitosamente.

O rei, apenas o viu, disse-lhe com a sua voz grave, pausada e um tanto nazal:

«Entrae, Ruy; não esperava ver a vossa negra garnacha no meio dos passatempos e folguedos em que por aqui andâmos, assim estou um pouco admirado, mas apraz-me sempre a visita de um bom e leal servidor.

—E em leal creado de V. A. me tenho, Senhor; e porisso mais me custa vir com negocios graves e más novas perturbar vossos prazeres, que tão curtos são, e de que V. A. tanto necessita para de quando em quando distrahir o espirito da pesada governança d'estes reinos.

«Más novas me trazeis então, licenciado?... pois dissei, e fallae desassombradamente.

E D. João II sentou-se defronte do jurista, um pouco mais cuidadoso do que antes, mas ainda alegre. O filho d'Affonso V tinha então vinte nove annos.

Ruy da Gran ficou por um momento silencioso, estava visivelmente enleiado; não sabia por onde começar. Fez um esforço sôbre si, e sem preambulos, porque sabia que o rei amava a concisão, entrou no assumpto:

—Senhor, o fidalgo castelhano que estava preso no Limoeiro...

«João d'Avilez, sim? Já está com Deus, não é verdade? prestes andou minha justiça!

— Não, meu senhor; saiba V. A. que não.

«Não?!... pois a sentença de morte não lhe foi já dada ha tres dias?... devia ser hoje executado.

—Assim tinham dadas as competentes ordens... mas...

«Mas, que? dissei! A voz do rei ao pronunciar estas palavras tinha-se tornado vibrante e mais alterosa, e o rosto começava a enuviar-se-lhe.

Ruy da Gran ajoelhou; ao bom do juriconsulto aquella posição era mais commoda, pois a tremura que nas pernas começava a sentir ameaçava-o de não poder por muito tempo suster-se em pé.

—Senhor, nós, os juizes da *Casa da Justiça* não tivemos culpa, nem a levissima culpa.

«Mas porque não foi executada a sentença, dissei, Ruy?

—Ouça-me, V. A. O preso conluiado com o carcereiro João Baço, fingiu-se doente:

quando lhe foi lida a sentença jazia na cama e tinha um physico juncto á cabeceira. Mandou chamar o notario, e fez as suas disposições; pediu depois um padre, confessou-se e recebeu o sacramento sancto da eucharistia. Apenas sube isto, mandei a visital-o dois desembargadores; acharam o inferno na maior agonia; o physico e o carcereiro asseveraram-lhes que não durava muitas horas; — não eram homens da arte, foram illudidos. O preso fingiu-se morto, foi levado n'uma tumba para a igreja, e de lá, ajudado pelas trevas da noute... fugiu.

D. João II ao ouvir esta última palavra deu irado uma punhada tão forte na tampa de um bofete, que lhe ficava proximo, que a rachou de um ao outro extremo.

Levantou-se. Nos olhos lá tinha os dois terriveis laivos de sangue. Ayres da Silva, o camareiro-mór, que durante toda a conversação estivera em pé juncto da porta, vendo-o assim sumiu-se apressado por traz do reposteiro. Ruy da Gran continuava de joelhos sem se atrever a olhar para o rei. Este caminhando a passos agitados o aposento clamava:

«Fugiu!... pois assim se foge das cadeias reaes!... Ah! em o sabendo, Isabel de Castella rir-se-ha de mim (a)! (e ficou por um momento silencioso, depois, parando defronte do infeliz licenciado, bradou-lhe:)

«Dize, homem, não o mandaste tu procurar por toda a parte, e não carregaste já de ferros o vilão traidor e ruim do carcereiro?»

— Senhor, o castelhanu embarcou-se n'essa noute em um navio que sahiu para Cadiz, e só de manhan soubemos da fuga; mas o carcereiro enganado pelo Avilez ficou em terra, e tanta diligencia empregámos para o encontrar, que por fim o houvemos, e aqui a esta casa o trouxe para V. A. o punir, como lhe aprouver.

«Ah! ao menos esse!... e elle pagará sua traição!

(Continúa)

Bernardino Pinheiro

CANÇÃO

Suspira na montanha a meiga rôla
Quando entre prantos nasce a madrugada;
Assim quando a meus olhos vem as lagrimas,
Por ti suspira est'alma, ó doce amada!

(a) Todos sabem das grandes rivalidades que houveram entre D. João II e Fernando e Isabel de Castella então reinantes.

Morre a brisa do ceu nos arvoredos,
Mas primeiro suspira e geme anceiada;
Assim antes que fuja o alento, a vida,
Por ti suspira est'alma, ó doce amada!

A noite inclina a flor, e o calix triste
Suspira pela branca deusa alada;
Assim quando no ceu as sombras rolam,
Por ti suspira est'alma, ó doce amada!

Mas se eu te vejo só, virgem das noites,
Estrella, meiga estrella d'alvorada,
Já por ti est'alma tua não suspira,
Ai! não suspira... treme, ó doce amada!

QUE SENTES?

Mas que subito calix d'amores.
Tal doçura em meus labios verteu!
P. RIBEIRO

Virgem, se ao teu collo encósto a face,
Dourada pelos brilhos d'esse olhar,
Vergontea emmurchecida, que renace
Á luz que diz — viver, que diz — amar!...

«Que sentes?» Sinto abrir-se o peito ancioso
Expandir, dilatar-se!... O ceu fugir
Dos olhos, que desmaiam pelo gôso
D'esta alma, que suspira... e quer partir!

Alberto Telles

O CURA DA MINHA ALDEIA

Do cura da minha aldeia
Não venho fallar em vão,
Que é dos padres de mão cheia
Como poucos hoje são!
Eu tenho cá para mim,
Que os outros não são assim.

De manhan deixa a preguiça,
Salta da cama a gritar:
— Oh Luiza! anda p'ra a missa...
Antonio!... vem-m'ajudar...
Josefa!... ponha-se a pé...
Não te levantas, José?!...

De tarde, como exorcista,
Assume novas funcções,
Nem ha demo, que resista

Às suas conjurações!
E teimam, que até Lusbel
Respeita n'elle um Miguel!

O mestre que tanto sabe,
Que perde barbas a ler,
Se bem que muito se gabe,
Dó cura teme o saber!
E diz a quem quer ouvir,
—Que o padre não é p'ra rir!

Sabe de cór o Larraga,
Lago sem fundo em moral!
Vêm consultal-o de Braga
Sôbre o poder temporal,
E n'isto!... vota o reitor,
Qu'embrulha qualquer doutor.

Em sciencia d'uno e trino
Dá p'ra todos sota e az!...
Sustentou inda menino,
De que o papa é incapaz
D'illudir-se, ou de cinçar
No que um outro pode errar!

Por um dos bons miguelistas,
Todos o louvam por cá,
E soa, que os lazaristas
Como seu o sentem já,
Tão firme, que o povo diz:
Ninguem lhe torce o nariz!

Severo, quando se falla
De quem renega o seu Deus,
Colloca na mesma escala
Os liberaes e judeus!
D'um peralta do logar
Tambem não passa a gostar.

Segundo conta a visinha,
Mulher de boa razão,
Foi por causa da sobrinha
Dar cavaco ao tal ratão;
Porisso passa a dizer:
—Qu'elle é de trolha e colhér.

Com a mais gente e comigo
Não ha nada a desejar;
Tem-me na conta d'amigo,
E diz que m'hade ensinar
A grammatica em latim,
Toda tímimim por tímimim.

Severino d'Azevedo

SOLEDADE

Triste minha alma te envia
Um suspiro, um ai d'amor!
PINTO RIBEIRO

Vae, aguia, sobe, e ao espaço o vôo estende;
Fita ousada o esplendor do sol radiante!
Ondas, o vento aos astros vos levante!
Nuvem, o rumo teu no ar suspende!

Perfume que no espaço a flor desprende
Sobe em tenue vapor e segue avante,
Quanto ao ceu pode erguer seu vôo errante,
Fita o lume que ao mundo o ceu despente!

Faz-me ouvir o hymno, a voz celeste,
Que alma gemea da minha pelo espaço
Dispersa como aos balsamos o este!

Ai! porque não mandou do Eterno o braço
Que, quando á luz da vida amanheceste,
Voasse eu lá contigo em doce abraço?

Sanctos Valente

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

III

ARMAS DO APPELLIDO DE BAHAMONTE

Bahamonte. *Tem por armas em campo de azul (a) M de ouro, coroado com uma coroa ducal do mesmo metal: orla de vermelho, sete peices de prata com as cabeças voltadas para o centro do escudo, em faixa (b).*

Descendem os d'este appellido do conde D. Rodrigo de Romaes, senhor de Monterroso em Galisa, filho do conde D. Romon, e neto d'el-rei D. Fruela de Leão (c).

A Inglaterra passou o moço conde D. Rodrigo, e pela sua esclarecida nobreza não duvidou el-rei em lhe dar a mão de sua filha, a infanta Milia: orgulhoso o conde pela posse de tão precioso thesouro, pois que era d'uma belleza nada vulgar, voltou ao solar em Galisa, e d'esta união nasceram numerosas e mui illustres familias.

Nos antigos tempos o brasão era *fallante*,

(a) Azul ou *blao*, é a segunda côr mais honrosa no brasão: representa ella, nas virtudes a caridade, nos elementos o ar, nos planetas Venus, nos metaes o aço, nas pedras a safira, nas arvores o carvalho, nas flores a violeta, nos animaes o camalião; tambem significa ceu, formosura, zelo e lealdade. E obrigado o nobre que em seu escudo tiver esta côr a defender e dar toda a protecção aos que, servindo a patria, estão sem remuneração. Vera, *Orig. da Nobr.* cap. V. Villas-Boas. *Nobr.* cap. XXVI. Haro, *Nobr.* tom. 1, p. 1. Eysenbach, *Hist. du Blas.* cap. V.

(b) Haro, *Nobr.* tom. III, pag. 270.

(c) Conde D. Pedro, *Nobr.* pag. 3, n.º 9.

elle por si constituia uma página brilhante aonde se liam as virtudes e acções valerosas do nobre que o possuia (a); e n'esta viva página mostravam aos seus descendentes, qual o caminho que estavam obrigados a trilhar, como herdeiros seus,—da caridade para com os infelizes, valor nos combates, honra e fidelidade ao rei e á patria.

Luiz VII (1137–1180), entendeu que devia apparecer no brasão um objecto que lembrar fizesse o nome do nobre: este rei foi o primeiro, que em seu escudo collocou uma flor de *Liz*, para significar o seu nome de *Luiz* (b).

A este exemplo, que de tão alto vinha, os nobres começaram a collocar sôbre os campos dos seus brasões a inicial do seu nome, ou a da sua dama, pelo muito amor que lhe tributavam: e este costume nascido em França, espalhou-se por toda a Europa.

Foi, talvez, n'esta epocha que os de Bahamonte, deixando o antigo escudo de *Fajardos*, que usavam todos os descendentes de D. Rodrigo (c), tomaram um, que em todo o tempo lhe recordasse os seus nobres avoengos.

Para cobrir o campo procuraram a côr azul, como a que Deus escolheu para vestir a celeste abobada, e por significar formosura em que brilhava *Milia*, e o quanto era de caridosa para com os desvalidos, tornando mais brilhante esta virtude, por ser a occultas que a exercia, imitando d'este modo a humilde violeta que escondida entre a relva nos humidos valles apenas se deixa conhecer pela fragrança que exhala: assentaram sôbre o azulado firmamento a inicial de *Milia*, como brilhante estrella que pairar devia sôbre aquella immensidade, esta de ouro, metal, que só o verdadeiramente nobre pode trazer em seu brasão (g), coroado com uma coroa ducal, como filha do real tronco de Inglaterra.

Mas acabado assim o brasão que nunca fizesse esquecer aquelle anjo celeste, era necessario que o gentil cavalleiro estivesse sempre unido a elle, e esta união é assás expressiva na orla que volteia o escudo de *Milia*: — é o abraço de desposado, é a significação do puro e sancto amor que lhe deu a felicidade na vida: n'esta orla, escreveram com tintas que a mão devastadora do tempo não apagára, as acções de heroismo do cavalleiro Rodrigo: a côr vermelha de sobejo falla nas

(a) W. Maigne, *Le scienc. des Arm.* pag. 4.

(b) *Bullet, Dissert. Magny, La scienc. du Blas.* pag. XIII.

(c) Fajardo, Gallego, Monterroso, Bibero, Çatico, etc. todos tem o mesmo escudo d'armas. Haro, *Nob.* tom. III, pag. 271, v. 272.

(d) Bare, *Regr. sob a Arm.*

victorias que sellou com seu sangue, os peixes que assentam sôbre ella, que essas victorias assim alcançadas se travaram por sôbre as encapelladas ondas: o número sete que n'uma das mais sanguinolentas batalhas navaes, ao fio da espada do invencivel guerreiro deixaram de existir outros tantos mouros.

«*Ces armes parlantes ont, dès ce moment, une telle valeur, un tel cachet de symbolisme pour la famille, qu'elles passent aux descendants, et l'hérédité des armoiries dans les familles est ainsi constituée*» (a): e com effeito este brasão todo significativo, não tem soffrido modificações como nos mostra o já citado nobiliario, e assim existe entre nós, como se colhe de uma lapida sepulchral que encontramos na egreja da Sé Velha, ao lado esquerdo proximo á porta travessa.

Sôbre a lapida, além do brasão que tem como timbre o chapéu de dignidade ecclesiastica, está a inscripção seguinte:

«Sepultura do doutor Sebastião Vahia mestre eschola d'esta Sé: falleceu de idade de 71 annos, aos 16 d'Outubro de 1630.»

Pouco podémos colhêr no cartorio da Sé sôbre esta dignidade: existe um assento da posse de mestre eschola tomada em 16 d'Abril de 1610, e n'este assento da posse está a clausula de se *fazer licenciado ou doutor nos sagrados canones ou theologia, dentro d'um anno*, é possivel que fôsse cumprida esta clausula que lhe impunha a bulla pontificia, todavia no archivo universitario por não haver escripturação regular em epochas tão longinquas, foram de nenhum proveito os nossos esforços.

A sua naturalidade, e familia, como sabel-a? porém se nos é dado fazer conjecturas, julgamos que Sebastião Teixeira de Vahia, é assim que se acha assignado nos livros do Cabido, é ascendente d'uma nobre familia de Villa Mean, proximo a Villa Real, hoje residente em Chaves, isto pelo que se collige do cognome — *Teixeira* — porque todos os descendentes d'esta casa se assignam — *Teixeira de Vahia*, — e não da familia Monterroso, posto que seja do mesmo tronco de Galisa, e que reside em Taboado districto do Porto, porque se assignam — *Vasconcellos Monterroso*.

Esta familia de *Teixeira de Vahia*, acha-se entroncada com os Bahamontes de Galisa, pelo que se observa das armas já descriptas, e esculpidas sôbre a sepultura d'esta dignidade da Sé de Coimbra. A. M. Seabra d'Albuquerque

(a) *Visc. de Magny, La scienc. du Blas.* p. XIII.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitéiras, n.º 19.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 660

N.º 10 — MARÇO 31 — 1861

Anunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.



SURREXIT

Sôbre as alturas do Golgotha está arvo-rada, mas solitaria, a cruz!

Ficou erguido o altar do holocausto; e a victima desceu d'elle para o tumulo.

Consumou-se o sacrificio!

E Jerusalem dorme esquecida dos terrores que lhe incutira a palavra do propheta.

Dorme, ebria do sangue do justo, e cançada das orgias nocturnas.

Dorme, que sôbre o cadaver do cordeiro immaculado cahiu a pedra do sepulchro. Dorme: e da lembrança do povo já se apagou a imagem do morto, que promettera ressuscitar.

Dorme a cidade após o delirio da vingança, mas velam por ella os guardas á porta do monumento.

Estão ermas as ruas: apenas se avistam, como phantasmas nocturnos, atravessando por ellas, os vultos sombrios d'algumas mulheres piedosas, que tomam o caminho do calvario, e vão subindo pela encosta, onde estão dispersas as ossadas dos criminosos justicados.

Essas pobres mulheres não esqueceram o que repousa entre os mortos: querem ainda pagar-lhe o último tributo d'amizade; levam consigo os aromas para de novo lhe embalsamar o corpo sem vida.

Ainda a manhan não começava a roxear o horizonte. O silencio da noite apenas era interrompido pelo ranger dos craneos despidos, que estalavam sob a planta mal segura d'aquellas mulheres fracas e timidas; mas as unicas que não tiveram medo das trevas, nem pavor na estancia dos mortos.

«Quem nos alevantará a pedra do monumento? — diziam ellas entre si. E caminhavam para o logar onde viram que fôra depositado o cadaver do Mestre.

Começavam então os primeiros raios do sol a dourar as cumiadas das montanhas; e a cruz ensanguentada brilhou com o subito clarão d'este sol do primeiro domingo.

E as mulheres chegaram á entrada do monumento, e encontraram a pedra voltada, e o sepulchro vasio.

«Onde puzeram o corpo do Mestre? — perguntaram ellas aos dois jovens, que viam no logar do sepulchro.

— Ressuscitou, não está aqui; — eis ahi a resposta que ouviram proferida pela bocca d'aquelles dois mensageiros do ceu.

Ressuscitou, podemos nós tambem dizer hoje fundados no testemunho dos evangelistas, e apontando tambem para o sepulchro vasio.

Ressuscitou para consolação dos fieis e confusão dos impios, para que se cumprissem as escripturas, — para que se visse que a morte não podia triumphar do que trouxera ao mundo uma nova vida, — para que o testemunho de sua missão divina ficasse sellado com esta prova authentica da verdade.

Ressuscitou, e os discipulos o viram, e lhe fallaram depois de ressuscitado.

Ressuscitou, e nem a synagoga ousou contestar a authenticidade do acontecimento.

Ressuscitou, e os discipulos velaram com o seu sangue a verdade da resurreição de Jesus Christo.

Os guardas, que corrompidos com dinheiro attribuiram aos discipulos o roubo do corpo sacrosancto, são desmentidos pelo martyrio dos mesmos discipulos.

Desmente-os ainda a indulgencia com que são tractados os guardas que se deixaram adormecer.

A verdade da resurreição está escripta com o sangue dos martyres. Esse sangue innocente ergueu da terra um clamor, que foi

ouvido em toda a redondeza. É elle que brada aos ímpios e incredulos: — mentis!

E mentis, sim; porque nenhum de vós era capaz de sellar com o proprio sangue a descrença, como os apóstolos sellaram a verdade da Fé.

Os apóstolos viram Jesus Christo depois de ressuscitado; com elle fallaram e comeram, e assim o attestaram diante dos tyrannos, assim o confessaram com a cabeça inclinada sob o cutello do algoz, assim o deixaram escripto com seu sangue na base do cada-falso.

Eis ahí o patibulo ensanguentado servindo de testemunha ao sepulchro vasio, como a confissão dos martyres serviu de confirmação ás verdades do evangelho.

Hoje, pois, esquecidos das discordias que nos separam, vamos todos ao templo adorar a Jesus Christo ressuscitado.

Tambem para nós ha de vir um dia de ressurreição. E com esta esperança convem que já hoje ressuscitemos d'essa morte moral, causa unica de todas as desgraças da patria.

Por amor de Jesus Christo, e por amor da patria esforcemo-nos para sahir d'este sepulchro, onde reina a corrupção do seculo.

Esta ressurreição moral deverá ser a nossa verdadeira regeneração. D'ella, e só d'ella, depende a regeneração social, que todos os portuguezes dignos d'esse nome desejam deixar em legado á geração nascente.

Rodrigues de Mattos

O HOMEM E A TERRA

(Concluido do n.º 9)

O homem é o animal de todas as latitudes, do equador aos circulos polares; todas as regiões são suas, vive debaixo de todos os climas, para que nenhum ponto da terra fique sem lhe ser tributario; e, em consequencia do providencial principio de divisão do trabalho, cada um em seu ponto procura colhêr a maior somma de productos, em troca dos quaes obtenha os dos outros, já que lhe não é impossivel havel-os.

Se todas as leis sociaes se fundam em principios absolutos, esta lei economica é mais um argumento que abona o meu proposito. Seja embora o pensamento um Ashaverus, o homem physico esse não; só o espirito é cosmopolita; que as nações tomam um typo caracteristico, proprio e sui generis, que se não

confunde, e somente o volver de muitos seculos lhe pode apagar as feições.

Pelo regicidio da infeliz Maria Stuart incorporou-se a Escocia á Gran-Bretanha: e a Escocia será hoje ingleza no corpo e na alma? succederá outro tanto á Irlanda? se o forem, perguntem á historia os annos que não custou a suffocar os ultimos arrancos d'estas duas nacionalidades. Veneza é austriaca pela força das armas, e vão já largos annos depois que o leão de S. Marcos deu o último rugido. A Polonia e Hungria gemem captivas, prostradas e vencidas, mas não convencidas; senão nós, nossos vindouros hão de ouvir dizer á Saboia que não é França, embora exausta, e enfraquecida, não póssa demonstral-o. Não se matam as nacionalidades, porque se não matam as glorias, não se matam as tradições, não se riscam da historia os nomes, as affeições não se riscam d'alma, não se desvinculam os laços moraes, não se elimina a memoria, não ha podêr que mate os factos, e estes são os monumentos das nações, a elles se affinam as nacionalidades e d'elles se alimenta o patriotismo.

Quem não reconhece n'este sentimento a origem de immarcessiveis glorias, de nobres arrojos e de heroicos feitos? Sem patriotismo nada de sociedade pois é elle a fonte de todas as virtudes civicas: nada de independencia porque a falta d'ella é a negação da existencia das nações.

Se ha paizes em que seja pronunciado este sentimento é sem dúvida o nosso um d'elles: cada um de seus filhos por mais que para longe se affaste seguindo os eventos d'uma vida agitada; percorra embora regiões longinquas, onde se extasie na contemplação das magnificencias d'arte, ou da natureza; sempre com saudade se lembra da sua humilde aldeia; e cada um na sua linguagem, rude ou sublime, segundo o seu engenho, mas sempre repassada da poesia das recordações, diz o mesmo que J. de Lemos disse com tanta inspiração na sua *Lua de Londres*, ou nas *Recordações de Coimbra*...

O Tamisa fazia ter saudades do Mondego e do Lima; as grandezas de Londres não davam ao saudoso poeta uma aldeia de Portugal; as ruinas do Collyseu, a sublime grandezza do Vaticano, a que Lamartine chamou a apothese do christianismo para d'elle inculcar uma ideia aos que nunca o viram, a patria das recordações, em que cada pedra é um monumento capaz de absorver todas as cogitações do homem mais pensador, nada d'isto foi bastante para fazer que um portu-

guez deslembrasse por um momento a sua patria; tão radicado n'alma lhe estava o amor d'ella.

J. de Lemos aqui não é um homem; é a personalisação d'uma ideia geral, d'um pensamento commum a toda uma nação. Em todos os tempos, os que mais se alongaram do seu paiz, em cata d'honra ou de riquezas, satisfeito o fim, poucos se demoravam no theatro das suas façanhas, ou de seus trabalhos: a sua aspiração suprema realisava-se voltando á metropole, onde só lhes era doce o gôso de suas palmas ou thesouros.

A patria é um sentimento, que assim como não morre n'alma dos individuos tambem não morre n'alma das nações: é uma ideia de todos os povos e de todos os tempos; senão congenita do espirito ao menos uma das suas primordiaes; creio n'ella como ponto de partida do progresso, como creram os que por ella se fizeram martyres ou heroes.

A patria foi a promissão d'Israel, e Israel como precursora das nações foi o symbolo das sociedades modernas.

A. C. da Silvea Mattos

EL-REI PERDOA

III

«Só vós, senhora minha, me podeis valer n'esta grande afflicção. Pedi a el-rei! todos sabem a magnanimidade de sua alma e o grande affecto que vós tem!... e deve ser tão doce e ledó o perdoar! a consciencia ha de ficar tão contente de si e tão contente com Deus, que perder ensejo de outorgar perdão, é desperdiçar o mais optimo dom que a Providencia deu aos que têm imperio para minorar d'elle as agruras e espinhos!

—Assim é, dona, mas vós sabeis que seu crime é feio... e el-rei, meu senhor e meu marido tem obrigação de punir os maus.

«Feio ha sido o crime; mas não foi, como já disse a V. A. por maldade, que elle o praticou. V. A. tem um filho, sabe pois quanto é grande, sabe que é immenso o amor de mãe; o de pai é igual: — e o infeliz não vê no mundo... para elle o mundo resume-se n'aquella filha. Não tem outra... desvairou d'amores por ella, que perdida, que loucamente apaixonada pelo fidalgo infame de Castella, foi por este seduzida na singeleza e innocencia de seu coração a arrastar o pae a tão fundo abysmo de desventura. Para castigo, para terrivel castigo são aos dois assás

as aperturas de coração, os remorsos pungentes que ha tres dias hão soffrido. Pedi, senhora, a vosso marido, pedi ao pae de vosso real filho o perdão d'aquella infeliz, que se perdeu pelos extremos de pae... Ha vinte annos, que as portas do mosteiro de Santos, como lousa de sepulchro, se fecharam sobre mim. Dos que habitam o mundo só me havia lembrado para rogar a Deus por elles. Julgava que nunca mais sahiria d'aquella sancta casa, que nada me iria desprender da cruz com que abraçada queria descer a terra d'onde provim; mas não o quiz assim a Providencia: laços de sangue e affectos de coração me obrigaram a fazer abrir ante mim aquellas portas do mundo que acreditava para sempre cerradas. E sahi, senhora; sahi da minha cella unicamente para vir lançar-me aos pés de V. A. para vir com lagrimas afflictivas banhar vossas reacs mãos, e supplicar-vos, que, pela prosperidade de vosso reino, pela vida de vosso filho, pelo sangue purissimo de Christo, alcanceis o perdão do infeliz pae de Carolina!... Ai! V. A. chora! perdoae-me o desgosto que vos causo; perdoae-me o atrevimento de vir aqui rojar-me a vossos pés, e maguar-vos com minhas lástimas; mas aquelles dois infelizes não têm ninguem mais no mundo; só eu lhes resto, e se não obter de V. A. o perdão do pae, não morrerá este só; ha de morrer tambem a filha, que as afflicções e os remorsos a matarão!...

Era assim, que, no dia seguinte ao da tourada, em um aposento da casa real d'Alcochete, a commendadeira Violanta, tendo conseguido licença do prelado de Lisboa para sahir por oito dias do seu mosteiro, prostrada ante a rainha, sollicitava com fervor o perdão do seu infeliz parente João Baço.

As últimas palavras disse-as tão cortadas de soluços e de prantos, com tão angustiada expressão e tão do fundo d'alma, que D. Leonor d'Alemcastro sentiu cortar-se-lhe o coração piedoso e bom; correram-lhe em fio as lagrimas que ha muito lhe assomavam aos olhos, e só com voz mal segura poude responder:

—Violanta, farei quanto poder para alcançar a vida de João Baço... mas não vol-a asseguro... sabeis que el-rei em tomando uma resolução ninguem o demove d'ella... contar-lhe-hei porém quanto me tendes dicto; e, talvez, sabendo que toda a preversidade foi do estrangeiro, e dos nossos só a illusão e desdouro, se amercie d'elles. Tende esperança; e aguardae-me ambas n'esta sala, rogando no emtanto á Sancta Virgem para que

eu possa persuadir á clemencia o espirito do rei.

Levantou-se e sahiu.

A rainha tinha dicto: — aguarde-me ambas; porque Carolina tambem alli estava; mas affastada das duas, quasi escondida e pros-trada n'um canto do aposento.

A pobre donzella durante a longa conversação, de que apenas o epilogo narrámos ao leitor, não tinha podido conservar-se na postura, que o ceremonial da côrte demandava; cahira meia desfallecida sôbre um tamborete, e alli estivera, despedaçando-se-lhe a alma de dor e de anciedade, a assistir áquella scena d'onde dependia a vida de seu pae.

O que soffria alli, o que durante tres dias tinha soffrido não é facil dizel-o. Ella, que na louca exaltação de seu amor tudo arriscára para salvar a vida do d'Avilez, tinha sido por este cruelmente enganada. O castelhano tinha faltado vilmente a todas as promessas. Fugira da igreja na primeira hora da segunda vigilia nocturna, e embarcára logo. Com bem fingidos pretextos persuadira pae e filha a deixarem-no embarcar só, promettendo-lhes que antes do alvorecer mandaria um batel buscal-os a terra; e apenas a bordo fizera levantar ferro, e sahira a barra, deixando assim os dois desventurados expostos á cholera d'el-rei. Tinha d'est'arte practicado para evitar a companhia dos dois, para não cumprir a promessa de casamento feita a Carolina, para mais negro tornar seu feito, como lhe pedia a negrura da alma.

E a donzella, na praia, abraçada ao pae livido, trémulo, desvairado, mas silencioso, vira através das sombras da noute o alvarento vulto da vela que fugia. Conheceu então quanto era vil e abjecto o espirito, que julgava nobre e generoso, do homem que tinha amado. Desde esse momento o amor converteu-se-lhe em odio, pois viu que por elle perdêra o pae e trahira a patria. É que tambem o seu coração, que uma educação mystica tinha desvairado, não podia conceber senão extremos: d'um amor ardente, entusiasta, exaggerado passou a um odio profundo. Não lhe veiu porém ao pensamento, — nem para tal pensar a occasião era opportuna, — o desejo feio de se vingar. Envergonhou-se de si, e tornou-se-lhe asquerosa a lembrança do vil, que tanto amára.

E soffrêra, — soffrêra muito e muito; e esmagado sentiu o coração quando viu depois levarem prêso e em ferros seu infeliz pae.

Morreria com tantas maguas se uma luz de esperanza, — que é a mão de Deus que

nunca falta aos miseros nas maiores desventuras, — a não fôsse animar. Lembrou-se de ir a Santos, e tudo contar á commendadeira, sua segunda mãe, e que ella sabia amiga da rainha, que muitos dias ia passar longas horas entre as donas do mosteiro; unica pessoa que lhe podia valer em tão apertado e angustioso passo.

Foi; e os cuidados e desvelos de Violanta Nogueira obstaram a que se lhe partisse o fio da existencia tornado tenuissimo pela intensidade do soffrimento.

Agora estava alli com a vida quasi parada, esperando a volta da rainha.

A commendadeira de joelhos ante um painel da Virgem, suspenso da parede, era entregue completamente a fervorosa prece.

Correu assim largo tempo.

Finalmente a rainha voltou. As duas infelizes com um equal impulso de extrema anciedade foram a ella, ajoelharam, tomaram-lhe as mãos, e levantaram para D. Leonor os olhos supplicantes.

Era uma interrogação muda, mas dolorosamente expressiva. A rainha respondeu:

— Esperança, filhas! el-rei nada decidiu, mas tanto lhe roguei, que propenso ficou á misericordia. O caso vae ser julgado pelos desembargadores que ahi estão; interesse-me por vós: e eu mesma vou fallar a alguns d'elles.

Era a administração da justiça nos primeiros tempos da monarchia uma cousa simples; isenta dos longos debates, das finas subtilidades, das enfadonhas e immoraes morosidades, que depois o direito dos imperadores e dos pontífices, e os interesses dos juristas foram pouco a pouco introduzindo, desde o reinado d'Affonso III, e que, sempre augmentando-se, têm continuado até hoje.

Mas tinha então outro inconveniente igualmente grande e prejudicial aos povos, era a incerteza do foro, era a immensa variedade de legislação de foro para foro, era o arbitrio do nobre, ou do magistrado municipal ou real frequentemente substituindo-se á lei.

O caminhar da civilização tinha minorado de ha muito este último mal, mas as raizes derradeiras só lh'as arrancou o decreto de 16 de Maio dn 1832.

Na epocha da nossa historia, no reinado de D. João II, existiam ambos. Havia ainda as isenções e privilegios locais dos diversos municipios e senhorios; o infeliz infante D. Pedro, sendo regente, tinha publicado o nosso primeiro codigo de leis geraes, compilação util, mas sem methodo e incoherente,

de leis nacionaes e estrangeiras, onde a organisação e attribuições dos differentes tribunaes do reino se achavam mal e apenas esboçadas; novas leis d'Affonso V e João II tinham vindo augmentar a legislação patria; subsidiarios a esta os canones, sujeitos á vária opinião dos casuistas, e o direito romano, aclarado em um ponto, baralhado em mil outros pelas interpretações, glossas e controversias dos doutores italianos e nacionaes; finalmente superior a tudo isto o poder despotico, a vontade absoluta do monarcha.

O modo de administrar a justiça, de applicar aos povos toda esta multidão de leis participava da confusão, variedade e reciproca antinomia d'ellas.

O processo era ás vezes verbal e simples, como nos reinados do conde Henrique e de seu filho Affonso; outras, porém, revestia-se de todas as formalidades, de todas as minucias, que, em parte as relações mais complexas das modernas sociedades e em parte os interesses particulares, como já dissemos, tinham ido buscar ás leis imperiaes, pontificias e wisigothicas.

Havia, como hoje, instancias superiores e inferiores. Nas causas crimes de Lisboa e seu termo appellava-se para os sôbre-juizes da Casa do Cível, e do geral do reino para os tres ouvidores da côrte. Tanto d'aquelle tribunal, como d'estes magistrados se recorria em última instancia para a *Casa da Justiça*, tambem chamada, já n'esse tempo, da Supplicação, ou Relação da côrte, a que se junctavam muitas vezes os dois desembargadores, dictos do Paço, e a que o proprio D. João II frequentemente presidia.

Crimes havia, porém, não designados por lei, mas que por suas circumstancias eram julgados em primeira e unica instancia por este tribunal supremo.

O feito de João Baço estava n'este caso; a evidencia do crime, e a vontade do rei tinham simplificado e tornado tumultuario o seu processo.

Em quanto se passava entre a rainha, Violanta e Carolina a scena anterior, os desembargadores, depois de ouvirem a missa, que todos os dias de despacho lhes rezava o sacerdote da Relação, tinham preparado tudo para o julgamento da causa.

Já estavam na sala que haviam disposto para a audiencia, quando Ruy da Gran e alguns outros de maior influencia receberam recado da rainha para lhe irem fallar.

Accedendo a seu pedido, os desembargadores prometteram fazer quanto podessem,

e combinaram entre si o modo como procederiam. A rainha não era facil resistir, pois se não exercia, como nem pessoa alguma, preponderancia decidida no espirito d'elrei, era comtudo por elle muito amada, e todos em geral a respeitavam e lhe queriam muito pela sua grande caridade e mais virtudes, de que, ainda hoje, uma obra de importancia serve de prova, o hospital que fundou na villa das Caldas, denominada por isto, da *Rainha*.

Pelas dez horas da manhan D. João II entrou na sala da audiencia. Sentou-se n'uma cadeira de espaldar collocada ao tópo d'uma comprida mesa, a cujos lados se sentaram em tamboretos razos os dois desembargadores do Paço, o regedor, o chanceler e os outros juizes da *Casa da Justiça*. Sôbre a mesa havia muitos papeis, livros, tinteiros e uma ampulheta ou relógio d'areia, como determinava a lei.

Juncto d'outras mesas, ou dispersos na sala estavam advogados, procuradores, escriptores e officiaes subalternos da justiça.

Na phisionomia de D. João via-se severidade, mas não cholera; e aquella mesma era como um veu com que o rei pretendia occultar a clemencia para que n'esta hora lhe propendia o coração.

Momentos depois o reu foi introduzido na sala. Em toda a sua corpulenta figura se denotava quebrantamento do espirito. O rosto tinha-o livido, e leves estremecimentos lhe agitavam de quando em quando o corpo.

Foi lido o libello, cujos artigos de accusação se provaram pelo depoimento claro e incontestado de varios guardas, chaveiros e outros empregados do Limoeiro de Lisboa, que serviram de testemunhas. Mas todos tambem asseveraram o optimo procedimento anterior do carcereiro.

Interrogado este tudo confessou, defendendo-se apenas do amor que dedicava á filha e com a sedução que sôbre elle tinha exercido a astucia do d'Avilez.

A tristeza estava no rosto de todos; o crime era evidente, a defesa do reu quasi nulla, e direito sôbre o caso expresso. A lei então vigente dizia:... «*se o prêso foge por malicia, ou manifesta culpa do carcereiro, deve esse carcereiro a morrer por ello, se aquel que fugiu era accusado por tal maleficio, que se provado fôsse devêra de morrer...*»

Como salv-o?— e comtudo na mente de todos os juizes, rei e desembargadores, estava a compaixão pelo reu, e os rogos fervorosos de D. Leonor d'Alemcastro.

O licenciado Ruy da Gran levantou-se e pediu licença para defender João Baço. Isto ia talvez um pouco contra a ordem do processo, mas o rei disse que fallasse.

Então o célebre jurisconsulto n'um discurso conciso, mas eloquente, pronunciado com uma voz commovida e persuasiva, fallando mais dos affectos do coração, que das leis dos codigos, provou á evidencia, que o amor paternal tinha produzido uma allucinação, uma especie de loucura no espirito d'aquelle infeliz, o que tirava ao feito toda a criminalidade, pois a razão e com ella a liberdade lhe fugira do cerebro, e assim ficára sem imputação; lançou toda a vilania e odioso da acção sobre o fementido castelhano, e concluiu dizendo, que este se regosijaria ao saber da punição dos simples que illudira.

Todos estavam commovidos; porém o acto externo do crime era evidente, e a lei severa e inexoravel, mas lei, lá estava aberta sobre a mesa.

Procedeu-se á votação. Esta foi pública e verbal; metade dos juizes desembargadores foram do parecer que morresse, metade que fosse absolvido.

Então o regedor levantando-se e inclinando-se profundamente disse para D. João II: «Senhor, agora fica o feito em V. A. que o pode castigar como quizer.

N'este momento uma porta escusa da sala abriu-se, e D. Leonor d'Alemcastro, trazendo pelas mãos a commendadeira Violanta e a bella e desolada Carolina, entrou precipitada, mas magestosamente na casa da audiencia.

Todos se levantaram e inclinaram com respeito, menos o rei que ficou immovel na cadeira.

A rainha, impellido sempre após si as duas amarguradas damas, caminhou direita a D. João, e ajoelhou juncto d'elle; as duas ajoelharam tambem.

A um primeiro e rapido tumulto, que provocou na sala a vinda inesperada da rainha, succedeu um silencio profundo.

Tinha um não sei que d'augusto e imponente o grupo d'aquellas tres mulheres ajoelhadas em torno do rei. A figura de Violanta com as suas vestes religiosas era magestosa e ao mesmo tempo humilde; realçava a belleza da rainha o variegado e rico de seus vestidos, a posição submissa em que estava, e sobre tudo a acção caridosa que exercia; Carolina tornada pela dor e pela afflicção mais bella ainda do muito que já era, expremia em toda a sua figura uma supplica, uma palavra — perdão. E acima dos vultos das tres senhoras o aspe-

cto nobre e verdadeiramente real de João II. Este, vendo ante si supplicantes e de joelhos as tres damas, sentiu um arrepio de commoção percorrer-lhe os membros, e seus olhos exprimiram uma certa suavidade e compaixão. A rainha com uma voz cortada de prantos, bradava:

— Pelo nosso filho, senhor rei, perdoae áquelle infeliz pae! perdoae! perdoae!

As outras duas não ousavam proferir palavra, mas as suas lagrimas e choro fallavam de sobra.

D. João então com uma voz commovida, disse pausada e gravemente:

«Eu certo desejava muito castigar este homem por o caso que fez ser feio, porém o desvairamento que se conhece ter causado em seu espirito o affecto sancto do amor paternal, o muito que vós me pedis, senhoras, e os votos dos juizes serem tantos a uma parte como a outra, ao rei não pertence senão ir á parte da clemencia, e dar a vida; eu sou em lh'a dar, e dou a isso o meu voto, desejando muito o contrario.

Eis minuciosa e conscienciosamente escripta a pequena historia, que, pelo titulo que lhe demos, tinhamos promettido ao leitor. Talvez porém elle seja tão benevolente, que tenha curiosidade de saber o que feito foi das várias personagens que n'ella apresentámos. Descortezia seria da nossa parte não gastarmos mais alguns momentos em folhear os velhos manuscriptos e já alguns impressos dos fins do seculo XV e principios do XVI para o satisfazermos. O pouco que de tal trabalho colhemos eil-o em breves palavras.

Um mez depois de D. João II ter perdoado ao carcereiro, soube que o castelhano Avilez ria em Toledo, a bom rir, de João Baço e da filha, do rei de Portugal e dos portuguezes. A côrte estava em Santarem; e n'esse dia á tarde o filho d'Affonso V, passeando na muralha sobre a porta do Sol, encontrou o antigo carcereiro. Recolheu-se com elle á Alcaçova e a sós conversaram algumas horas. No outro dia João Baço sahiu da antiga Scalabis; e semanas depois Isabel de Castella estorcia-se de raiva ao saber que D. João d'Avilez tinha sido encontrado morto n'uma das ruas mais tortuosas, estreitas e immundas da sua capital.

Um anno mais tarde João Baço era contador da Fazenda em Evora, logar honroso e de renda que occupou até á sua morte, succedida muitos annos depois, em feliz abastança.

Carolina teve por si a protecção da rainha. Um genealogista da epocha descobriu-lhe não

sei que linhagem illustre, e a sua virtude e belleza a distinguiram entre as damas da côrte, onde esteve cinco annos; até que um nobre fidalgo da provincia, o senhor de Valle Rasquim a desposou e levou para as suas terras.

A commendadeira Violanta voltou para o mosteiro de Santos o velho, que foi mudado em paços reaes, passando a comunidade para o mosteiro de Santa Maria do Paraiso, entre o de Santa Clara e da Madre de Deus, e ahi depois de muitos annos morreu com cheiros de santidade.

Ruy da Gran, finalmente, foi todos os dias crescendo em valimento. O rei D. Manuel o nomeou compilador das suas Ordenações; e em 1520, por morte do doutor Ruy Botto, subiu ao eminente cargo de chanceler mór do reino.

Bernardino Pinheiro

A ENGEITADA

SOUMET

Fugindo meu somno afflicto,
Que não tem um sonho ledo,
Para os montes vim tão cedo
Esp'rar a luz do infinito.

Acordou n'esse momento
O debil passarinho entre a ramada:
Ao ver provida mãe dar-lhe o sustento,
Senti de pranto amargo alma banhada.

Porque não tenho eu mãe?!
Porque não sou igual ao passarinho
Que nos olmos suspende o ninho?
Sou na terra sem ninguem,
Não tenho um pobre lar!...
De todos n'este mundo abandonada
Fui, ao nascer, engeitada
Juncto á egreja do logar!

Votada por meus paes a tantos males,
De seus mimos não tenho ideia van,
E os filhos venturosos d'estes valles,
Não me chamam sua irman!

Da sesta eu não partilho os seus folguedos,
Á sombra dos arvoredos
Não tem logar p'ra mim o lavrador,
E só de longe posso contemplar
Ditosa essa familia juncto ao lar
Trocando affagos d'amor!

Para a ermida hospitaleira,
Chorando, caminha em fim;

O só logar... ao menos seja assim!

Onde eu não sou estrangeira
Áquel'que se não fecha para mim.

Contemplo muita vez no logar sancto
A pedra, em que esta vida começou,
Buscando os signaes do pranto
Que minha mãe, comigo alli deixou.

E muita vez meus passos descontentes
Conduzo onde se dorme um somno fundo:
Mas são p'ra mim os campos indiff'rentes,
Que não posso achar parentes
Nem entre os mortos, nem aqui no mundo.

N'este martyrio tão feio
Eu choro ha quatorze annos engeitada!
Oh! corre, minha mãe, que inda te espero
Na pedra, em que então fui abandonada!

Não poudo muito esp'rar de maguas cheia
Chamando pela mãe finou chorosa.
Contam que uma estrangeira em certo dia
Toda de lucto appareceu na aldeia
E foi piedosa
Buscar no cemiterio triste lousa;
Mas não a poudo achar, que a relva a encobria,
E ao certo ninguem disse onde é qu'ella repousa.

A. C. da Silva Mattos

SIN?...

Porque não dás que as niveas mãos te aperte?
Sou eu querulo velho
De mão senil e inerte?

PINTO RIBEIRO

Sósinha por aqui linda pastora!
Que faz? Porque é que triste assim vagueia?
O que pensa a sua alma? o que ella ancia
É saudade ou é sêde abrasadora?

Talvez—quem sabelá?!—tão fresca e loura
Que já n'algum casal d'aquella aldeia
Tenha presa essa vista que incendeia
A face com que a sua baixa e córa?

Ande... falle... o amor não vem da gente
Não somos nós que qu'remos ou não qu'remos?
—Ainda não sabe isso? Ai!... que innocente!

Veja lá! Se não ama não seremos
Felizes ambos?... não?—Pois se consente
Teremos junctos sós... o que não temos?

Alberto Telles

BIBLIOGRAPHIA

**Fructo da obediencia, drama em tres actos
por J. J. d'Almeida Braga**

Temos diante dos olhos o drama em tres actos, intitulado—*Fructo da obediencia*, producção recente do Sr. J. J. d'Almeida Braga, e já a terceira n'este genero, que o illustre auctor faz sahir á luz da publicidade.

Conhecedores da nossa incompetencia sôbre a apreciação de taes escriptos, vimos hoje á imprensa, de motu proprio e com a mão sôbre a consciencia, fazer estampar no papel o que sente o coração. Sem pretender, portanto, arvorar-nos em rispido censor, nem, por identica razão, proceder, armados do escarpello da critica, a uma autopsia minuciosa sôbre a obra sujeita, exporemos com toda a franqueza e candura o merecimento que achámos, e o gôsto que sentimos, ao ler pela primeira vez o drama referido.

O Sr. Almeida Braga, sem ir desenterrar as empoadas cabelleiras do seculo passado, sem fazer entrar em scena esses quadros tetricos e pavorosos, produzidos por assassinos, incendios, trovoadas, raios e coriscos, como ainda ha pouco estava em uso, cingiu-se completamente aos costumes da actualidade; e n'isto, em quanto nós, foi muito feliz, seguindo a vereda da moderna eschola dramatica, em perfeita harmonia com os preceitos estabelecidos por uma das mais respeitaveis auctoridades do seculo em que vivemos. Aludimos ao immortal V. Cousin, que, com referencia ao assumpto de que nos occupámos, diz o seguinte: «La loi de l'art dramatique est de ne point mettre sur la scene des pâles fantômes du passé, mais des personnages empruntés a l'imagination... animés, passionés, parlant et agissant comme il appartient à des homes et non à des ombres. C'est la nature humaine qu'il s'agit de représenter a elle-même sous un jour magique qui ne la défigure point et qui l'agrandisse. Cette magie, c'est le génie même de l'art.»

Além d'isto o pensamento que presidiu á elaboração do drama—*Fructo da obediencia*, é altamente louvavel, porisso que d'este resumbram vastos sentimentos da mais acrisolada moralidade.

O Sr. Almeida Braga soube pintar com muita naturalidade os perniciosos effeitos resultantes, já da libertinagem e da indocilidade aos prudentes conselhos d'uma velhice encanecida pelo gêlo dos annos, já ás consequencias dolorosas e amargas, filhas, quasi sem-

pre, d'um amor cego e obstinado. Condemna o luxo descomedido, por ser isto o que muitas vezes abre a porta ao vicio e á deshonra. Finalmente o joven escriptor veio sem dúvida prestar um relevante serviço á regeneração moral da sociedade: veio, sim, coadjuvar com seu valeroso e nobre auxilio os que, noite e dia, forcejam por lançar uma campa de bronze sôbre o barathro profundo do cynismo, degradação final da especie humana, onde a mocidade incauta e desatinada muitas vezes vae, por último, despenhar-se, depois de ter rolado de precipicio em precipicio, e de ter passado por todas as phases da desinvoltura e dissolução!

Folgaremos, pois, de ver em scena este drama (segundo a nossa humilde opinião) de tão bello gôsto, d'um enredo tão bem traçado, e escripto n'um estylo fluente e correcto. E oxalá que muitas pessoas do sexo amavel, destinadas pela natureza, quaes flores mimosas, para adornarem o jardim da vida, tomem por modelo aquella docil e obediente *Amelia*; e que muitos mancebos voluveis, immorigerados e recalcitrantes aos venerandos conselhos da velhice, se conttenham no insidioso caminho, que trilhou o desventurado *Arthur*!

É, como já dissemos, o—*Fructo da obediencia*—a terceira composição theatral do Sr. Almeida Braga: foi mais uma folha verdejante atada á coroa de louros, que já lhe cinge a fronte.

E se em todas essas producções litterarias do talentoso mancebo o claro brilhante d'um genio luminoso, similhante ao de Garrett, não brilha ainda, bruxuleia já.

Continue, portanto, o joven poeta e dramaturgo bracarense com trabalhos d'esta natureza, e não duvidámos que, um dia, o simples pronunciar de seu nome seja superior a quaesquer encomios.

Acacio de C. Fontes

MOSAICO

Maxima italiana. A justiça deve distinguir porque pune; a caridade confunde o criminoso com o innocente, e diz a innumeravel familia dos affligidos: quem quer que sejaes, se vossa alma se abysmou na dor, vinde beber á fonte das consolações.

Calae-vos, ou então dizei alguma cousa que valha mais que o silencio.

Pythagoras

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

Volume I



Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 600

N.º II — ABRIL 15 — 1861

Toda a correspondencia devera ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitéiras, n.º 19.

Anunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a producção

(Continuado do n.º 6)

As fortunas, que individuámos no artigo antecedente, datam do reinado de Henrique VIII, quando, supprimidos os mosteiros e extinta a auctoridade papal (1534), se distribuiram em Inglaterra por particulares os sete decimos de propriedade de raiz, que até alli eram da egreja. Foram esses galardões d'apostasias, que se trocaram com o andar dos tempos em verdadeiros principados dos oligarchas da Gran-Bretanha. *Welbeck-Abbey* do duque de Portland, *Woburn-Abbey* do duque de Bedford, *Rossie-Priory* de lord Kinnaird, *Dryburgh-Abbey* do duque de Buchan — e outras residencias senhoreaes, bem revelam nos nomes sua genealogia.

Alguns d'estes novos Crésos podem correr a posta por muitas milhas por entre dominios seus. O marquez de Breadalbane vae do seu castello ao mar, que lhe está a cem milhas, por meio de ininterrompidas fazendas, cujo senhor elle é; todo o condado de Sutherland, que as aguas do Atlantico banham por um lado e por outro as do mar do Norte, — todo o condado de Sutherland é pertença da familia ducal de Sutherland; e só em tórno do castello de Gordon possui o duque de Richmond trezentos mil acres de terreno. Uma das propriedades do duque de Cléveland é bipartida pela estrada real por espaço de vinte e duas milhas, e, afóra outros domínios immensos, têm o duque de Devonshire o de noventa e seis mil acres no só condado de Derby. O duque de Bedford conta por milheiros os predios que tem sitios em Londres; o mesmo se dá com o marquez de Westminster, cujo ré-

dito, ao que diz Aurelio Kervigan, se pode estimar em vinte e cinco mil francos por dia.

Ao pé d'esta colossal riqueza roja-se a miseria mais lastimosa. Uma raça, que, como Cain, parece maldicta, enxamea e referve em tórno dos mimosos da fortuna com o corpo myrrhado ás mãos da fome e a frente arada do halito da doença. Nuvens de crianças de nove a quinze annos infestam as ruas de Londres, vivendo de piratear ou indo passear sob as arcadas d'Adelphi a librê da prostituição. Assim industriados desde a mais tenra infancia, estes beduinos juvenis vão povoar as colonias e cadeias, onde já não cabem. As exportações de mendigos (*clearances*) não bastam a alliviar as municipalidades. As casas de trabalho (*workhouses*) são apontadas como matadouros legaes. Adolescentes d'ambos os sexos extenuados pelo trabalho de dezoito horas diarias respiram a morte nas tinturarias n'uma atmosphera malsan. As minas fazem lembrar os ergastulos; o *putter*, o *traper*, e o *driver* (a) suam ahi o suor de sangue antes de chegarem a ser homens. É a degolação dos innocentes; o sacrificio á sociedade d'hoje da sociedade que ha de ser.

Por outro lado, a accumulacção da propriedade rural tem feito rarear a povoação agricola. A grande propriedade e a grande cultura reinam promiscuamente em Inglaterra. O torrão fertilizado por cataractas de ouro, todo ahi se desata em abundancias, que é isto resultado de n'elle se fixarem grandes cabe-daes. O encanamento d'aguas, o enxugo de pantanos, as surribas, margações, e outros trabalhos d'alcance, que beneficiam as terras;

(a) Categorijs de crianças d'ambos os sexos que trabalham nas minas de carvão de pedra. O inquerito de 1841 mostrou quão triste era a condição d'estas creaturas; as medidas tomadas para a melhorar têm sido inefficazes.

os trilhos de debulhar, que tão grande economia dão na colheita dos pães, as máchinas de ceifar, os extirpadores, escarificadores, rolos e sementeiros de pá ou de cylindro, e toda a mais alfaia rustica aperfeiçoada; e até o melhor partido que se tira dos agentes animados pela mais completa divisão do trabalho — são o cortejo da cultura em ponto grande, e um privilegio dos capitaes avultados (a). Mas é justamente este poder mechanico apanagio da riqueza amontoada, que dá baixa áquella povoação agricola, que outro ganha-pão não tem senão o vigor dos seus musculos.

Accresce a isto que os pascigos tendem a generalisar-se pela vantagem dupla — de renderem mais com menor despesa; d'aqui o decrescer do número dos habitantes de Lairg, de Loth, de Kildonan, e d'outros sitios, como bem observa M. Mac Leod n'uma carta, que escreveu a mistress Beecher Stowe por occasião da visita, que esta fez a Inglaterra. Diz um publicista — *que percorreu uma propriedade de sete leguas de extensão, explorada por um só homem com vinte pegureiros a seu serviço*. O mesmo escriptor menciona outra propriedade de 30:000 acres, — *que dava pastagens aos rebanhos apascentados por sós onze pastores*. A marqueza de Stafford expulsou os seus rendeiros de 794:000 acres de boas terras, concitada pelo mesmo principio de auferir maior lucro com menor dispendio; principio que tem determinado no mesmo sentido toda a aristocracia ingleza.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

Influencia da mulher na civilisação

(Continuado do número 4)

ISABEL DE CASTELLA

Cêrca de meio seculo depois um homem, pobre, obscuro, desprezado — só rico d'uma ideia — atravessava as nações, fallando-lhes d'uma visão, e offerecendo aos reis e aos povos um mundo novo em troca d'um barco que d'inutil, lhes apodrecesse nos portos.

Os povos riam-se — apontando o visionario, com aquelle riso estúpido da turba que não intende, e os reis ouvindo no alto o ruido longinquo das gargalhadas das praças, chamavam o *louco* por um instante, e riam-se

(a) Tractaremos em artigo separado das relações da povoação com a grande e pequena propriedade, e a grande e pequena cultura.

tambem, riam como a turba... só com mais desprezo e escarneo.

Foram e serão sempre assim os reis: o povo — grande cerebro vão que só de seculo a seculo concebe uma ideia grande — tambem assim é: precisa primeiro morder a mão, que depois tem de beijar... mas estes são os verdadeiros reis...

Outras vezes, d'um só golpe decepa a mão que beijára largo tempo: é a vez dos falsos reis...

Ora este homem era um rei do futuro. Com uma mão sôbre o coração, e os olhos lançados para além do oceano, aonde, vestida com as galas e pompas do seu luxo tropical, lhe acenava de continuo a sua *amante*, deixava sereno ruirem em volta a si aquellas ossadas humanas, erguerem-se as tempestades d'aquelles odios: como das *outras*, dizia-lhe a voz do futuro que já lhe fallava n'alma, que tambem d'estas sahiria triumphador.

Era um *rei* aquelle, como só a intervallo de seculos os lança Deus ao mundo, semelhantes a esses cometas gigantes que por milienios medem o largo curso da sua clipse. Ao astro errante temem-no, a elle...

Estava guardado para uma alma de mulher, n'este solo abençoado da Hespanha, quebrar o longo captiveiro d'uma ideia de fogo, n'um cerebro que acabaria por consumir, se, passando a outro e outros não recebesse o último baptismo, a confirmação da verdade — a traducção nos factos.

Isabel, a mulher da Hespanha, soube comprehender a Colombo, o homem da humanidade.

O resto, o final da tragedia, ainda hoje não esqueceu á sympathia das almas que comprehendem o que é morrer por amor d'uma crença.

E depois, Colombo não devia sobreviver á execução da sua obra. Terminada esta, instrumento e operario deviam desaparecer, que já não havia em porto algum do mundo convez de navio digno de suster o grande *navegador!*

A America estava descoberta!...

Ha um nome, que tem de andar eternamente vinculado ao de Colombo: é o que teve o unico ser que no mundo o soube comprehender; o unico Cyreneu que, por ajudal-o, partilhou a sua missão, e sujeitou os hombros áquella cruz tão gloriosa mas tão pesada, d'uma ideia superior a um seculo.

Esse nome é o de Isabel.

Mulher, compadeceu-se d'um desconhecido, inferno d'uma crença, d'uma inspiração su-

blime: rainha, das alturas do throno, deu-lhe a mão, ajudando-o a escalar essa difficil cidadella do futuro. Com usura e generosidade lhe tem elle pago o que n'uma hora de sancto enthusiasmo concebeu e fez em seu favor: agora é Colombo que lhe alumia o vulto com um dos raios da sua gloria, lhe cinge a fronte com um louro tirado á sua: o forasteiro, outr'ora mendigo das côrtes, apresenta a rainha á posteridade!

Este é o melhor titulo d'esta mulher ao amor das gerações: mas tem outro ainda.

Quando a inquisição, essa Roma *pagan* na Roma catholica, que, á semilhança da Roma dos imperadores *lustrou* novamente a cruz com mais um baptismo de sangue, quando essa igreja de morte, aonde eram ministros, ministros da igreja do Christo, julgou que encontraria na Hespanha mais um circo para os seus espectaculos *dos christãos ás feras*; quando um rei fanatico constricto lhe offerecia novos campos que regar com o sangue generoso de seus filhos; quando julgavam a victoria certa, houve ainda uma voz na Hespanha que bradasse ao colosso «não!» houve um peito de mulher que se oppozesse ás hordas dos fanaticos, quo irrompiam na península, brandindo a cruz como se fôra instrumento de morte.

Esta voz, este peito de mulher, eram de Isabel a *catholica* (a).

Pobre mulher! luctou muito, assaltada por todos os lados, gemeu, chorou... venceram-na por fim... venceu-a o seculo! mas foi nobre aquella lucta, nobre e generosa. Aquella derrota tem o valor d'um triumpho; cobre-a de louros immortaes. Quando se tem força para luctar assim com uma epocha, em nome d'esta grande ideia moral «o amor dos homens», é-se mais do que heroe... é-se martyr.

É porisso que a memoria d'esta mulher bem merece da Hespanha e do mundo.

(Continúa)

Anthero do Quental

UMA HISTORIA DE TRES DIAS

I

Foi esse um bello tempo: tem uma linda historia: queres ouvil-a? Vem, querida amiga, sentar-te em meus joelhos: cinge com um teu braço o meu pescoço, entre as minhas põe a tua mão direita, e muito unidos, para que

(a) Sr. Herculano, *Historia do estabelecimento da inquisição em Portugal*.

ninguem mais ouça o meu segredo, escuta que é uma deliciosa historia. Que bem que nós estamos! Só assim é que podem contar-se cousas d'estas.

II

Ha tantos annos já, que apenas me lembro de quando isso foi; mas o fio da historia, com todas as suas impressões e incidentes, é que ainda me não esqueceu. O coração parece tambem ter sua memoria. Foi n'um tempo em que eu ainda era moço e tão moço, que apenas começava a olhar de perto a vida. Tinha sahido do primeiro temporal; mas já meus dias corriam como as ondas d'um lago, que, se o vento o encrespa, vae sem furia adormecer na praia: fui batido pelos aquilões; mas, flexivel planta, verguei ao passar do vento: cessou a tempestade e eu ergui-me fresco e moço ainda.

III

Doce era a bonança, abandonei-me a ella, O meu ceu não tinha nuvens, não temia que chovessem lagrimas. Luz nos ares, harmonia nas aves, flores nos prados, frescura nas aguas, tudo me dava um campo, em que a minha alma se dilatava tanto, que ora deixava de intrançar-se nas aguas para pousar nas flores, ora deixava de enlevar-se nas harmonias das aves para ir namorar as estrellas. Já me havia bafejado a amargura d'uma experiencia; mas, se me arrancou lagrimas, verti-as como tributo á infancia: affoguei com ellas esse passado pouco deleitoso para que me não lembrasse mais.

IV

Quando nos conhecemos, idolatrada amiga, eu era como a ave que se viu prisioneira e recobrou a liberdade. Experimenta as azas, e vôa... vôa até se convencer de que é livre: pipila, trina, depois gorgeia ledos cantos e canta um hymno á liberdade; e por fim cansada dos vôos e dos cantos, quando quer pousar e busca um ponto conhecido, paira sem tino, esvoaça indecisa, e chega quasi a ter saudades da prisão, quando se encontra só no meio da festejada liberdade.

V

Eu era feliz; mas não achava um echo á minha felicidade. De que vale uma harmonia se não tem onde possa reflectir-se? Era pequeno para as minhas impressões, tinha necessidade de duplicar o coração. Sabes quando me senti mais sosinho? Foi n'um dia, em que vi que a um sorriso correspondia um sorriso, que uma falla despertava a harmonia d'outra

falla, que a mesma belleza produzia duas admirações accordes. Então sonhei-te.

VI

Era um dia de rosas. Os raios do sol penetravam tibios até ao chão, através da ramagem de magnifica floresta. As arvores n'uma parte erguiam-se magestosas attestando antiguidade de seculos, n'outra pomposas e cheias de luxo e vida mostravam-se no vigor dos annos, e outras como cançadas de estar por muitas gerações em pé vergavam decrepitas para o chão que as viu nascer para dormirem uma vez folgado somno. O silencio era imponente: as vozes, como que para não quebral-o, fallavam em segredo. Havia alguma cousa alli de tão intimo que instinctivamente se olhava para o lado procurando alguém que nos comprehendesse. N'aquelles logares é que se via o que seja solidão.

VII

Minha alma estava inquieta. Com ouvido attento escutava a mudez de tanto silencio, com olhar prescrutador interrogava o sombrio da floresta; e nem um som, que me callasse no coração, nem um olhar de sympathy, que se encontrasse com o meu. O espesso da ramagem tinha encoberto o ceu: olhava para cima, e apenas a espaços podia descobrir um cantinho d'azul. Era uma prophesia, de que depois somente pude ler no mysterio. Minha alma estava inquieta; mas não da inquietação da dúvida. Aquelle azul denunciava esperanza, e ver mais terra do que ceu dizia onde essa esperanza tinha de realisar-se.

VIII

Quem me diria então que te havia de encontrar tão perto? Quando cheguei ás partes mais desaffogadas da floresta; que vi mais luz e mais ceu, minhas vistas cahiram sobre aquellas ondulações de verdura, que se alabastram na planura do monte, que se requebram pelo pender das encostas, que se incurvam nas sinuosidades dos valles e fenecem depois de mil graciosos accidentes, ora encapellando-se em fórma de alterosas vagas, ora abaixando-se quaes dormentes ondas. Quiz soltar um grito de surprehendida admiração, quiz dizer a quem estivesse ao meu lado:— olha que magnificencia! que bellos contrastes de sombra e de luz, de silencio e de vida! mas eu era só em meio de tudo isto. Quem sabe se n'essa hora não senti uma attracção occulta, que me chamava o coração para onde estavas? O mundo alargava-se diante de meus

olhos como um círculo immenso: o panorama era indiscriptivel; tinha formosuras que se contemplam e não se fallam, nem o pincel as reproduz. Conheces os logares não é assim? tens-lhe visto as bellezas: escuso de as afeiar com má pintura.

IX

Anhelar amores, eis a historia de todo aquelle dia. Disseram-me o teu nome, saudei-o e não te conhecia ainda: nunca nos tinhamos encontrado e já ouvia fallar de ti com interesse e quasi com enthusiasmo. Ás vezes a nossa alma arroja-se a tão alto que chega a descobrir um canto do futuro. Adivinhei que estavas a dous passos de mim? O certo é que não te conhecia e amava-te.

X

Em outros tempos não comprehenderia a possibilidade d'isto. Como se ama antes de conhecer o objecto do nosso amor? Foi talvez a doçura do teu nome que em minha alma despertou meus sonhos de poesia? Quando, em vãos anhelos, meu coração pulsava, sonhando divindades, phantasiando um paraíso, debuxava sempre no horisonte, uma cabeça loura, uns olhos vivos, umas faces de neve e de rosas, mas imaginava que era isto alguma recordação d'um bello nascer ou pôr do sol, porque d'aquellas côres se adorna o ceu em taes momentos. O teu nome similhava em meus ouvidos a harmonia que uma fresca aragem produz ao enlaçar-se nas ramagens, quando bafeja com os sópros com que a aurora apaga as estrellas, ou com as caricias com que o último raio do sol embala a natureza, antes de todo adornecer.

XI

Lembras-te? Quando te encontrei já tinha o coração muito cheio de teus encantos. Vi-te e logo me pareceste a porção d'alma que me faltava; mas duvidava tanto da verdade que antes quiz crer-te visão ou sonho; por me parecer impossivel que fôsses mulher. Acreditei no meu phantasiar de poeta que Deus tinha sorrido para mim e que tu eras aquelle sorrir. Olhei para o ceu; punha-se o sol: as cambiantes de luz de seus raios a desmaiar davam uma harmonia de côres, que principiando na vastidão do horisonte vinha acabar em ti. O mar como espelho reflectindo a luz traçava no occidente uma facha branca; acima refulgia outra d'ouro, mais acima purpura, depois azul e no zenith um ceu de azeviche. Olhava para ti e via as mesmas côres. Não queria mover-me para que se não eclipsasse tão bella

imagem. Fallaste, ouvi-te e de todo me esqueci de olhar para o ceu, concentrado em nova, íntima e indefinível contemplação.

XII

Escondeu-se inteiramente o sol: morreu de todo a luz, e eu via-te ainda: tal era a impressão, que me tinhas causado. A ventura, que permittiu que nos encontrássemos, fez o milagre de não nos separar tão cedo. Era de noite: nós caminhavamos junctos: a minha admiração por ti crescia: ainda nossas mãos se não tinham encontrado, e eu já estremecia só com imaginar o seu contacto. Mais te escutava o coração, de que os ouvidos, quando se me coava n'alma o harmonioso timbre da tua voz: na tibia luz da noite seguia com interesse o teu vulto: quando o espesso das arvores completava as trevas, seguia-te pela conversação, que eu animava, para não deixar de me arrobar da tua presença: tremia a qualquer accidente do terreno, receando que podesses dar um passo em falso. Que noite! Eu seguindo uma mulher que via pela primeira vez; seguindo-a com interesse, com entusiasmo, com delirio: tive medo de que tudo aquillo não fôsse um sonho. Pedi a Deus que me não acordasse.

(Continúa)

A. C. da Silva Mattos

O CALVARIO DA MINHA TERRA

É uma pequena encosta, de pouco declive, voltada ao nascente. Lá no cimo alveja uma pequena capella, juncto da qual se levanta um grande nicho, em que se memora na quadra o sacrificio cruento da cruz. Por detraz d'este, a mansão dos mortos, um cemiterio!...

Mas que temos, direis vós, leitores, que temos nós com o calvario da vossa terra? E o que tendes, pergunto eu, com tantos logares, de que tanto vos fallam? O que tendes, por exemplo, com o tão decantado *penedo da saudade*.

Se vos dissessem simplesmente — o penedo da saudade é uma grande bacia povoada de oliveiras, entre as quaes se avistam a espaços alvejantes casas, dirieis talvez: poderá ser um bonito sitio, mas achámos que não vale a pena entreter os leitores só com isto. Mas é que vos não dizem só isto; dizem-vos porém: o penedo da saudade é um logar, que prende alma e coração, um logar, em que se sente a *doçura amarga* da saudade, em que se ex-

perimenta esse sentimento, que é ao mesmo tempo *pungir e delicias*:

“... gôsto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir d'acerbo espinho”

que é um *agro doce*, que se infiltra n'alma de todos aquelles que alli vão.

O poeta vae lá beber inspirações, que traduz em harmoniosos versos, que gostaes de ler, e que vos accendem n'alma o desejo de visitar tal logar para sentirdes o que o poeta sentiu, ainda que depois não saibaes, como elle, transmittir aos outros esses sentimentos.

Pois o meu calvario tambem tem alguma cousa de semelhante; o meu calvario tambem é digno de ser cantado por poetas, que alli receberiam igualmente inspirações, com que poderiam ir fazer vibrar o sentimento em corações ainda os menos sensiveis.

Ser poeta é uma ventura.

O poeta, que se deixa inspirar, quando já não pode reprimir essas inspirações, que lhe refervem n'alma, reveste-as de uma fórma harmoniosa, que ferindo com suavidade o ouvido commove o coração. Quantas vezes não arranca elle do íntimo d'alma abundantes lagrimas, que se gosta de chorar!... oh! — que muitas!... e então ama-se o poeta, que nos fez sentir com elle, que nos abriu a fonte do sentimento para o deixar correr em gôstos ineffaveis; ama-se o poeta, que nos arrebatou, que nos enlevou alma e coração, e que queríamos ver alli para o abraçarmos e lhe agradecermos o beneficio que nos fez!...

Voltemos porém ao meu calvario. Alli tambem se sente alguma cousa, que não sei bem definir: não é amargura, nem tambem gôsto alegre, é um mixto de prazer e tristeza, é suave melancholia, é um sentimento vago, que, repito, não sei definir.

Mas não é só isto. Alli suggerem-se ideias graves, como o destino do homem, que o cemiterio nos lembra, e sublimes, como o Creador, a que se referem: é o calvario!... e n'isto que pensar vae!... Um cemiterio!...

Alli, na voragem dos tumulos se têm sumido as gerações, que passaram; alli ha de pousar sôbre nós a pedra fria da campa, quando o espirito, que Deus nos soprou, se desprender do corpo, que o agrilhoava, e o deixar cadaver!... Alli nos desaparecem todos os dias as nossas mais caras affeições!... Pae, mãe, irmãos, amigos, eis alli para todos o destino último!... último?!... mentira... blasphemia!... A pedra da campa guarda alli só um pedaço de barro, mas o espirito, esse foi-se a comparecer na presença do seu creador,

e quando fôr o dia final o pó dos tumulos animar-se-ha de novo, vencendo a morte, que o tombára na campa!... Não!... o homem não fica cinza nos tumulos!... passa no mundo como por um destêrro para depois ir gôsar o extremo de felicidade, a que incessantemente aspira, se o crime lhe não pungiu a consciencia com o espinho do remorso até á hora do passamento!... A lousa pesada e fria desceu sôbre elle na sepultura, mas só para o roubar a este mundo, que do outro lá ficou aberta a entrada!... do outro, do futuro, do sem fim!... É o que nos ensina uma religião pura e sancta, é tambem o de que nos adverte o sentimento.

Debatam-se os philosophos nas suas theorias ácêrca da immortalidade da alma, cancem-se embora, que nunca a arma da intelligencia, o raciocínio, lhes ha de revelar o que vae d'além da campa. Não é para a intelligencia limitada sondar segredos taes. Mais nos diz o sentimento, que nos faz aspirar ao infinito.

Este nunca saciar-se do coração humano com os bens da terra é a revelação d'um destino, d'uma vida futura. Se não cabemos no mundo é que alguma cousa nos chama fóra do tempo e do espaço. Vejo a immortalidade, quando sinto desprender-se-me a alma do que é da terra para voar a regiões, que não conhece! Ha d'estes momentos assim, em que os interesses do mundo deixam a alma por um pouco livre nas suas aspirações ao infinito. O mesmo incredulo, o atheu, o impió devem ter d'estes momentos, se as paixões ruins lhe não embotaram de todo o sentimento.

Mas para o homem de fé pura, para aquelle, a quem a corrupção e o vício não obliteraram ainda do coração as pias crenças, aquelle sentimento aviva-se ahí pelas recordações do logar. É o calvario!... e n'elle subiu o filho de Deus ao alto da cruz, d'onde manou o sangue, que, sôbre resgatar a humanidade, fecundou a semente das sans doutrinas, d'onde se derramou a luz, que, só, venceu as trevas da ignorancia no que mais interessa ao homem, e tão densas eram ellas, que não poderam theorias de philosophos afugental-as.

Senão vede; attentae com uma rápida vista d'olhos no estado do mundo na epocha, em que Christo veio a elle. Roma, a suberba Roma (e era ella então quasi o mundo conhecido) que se pavoneava na gloria de tantas conquistas, que se enriquecia á custa dos vencidos, que gemiam opprimidos debaixo do jugo ferreo de seus dominadores, Roma, repito ainda, achava-se involvida nas densas trevas da idolatria, vivia n'uma atmosphera

de corrupção e de vício, e as doutrinas, que os philosophos de então ensinavam, longe de terem a virtude de purificar aquella atmosphera tão infecta, pelo contrario a tornavam mais carregada de negras côres.

Escravizam-se as raças, opprimem-se os pobres, degrada-se a mulher, que Deus creou por companheira ao homem para se lhe insinuar no coração com aquella delicadesa de sentimento, que a caracteriza, e ir-lhe lá acalmar a febre das grandes dores, que nos deparam as tribulações da vida, dominam por toda a parte, e em todos os ânímos a corrupção e o vício, as paixões vis e ignobeis, e no meio de tantos males não se levanta uma voz bastante forte, que apregoando a virtude, a faça fructificar.

Jesus Christo apparece, arvora-se a cruz no calvario, e do alto d'ella raiou a luz da verdade!... do alto d'ella manou o sangue, que fez germinar e fructificar a virtude!... do alto d'ella desceram á terra a liberdade, a fraternidade e a caridade!...

Dizei-me agora, leitores, dizei-me se o meu calvario com o que alli se sente e com as recordações, que suggere, não é para dar inspirações. Eu creio que sim, e certo que, se eu fôra poeta, o meu calvario seria mais conhecido.

Abel Pereira do Valle

A BAJADA

ἀνέμοιο θύελλα
HOMERO

Oh! não vejaes rolando as negras-nuvens
Pelo ambito do ceu invólto em sombras
Aos uivos da tormenta!
Erguidos torreões, põe medo vel-as
Crescer ou baquear na treva esparsas,
Que mais se incobre e augmenta!

—
Oh! fugi! Sólto o vento o ar percorre
E da curva floresta açouta os cimos!
É triste a sua voz; varrendo a areia
Rápido vóa na aza da procella
De polo a polo sacudindo a nuvem.
Como a onda, que o mar á praia atira,
Bate elle o muro, que estremece e geme,
Aos troncos de ao redor pedindo apoio.
Sombrio, como o inverño, aponta ao longe;
Vem carregado, lento o vulto informe
Cheio d'estrondos, d'aguas, de lampejos...
Mas vem sereno agora... apenas brame!
É um sussurro grave e cavernoso,
Como o rugir da terra incendiada
Pouco antes do vulcão se abrir em chammas.

Mas temei-o a tempo! o ar convulso
Treme em volta e recúa; muge a terra;
A aza da ave nocturna corta o espaço,
E some-se nas sombras...: de repente
Desata o furacão a voz medonha,
Abala, açouta, alue, desfaz, derruba,
E no seio das trevas passa horrisono
Com a fôrça do infinito, e o espaço abrange!

Oh! não vejaes as sombras da floresta,
Quando o trovão rebomba na montanha
Com as mil côres ardentes!
Pára confuso o palpitar da veia,
Põe medo o ceu, a voz do sul é triste,
Como o ranger de dentes!

Tambem minha alma aos sôpros arquejantes
Do vento, que nas trevas se espanja
As nuvens arrastando,
Estremece com as scenas do passado,
Que a pungente saudade lhe recorda
As lagrimas contando.

Porque vem o infortunio d'outras eras
Junctar sua dor aos sustos do presente,
Gemer co'a tempestade?
Deixae rugir o espaço! as nuvens negras
Rolem sósinhas no ambito horroroso
Com tôrva magestade!

A. L. dos Sanctos Valente

AMAREI NA SOLIDÃO

Sim, alli, alli teu gesto
E teu riso lisongeiro
Viverão até que exhale
Meu suspiro derradeiro.

PINTO RIBEIRO

Se a paz da campa, d'esta vida o termo,
Do peito, em breve, me não tira a dôr,
Quero o retiro, a solidão do ermo,
Onde, sonhando, viverei de amor.

É lá que pôsso, levantando altiva,
Serêna fronte que o descreer pendeu,
Scismar na sorte, na ventura esquiva
Que nos teus labios um sorrir me deu.

Fugaz sorriso de que a van saudade
É fundo espinho de cruel pungir;
Ai! virgem meiga, tem de mim piedade,
Seja outro riso meu feliz porvir!

Dá-me outro riso... que no peito sinto
Exhausta a seiva que d'amor gozei;
Teus olhos volve... ledro pranto extincto
Brilhar-me pode por ditosa lei.

A flor do prado, quando aurora pura
Seus doces prantos com amor lhe deu,
Mais mimo e graça, mais gentil frescura
Ostenta á vista que a seus dons prendeu.

Assim da esp'rança flor mimosa ainda
No triste peito pode ter vigor;
Sê tu, donzella, minha aurora infinda,
Sê minha estrella de vivaz fulgor.

Mas se a desgraça tem de ser-me vida,
Sem nos teus labios encontrar paixão,
Se a esp'rança tenho de sentir perdida
Qual sêcca folha que só cobre o chão:

Quero, donzella, a solidão do ermo
Onde sonhando viverei por ti,
Que lá não sinto da saudade o termo
Lá vive a chamma que d'amor senti.

L. C. Simões Ferreira

Carta ao Sr. Alberto Telles de Ultra-Machado, em resposta á sua, sôbre o meu livro — UM POETA

Seria summamente ingrato se logo não viesse com estas poucas linhas á luz da publicidade agradecer-vos de coração as vossas delicadas expressões, que altamente me honram pelos doces elogios que encerram, infelizmente immerecidos.

Foste sobremaneira generoso para com o meu pobre livro, poeta, agradeço-vos; pois que se vós o analysasseis bem, ou antes, se quizesseis pôr-lhe em relêvo todos os seus defeitos, oh! que sem dúvida haviéis de apontar-lhe número bem maior do que apontaes na carta, que vos dignaste dirigir-me. Mas, poeta, quando as censuras, embora agudas e amargas, são d'uma pessoa, como vós, que possuis uma alma nobre e verdadeira, um coração elevado e generoso, e que só censuras para instrucção do escriptor e não com o fim do descredito e de lançar uma nodoa na sua reputação, então estas contém tantas, ou quasi tantas doçuras como os proprios elogios. E vós tambem me desculpaes, porque direi: «ninguem começa, geralmente fallando, por onde os outros acabam. Fôra injustiça o esperal-o, loucura o exigil-o».

N'outro logar da vossa carta dizeis: «apure-se o sentimento, vibre a existencia intima do author com as dolorosas provações da cruz que a todos opprime, e tenhamos fé, que nos dará um dia obra mais bem acabada e mais

perfeita». Ai! poeta!... parece-me que não! parece-me que jámais tereis o prazer ou o desgosto de terdes páginas, como as que ha pouco arremecei aos escólhos da publicidade. Só Deus sabe, poeta, o quanto me pungiu e maguou o íntimo d'alma o ter que lançar á praça pública doces recordações que deveriam viver comigo e só comigo, até que a morte um dia me viesse cerrar as palpebras. Mas!...

Outra carreira provavelmente me espera, onde em breve terei que entrar com bastante pesar meu, por ser um pouco tumultuosa e difficil, e meu genio natural muito solitario e triste ama os prazeres do silencio e a amenidade do socêgo e do descanso.

Porém, illustre mancebo, sabeis muito bem que a sociedade tem suas exigencias, que o homem se debate com as circumstancias, e que alfim é sempre vencido por ellas e que em Portugal não se pode ser litterato de profissão (excepto os Cresos) diz Castilho, e não deixa de ter razão: «Eu porém em boa e leal verdade não prégo a ninguem para que seja poeta ou litterato por vida em Portugal».

Mas continuae vós poeta, continuae a percorrer essa carreira que tão brilhantemente encetaste e que tanto vos promete. Tendes já alcançado bastantes palmas que virentes vos adornam. Continuae a proseguir n'essa senda de flores e espinhos; não descorçoéis, que além vos esperam corôas, que sem dúvida haveis de alcançar. A sociedade espera muito de vós, tendes talento e conhecimentos, por isso coadjuvae-a, que ella, a infeliz, bem necessita, já desferindo aos seus ouvidos na vossa lyra magas notas de poesia, já apontando-lhe com a vossa habil e esperançosa penna para os horisontes luminosos do futuro, fazendo-lhe crer e amar o que encerram estas sublimes palavras — *progresso, liberdade, fraternidade*.

Perguntaes-me como intendo eu estas expressões que se encontram no meu livro. «Era poeta porém não descria do progresso».

Pensaes vós, porventura, que tenho para mim que todos os poetas são *retrogradados* e descrentes do progresso? Não, não creio em tal, poeta. Eu escrevi assim, porque assim podia escrever; porque factos e exemplos desgraçadamente baseavam as minhas expressões. Escrevi aquellas palavras, porque Chateaubriand descreu do progresso, porque Lamartine descreu do progresso, porque um grande genio d'esta nossa terra que a morte já nos roubou com grande e profunda mágua dos verdadeiros amantes da liberdade e da litteratura romantica, vacillou inclinando-se

a negar tambem o progresso. Ora isto com relação aos tempos modernos, porque se remontarmos a essas epochas anteriores ao christianismo havemos de ver que os poetas de então não o admittiam, nem o conheciam, me parece, nem o poderiam admittir em face da sua philosophia toda fatalista, e no fatalismo, creio eu, não ha progresso, porque este presuppõe, como pedra angular, que lhe sirva de ponto de apoio no seu caminhar incessante, a liberdade, e esta ideia está manifestamente em opposição com a de fatalismo.

Todavia, poeta, apesar d'aquelles sublimes genios que acima citei fazerem um péso enorme sobre o meu espirito, eu não posso, nem me é possivel podêr abraçar as suas ideias sobre o objecto em questão. Deploro amargamente as aberrações d'esses grandes ingenhos, d'essas estrellas fulgurantes que hão de scintillar sempre no ditoso ceu da Europa, e tomo-as como uma excepção que não sei como explicar, porque eu tambem penso como vós que muito bem dizeis: «o poeta é, por excellencia, o crente»... «que é o poeta senão o louco, o visionario, o sonhador sublime?»

Eu, joven litterato, tambem ainda na primavera da vida compartilho as vossas boas ideias, que são as do seculo; compartilho-as até com enthusiasmo; creio tambem no progresso, creio na revolução, creio na liberdade, creio e anelo por melhor futuro para a humanidade; adoro tambem o *en avant* da philosophia humanitaria, por excellencia, sonho com elle e adormeço muitas vezes meditando sobre as suas bellas páginas, todas repassadas de fé, de crenças e esperanças; e se ellas são um sonho, como dizem esses espiritos, que, cheios d'uma presumpção vaidosa, mas ignorante, se dizem *practicos*, antes sonhar sempre assim que despertar aos tristes e funebres pios d'essa ave agoureira (Eugenio Huzar) que para cá nos envia a viração da noite para eterno horror da humanidade!

São estas pois as minhas crenças dos vinte annos, por em quanto bem vivas e bem firmes, e Deus queira que um dia mais tarde o sópro ardente e abrasador do scepticismo, m'as não venha queimar e lançar por terra, o que temo immensamente porque os exemplos são tantos!...

Adeus, pois, illustre poeta. Aceitae estas linhas como testemunho do mais profundo reconhecimento e consideração pela vossa carta. — Vosso do coração

Julio Manso Preto